

RESENÇA

ÓRGÃO DA SECRETARIA DE CULTURA, DESPORTOS E TURISMO DO PIAUÍ
ANO VIII • 19 • TERESINA, MARÇO/DEZEMBRO DE 1987



Entrevista:
Alberto Tavares Silva

Resistência e Luta dos Escravos no Brasil

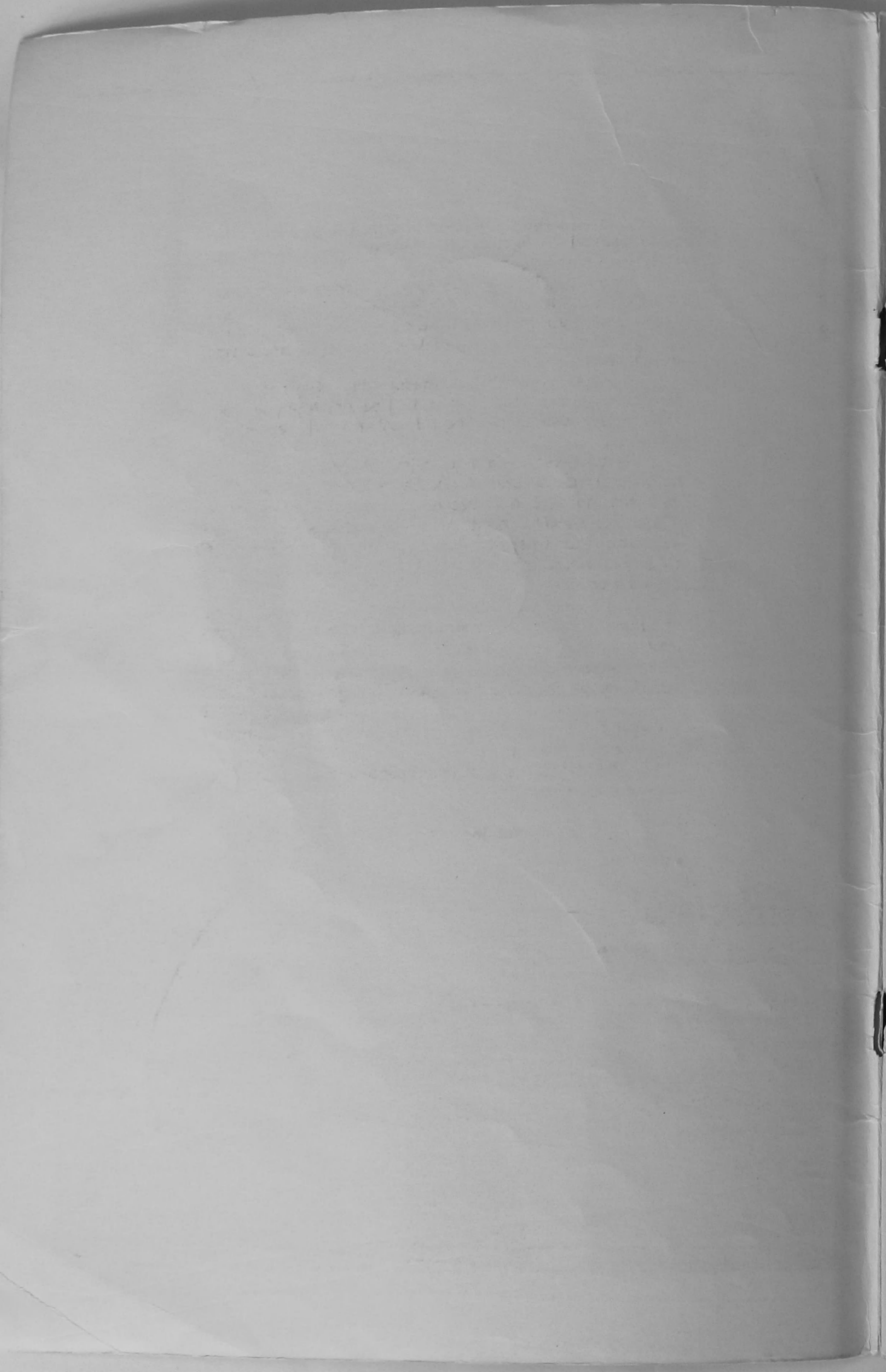
Salão de Humor do Piauí:
irreverência e risos

Pequena Contribuição ao
Estudo de Celso Pinheiro

O Produto Cultural Alternativo
dos anos 70 em Parnaíba

Encontro sobre Política Cultural no Piauí.

A Política de Preservação no Piauí.



Não há como, no processo de criação, dissociar a criação de seu criador, o qual, por sua vez (salvo raras exceções), reflete a sociedade em que vive.

A revista "Presença" não se propõe a ser um sinal de reforma no panorama cultural no Piauí e, tão pouco, revela vocação para a rebeldia contra a opressão e os opressores.

Até que ponto estamos evidenciando, neste número, uma mudança de rumos?

A entrevista com o Governador Alberto Silva era previsível e justa face ao que fez (e faz) pela cultura piauiense, além de ser uma oportunidade de sabermos de seus planos e sonhos.

Não se discutindo o que seja "acadêmico" ou "moderno", claramente é possível perceber na nossa "Presença" um arabesco, no mínimo conseqüente, no qual, fruto de velhas e novas convenções no mundo, as matérias selecionadas têm fulcro no fazer a verdade, nas histórias, que vêm das raízes da nossa cultura, algumas delas, sintonizadas com o futuro que está por vir.

Diz-se em Teresina (e, no Piauí, seria diferente) que a cultura corre o risco de envelhecer à falta de oportunidade e espaço para nascer e sobreviver à cultura nova.

Esperamos que dos novos e dos velhos "brasões assinados" nestas páginas surjam possíveis caminhos para convivência e transição democrática numa área plena de beleza e tragédia, pois são tantos os recursos humanos e ínfimos os recursos financeiros.

Importante é estar pela independência, disposto a abrir mentes e corações.

Israel José Nunes Correia

PRESENÇA

Órgão Oficial da Secretaria de Cultura,
Desportos e Turismo do Piauí

Governador do Estado do Piauí
Alberto Tavares Silva

Secretário de Cultura, Desportos e Turismo
Israel José Nunes Correia

Presidente do Conselho Estadual de Cultura
Benjamin do Rêgo Monteiro Neto

Superintendente:
Maria do Socorro Borges Chaves Castro

Coordenadora:
Sônia Maria Setúbal da Cunha e Silva

Conselho Editorial:

- Zenon Rocha
- Herculano Moraes
- Hardi Filho
- M^a do Socorro Rios Magalhães
- Glória Freitas Sandes
- Lauro Correia de Andrade

Relações Públicas:

- Sônia M^a de Sousa Nogueira Paranaguá

Datilógrafa:

- Maria do Socorro de Oliveira Sousa

Colaboradores:

Geraldo Borges, Hardi Filho, Alce-
nor Candeia Filho, Lauro Andrade Cor-
reia, A. Tito Filho, Francisco Miguel
de Moura, Noé Mendes de Oliveira, Al-
cília Afonso Albuquerque, Helena Arco-
verde, Nerina Castelo Branco, Paulo
Machado, Cinéas Santos, Elmar Carva-

lho, Glória Sandes, Carlos Alberto
Granja, Celeste Said, A. J. Coubé, Da-
goberto Carvalho Jr., Eleazar Moura,
Tobias Pinheiro, Benjamin do Rêgo
Monteiro Neto, Claudete M^a Miranda
Dias, Ramsés Ramos, Dácia Ibiapina,
Clóvis Moura e Vanda Margarida da
Fonseca

Endereço da redação

Praça Marechal Deodoro, 816 - Centro
Fone 223-4656
64.000 - Teresina - Piauí - Brasil

Os conceitos e opiniões aqui emitidos,
são de responsabilidade exclusiva
dos autores dos textos.

Planejamento gráfico, composição,
fotolito e impressão

Companhia Editora do Piauí - COMEPI



SUMÁRIO

Entrevista:

Alberto Tavares Silva 06

A Política de Preservação no Piauí

Alcília Afonso Albuquerque 11

Monólogo de um ex-pracinha

Geraldo Borges 25

Resistência e Luta dos Escravos no Brasil

Claudete Dias Miranda 28

O Sonho Não Acabou

Dácia Ibiapina 46

Depoimento: 48

Cinéas Santos

Uma Ficção do Real

Encontro sobre Política Cultural do Piauí 49

Pequena Contribuição no Estudo de Celso Pinheiro

A. Tito Filho 52

A Batalha da Praça da Sé e outras Batalhas

Francisco Miguel de Moura 54

Salão de Humor do Piauí

irreverência e risos 56

XI Encontro de Folguedos do Piauí

Helena Arcoverde 62

Trilogia Fluvial

Clóvis Moura 69

Amor

Enigmas

Paulo Machado 71

Nossa Capa

Governador Alberto Tavares Silva

Governador Alberto Tavares Silva, em entrevista à coordenadora da revista *Presença*, Sônia Maria Cunha e Silva, aborda aspectos da produção cultural do Piauí e a importância do patrimônio histórico e artístico para preservar e resgatar o valioso acervo cultural do Estado do Piauí.



Alberto Silva

PRESENÇA: Como Vossa Excelência vê a situação cultural do Piauí?

GOVERNADOR: Com boas perspectivas. O governo do Estado através da Secretaria de Cultura, dará todo apoio ao desenvolvimento da Cultura piauiense.

PRESENÇA: No atual governo de Vossa Excelência, em relação ao plano editorial do Estado, através do Projeto Petrônio Portella, há previsão de aumento do número de publicação e de maior apoio aos novos escritores?

GOVERNADOR: A publicação de livros será aumentada e haverá maior oportunidade de os escritores piauienses verem seus livros publicados.

"A publicação de livros será aumentada e haverá maior oportunidade aos escritores piauienses"...

PRESENÇA: Os artistas que fazem teatro piauiense desejam saber se no plano de governo de Vossa Excelência, para 88, consta a criação de uma Escola de Teatro, a nível de 2º grau, pois trata-se de um antigo anseio da classe, vez que proporcionará a credibilidade do artista perante o público.

GOVERNADOR: A Escola de Teatro e a Escola de Artes Plásticas serão criadas na minha administração para atendermos anseios dos artistas.

PRESENÇA: Como Vossa Excelência vê a questão da preservação do Patrimônio Cultural piauiense? E quais são as suas metas em relação à preservação do nosso acervo?

GOVERNADOR: O patrimônio cultural do Piauí será preservado, tombado e restaurado para não perdermos a nossa identidade cultural, a nossa memória.

PRESENÇA: Senhor Governador, por que não determinar a reedição de obras imprescindíveis para o conhecimento da história do Piauí, como a "Cronologia" de Pereira da Costa e "História da Literatura Piauiense de João Pinheiro"?

GOVERNADOR: No 1º Plano editorial do meu primeiro governo, reeditou-se a 2ª edição da "Cronologia Histórica do Piauí" de Pereira da Costa, considerando o livro básico da história piauiense, hoje esgotado e que terá a 3ª edição lançada pelo Projeto Petrônio Portella, juntamente com a publicação da 2ª edição do livro a "História da Literatura Piauiense de João Pinheiro.

PRESENÇA: Há previsão de reformas de espaços culturais já existentes, ligados à Secretaria da Cultura?

GOVERNADOR: Claro que há. Estão sendo reformados os prédios do Museu do Piauí e do Conselho Estadual de Cultura; em seguida, passando por reformas o Arquivo Público e o Theatro 4 de Setembro. Daremos também sede própria à Academia Piauiense de Letras cuja obras terá início no próximo ano.

PRESENÇA: Senhor Governador, sabe-se perfeitamente que no Piauí existe uma geração cultural que produz e contribui para nossa cultura desde 1970 até os dias de hoje e que tem seguidores ou sucessores. É uma geração de formação empírica, feita apenas com muito amor à arte. O que Vossa Excelência tem a oferecer a essa ge-



Alberto Silva

ração de produtores culturais, a curto prazo?

“O governador do Estado, através da Secretaria de Cultura irá promover em 88 as festividades do “Centenário da Abolição da Escravatura”.

GOVERNADOR: Oportunidade. Por isso, colocamos um jovem secretário que está administrando com inteligência, garra, criatividade e com democracia a Secretaria de Cultura.

PRESENÇA: Senhor Governador, diante de nossas carências e limitações, o que o Governo do Estado tem a oferecer para o Piauí explodir musicalmente, como já ocorreu com a maioria dos Estados brasileiros?

GOVERNADOR: Já liberamos cerca de 2.000.000,00 para a produção do LP "Cantares" que será lançado em janeiro de 88 e

dispomos de 1.000.000,00 para sua divulgação além de promoção de shows de artistas piauienses nas capitais nordestinas e participação em programas de TV do sul do país.

PRESENÇA: Senhor Governador, como estão os preparativos para comemorar no Piauí, o "Centenário de Abolição da Escravatura" em 88?

GOVERNADOR: O Governador do Estado, através da Secretaria de Cultura, irá promover em 88 as festividades do "Centenário da Abolição da Escravatura" em nosso Estado com apoio do Ministério da Cultura, tendo por finalidade dedicar o ano de 88 no Brasil às manifestações afro-brasileiras, e promover "uma reflexão conjunta com toda a sociedade brasileira sobre o maior do componente da sociedade brasileira — o negro".

Uma página na história da cultura piauiense

Lauro Andrade Correia
Presidente da Academia
Parnaibana de Letras

A Sociedade realizava obrigatoriamente duas sessões mensais, na primeira e na terceira segunda-feira de cada mês, sem prejuízo de outras sessões extraordinárias.

As sessões ordinárias aconteciam, nas noites de segunda-feira, no salão da Biblioteca Pública Municipal, que àquela época era realizada na esquina da bi-secular Praça da Graça, onde hoje se encontra o edifício sede da Municipalidade.

As sessões extraordinárias eram realizadas no salão do Cassino 24 de Janeiro, tradicional clube social da cidade, cujo edifício posteriormente demolido cedeu lugar ao importante prédio da Telepisa.

A Sociedade Parnaibana de Expansão Cultural promovia, ampliava e estimulava a criação de organizações culturais em nosso meio; incentivava a inteligência local; auxiliava, quando possível, a publicação de livros dignos de seu amparo; publicava a revista "Cultura", cujos exemplares conservo encader-

nados, e nela divulgava trabalhos literários e os Discursos de Recepção dos novos sócios, sob a denominação de Discurso do Recipiendário e Discurso de Saudações, como o fazem as Academias de Letras do nosso País; mantinha Comissões Permanentes para desenvolver as Ciências, as Letras e as Artes, denominadas Comissão de Ciências, Comissão de Letras e Comissão de Artes.

Os 22 (vinte e dois) Sócios efetivos fundadores, em 15 de Novembro de 1948, se elevaram, gradativamente, atingindo 31 (trinta e um) Sócios em Novembro de 1952.

A Diretoria da Sociedade se compunha de 5 membros: Presidente, Vice-Presidente, 1º Secretário, 2º Secretário, Bibliotecário-Tesoureiro, tendo exercido a presidência no biênio 1948/1950 o Mestre Edison de Paz Cunha, no biênio 1950/52 — Lauro Andrade Correia, no biênio 1952/54 — Padre Antonio Monteiro Sampaio.

Recuemos quatro décadas, e nos situemos na Invicta Cidade do poeta Ovídio Saraiva de Carvalho e Silva — primeiro rebento da literatura piauiense na área da poesia.

Vivíamos o ano de 1948, quando vinte e dois intelectuais parnaibanos, na data da Proclamação da República, fundaram uma entidade cultural, sob a denominação de **Sociedade Parnaibana de Expansão Cultural**, cujos Estatutos, no parágrafo único do artigo primeiro, assim definiam os seus objetivos³

"Art. 1º — Parágrafo único — É sua finalidade cultivar as ciências, as letras e as artes, sob qualquer aspecto, nos cenários parnaibano e piauiense, e durará ela por tempo indeterminado."

No artigo terceiro, ao tratar dos sócios, os Estatutos estabeleciam uma estrutura análoga à das Academias de Letras do país:

"Art. 3º — A Sociedade Parnaibana de Expansão Cultural se compõe de quarenta (40) membros efetivos perpétuos, dos quais trinta (30) pelo menos, residem nesta cidade; e de trinta membros correspondentes, com residência nos demais Estados da Federação ou no estrangeiro."

Há um detalhe curioso a evidenciar: dentre os 31 sócios efetivos da Sociedade Parnaibana de Expansão Cultural, cinco vieram a ser sócios fundadores da atual Academia Parnaibana de Letras; são eles Alberto Tavares Silva, António Monteiro Sampaio, Cândido Almeida Athayde, Lauro Andrade Correia e Raimundo Fonseca Mendes, o que constitui numa razão a mais para afirmarmos que a Primeira Academia de Letras da Parnaíba, fundada em 1948, com um interstício em seu funcionamento, ressurgiu mais vigorosa, mais atuante, com força para prosseguir na estrada da Cultura, testemunha viva de que a cidade é invicta.

Aquela época, uma outra entidade cultural surgiu e floresceu sob a presidência do magistrado e literato Manoel Felício Pinto; era a Associação Parnaibana de Letras.

Continuemos a escrever sobre a nossa Academia Parnaibana de Letras, a APAL como abreviadamen-

CULTURA

Revista da

Sociedade Parnaibana de Expansão Cultural

Volume 10 - Número 1

1985

1985

1985

ÍNDICE

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	-----

1985

te denominamos.

Ela surgiu sob a **inspiração**, a **idéia inicial** do nosso inesquecível confrade José Pinheiro de Carvalho — **idealizador da Casa de João Cândido**, o qual, reunindo mais cinco companheiros — Fontes Ibiapina, Alcenor Candeira, Anchieta Mendes, Maria da Penha e R. Fonseca, integrantes da **Equipe Fundadora**, concretizou, através de ata lavrada, a criação da nossa instituição cultural, no dia 28 de julho de 1983, data especial no calendário acadêmico, pois representa o **Dia da Fundação da Academia**.

O 19 de Outubro, dia magno do Estado, é outra data importante no nosso calendário, pois registra o **Dia de Instalação da Academia**, com seus **30 Sócios Fundadores**.

A primeira Diretoria, durante o biênio 1983/85, teve como Presidente — J.N. Fontes Ibiapina e como Secretário Geral — José Pinheiro de Carvalho, os quais foram reeleitos para o biênio 1985/87.

Dado o falecimento do Presidente Fontes Ibiapina, o confrade José de Anchieta Mendes Oliveira foi escolhido e assumiu a presidência até o término do segundo mandato, em 31/07/87, tendo como Secretário Geral o confrade Caio Passos.

A atual Diretoria, para o biênio 1985/87, tem a seguinte composição:

Presidente
Lauro Andrade Correia

Secretário Geral
Alcenor Rodrigues Candeira Filho

2º Secretário
Caio Passos

Tesoureira
Maria da Penha Fonte e Silva

2º Tesoureiro
Raul Furtado Bacelar

Bibliotecário
Edmeé Rego Pires de Castro.

— O lema de nossa instituição, durante o biênio 1987/89, é "Participação e Integração".

Participação, no âmbito interno do sodalício, de todos os confrades na vida administrativa e cultural da Academia.

Integração, da Academia à comunidade parnaibana, levando a sua ação de fonte produtora e divulgadora de cultura ao Campus Universitário, aos Colégios de 2º grau e aos intelectuais da cidade.

Participar e integrar são diretrizes básicas permanentes, às quais cumpre crescer e realçar a **União dos Confrades**, alicerçada no mútuo e indispensável respeito.

Deixamos todos os confrades, à porta do sodalício, as divergências pessoais por ventura existentes, as competições político-partidárias e as convicções conflitantes no terreno da religião.

A compreensão, o respeito e a união contribuem ao êxito do nosso trabalho e ao engrandecimento de Academia, que pertence a cada um de nós, responsáveis que o somos, não apenas pela sua sobrevivência, mas pela vontade de fazê-la maior, e lega-la às gerações futuras como uma instituição a mais a honrar e engrandecer a mui amada cidade da Parnaíba e a cultura do nosso Piauí.

— O nosso Plano de Ação ou Programa de Trabalho para o biênio 87/89 abrange 24 metas administrativas e culturais, de ordem interna e externa, que estimariamos divulgar nesse ensejo, deixando de fazê-lo, e citando apenas duas dentre elas:

“**Meta nº 15 — Bens Culturais da Cidade** - Propugnar pela preservação dos bens culturais da Parnaíba, entre eles: Casa Grande, Palacete Vista Alegre, Catedral, Cajueiro de Humberto de Campos, Centro Cívico, Almanaque de Parnaíba, Rádio Educadora de Parnaíba.”

“**Meta nº 24 — Estalecer intercâmbio cultural com entidades congêneres especialmente com a Academia Piauiense de Letras, a Academia de Letras de Vale do Longá, e a UEB - União de Escritores do Brasil-Secção do Piauí**”.

A nossa Academia cumpre as suas atividades, buscando atingir as suas metas, em consonância com a Secretaria de Cultura do nosso Estado, atuando em paralelo, pelo engrandecimento da cultura piauiense.

Somos agradecidos ao apoio recebido do Governador Alberto Silva, através da Secretaria de Governo, do Secretário Israel Correia, através da Secretaria de Cultura, e do Secretário Armando Madeira Basto, através da Secretaria de Imprensa.

JAYME
LEAO




**XI MOSTRA DE
TEATRO AMADOR DO**

IPAUÍ

**THEATRO 4 DE SETEMBRO
de 14 a 22 de dezembro**

FETAPI
INACEN
CENACEN
SBT
minC

SEPLAN
SEC. CULTURA
SEC. EDUCAÇÃO
FUND. MONS. CHAVES
 GOVERNO
ALBERTO SILVA

A Política de Preservação no Piauí

Alcilia Afonso Albuquerque
Diretora do Patrimônio Histórico
e Artístico no Piauí

Refletir um pouco a respeito de uma política de preservação no Piauí é o objetivo deste artigo. Será que existe realmente, no nosso Estado uma civilidade, um modo hábil de intervir na preservação do acervo cultural piauiense?

O ACERVO...

O Piauí tem uma história ligada ao ciclo do Couro, a uma colonização feita por bandeirantes paulistas, portugueses, baianos, pernambucanos que convivendo com os nossos índios Tremembés, Tapuias originaram o tipo característico piauiense, que é o caboclo. Nas fazendas, a figura mais presente era o vaqueiro e que até os dias atuais marca a paisagem do interior piauiense.

O produto desta relação do homem com o seu meio vai ser bastante simples, porém muito significativo. Como exemplo, podem ser analisados aqui, as casas de fazendas existentes no Piauí. São construções em pedra ou em taipa, com pés-direitos altíssimos, meias paredes, avarandados, pisos em tijoleiras, estrutura de telhado em carnaúba, ou seja, são edificações adaptadas à reali-

INTERVENÇÕES

No Piauí, de um modo geral, o trabalho legal de preservação tem ocorrido em três níveis. A nível municipal, temos em Teresina a fundação Monsenhor Chaves, iniciando um trabalho, tendo realizado alguns tombamentos, não existindo porém, uma legislação municipal nem uma organização administrativa que respalde o processo de preservação. A nível estadual, temos o trabalho do PHAN-PI (Patrimônio Histórico, Artístico e Natural do Piauí), departamento da Secretaria de Cultura do Estado, que já há algum tempo vem desenvolvendo um trabalho de cadastramento do acervo estadual, propostas de tombamento, projeto de restaurações e publicações para alertar e informar as pessoas que são as principais responsáveis pela conservação do patrimônio cultural piauiense.

A nível federal, o escritório técnico da SPHAN/Pró-Memória vinculado à Diretoria Regional, sediada no Maranhão, tem realizado um trabalho muito importante de cadastramento dos sítios arquitetônicos e arqueológicos do estado, formando, desse modo, importante acervo fotográfico e documental em geral.

Mas, até que ponto este trabalho tem sido levado a sério pelas pessoas que poderiam interferir de uma forma mais direta, fazendo com que as idéias fossem realmente colocadas em prática, com "que as coisas acontecessem?"

Após discussões realizadas no 2º Encontro Nacional de Preservação/Arquimemória, ocorrido em Belo Horizonte durante o mês de agosto, os técnicos que trabalham com a preservação chegaram a algumas conclusões:

"A preservação é um ato essencialmente político", ou seja, é necessário que o Estado, o município intervenham no processo, fazendo com que as pessoas se conscientizem a respeito da importância dos nossos bens culturais, e elaborem legislação rigorosa de proteção nesses níveis, bem como uma organização administrativa, afim de que o acervo seja documentado e que a atuação seja um trabalho sério e eficiente.

Não é somente o Estado que possui obrigações para com a preservação. Nós é que somos os principais responsáveis pela manutenção de uma tradição piauiense. Não é uma questão de "Regionalismo", nem de ir contra o processo de modernidade atual. Trata-se de termos a cidade moderna, mas com uma tradição, sem perda da identidade cultural própria de cada sociedade.

Enfim, a política de preservação envolve todo um processo, e para que isto aconteça é imprescindível que haja uma consciência social, uma vontade política, uma legislação rigorosa de proteção e intervenção e uma organização administrativa, principalmente a nível de município.



Fachada casarão de fazenda

dade sócio-econômica e cultural do local no qual as mesmas estão inseridas. São produtos de um meio, das condições existentes naquele momento, que utilizam a mão-de-obra local, soluções simples e materiais nossos.

O acervo cultural piauiense é fácil de ser reconhecido e é ainda resguardado um processo de "progresso". Felizmente, ainda possuímos paisagens naturais belíssimas, despoluídas e de certa forma isoladas do "crescimento devastador".

O problema maior está em Teresina, capital planejada, onde se constata uma sede devastadora de "progresso" e também, um incrível desprezo pela memória. Aos cento e trinta e cinco anos de idade, a cidade, hoje, já perdeu mais de 80% de suas edificações mais antigas, existindo pouquíssimos exemplares perdidos num emaranhado de edificações de "Gosto Duvidoso".

A especulação imobiliária fala mais alto que o sentimento de preservação da identidade cultural do povo que vive na cidade...



Lateral do casarão

Ensaio

O Produto Cultural Alternativo dos anos 70 em Parnaíba

(1ª Parte)

Alcenor Candeia Filho

Com o presente trabalho, desejo fixar, numa visão histórica, analítica e objetiva, o que foi e o que significou, em Parnaíba, o produto cultural alternativo ou marginal dos anos 70, expresso através da poesia e da atividade jornalística.

Parto do princípio de que foi e é da maior importância para a história cultural de nossa cidade a atividade intelectual, gerada sob o império do arbítrio, desempenhada em Parnaíba, nos anos 70.

poesia do Campus

1. Introdução

No ensinamento do saudoso mestre Alceu Amoroso Lima, toda manifestação intelectual fica circunscrita a um elemento "primacial" e a um elemento "circunstancial", implicando o primeiro a idéia de liberdade criadora, enquanto o elemento circunstancial se reflete na soma de estruturas e movimentos sócio-político-econômicos, que gera o ambiente dentro do qual a liberdade criadora pode agir. "Suprimir — são palavras textuais do mestre — um dos dois elementos, um como causa (a liberdade criadora), outro como condição (os elementos necessários para que a liberdade se manifesta), é ficar —, sem uma explicação unilateral ou factiosa do aparecimento das obras que marcam o surto de uma cultura literária e artística, em geral" (1).

Pois ora muito bem; no Brasil, a cronologia histórico-cultural da década em apreço registra fatos que não deixam de refletir-se no trabalho dessa geração, que, por circunstâncias alheias à sua vontade, ficou marginalizada do processo político do País: 1970: assassinatos e prisões arbitrárias de padres e estudantes; a guerrilha urbana começa a ser dominada; 1971: Morte do chefe terrorista Carlos Lamarca; regressam de um exílio da Inglaterra Caetano Veloso e Gilberto Gil; 1972: suicídio do compositor e poeta piauiense Torquato Neto; 1973: a ARENA consagra o General Ernesto Geisel seu candidato à Presidência da República; 1974: posse de Geisel na Presidência; condenação



ELMAR CARVALHO
J. L. DE CARVALHO
ADRIÃO NETO
ANTÔNIO DE ALBUQUERQUE MONTEIRO
JOSE DE RIBAMAR FERREIRA
WILTON DE MAGALHÃES PORTO
PAULO DE ATHAYDE COUTO

do Deputado Francisco Pinto a seis meses de prisão; Chico Buarque de Holanda, reagindo à censura, lança o LP Sinal Fechado; 1975: morte, nas dependências do DOICODI de São Paulo, do jornalista Vladimir Herzog; 1976: morte, em decorrência de tortura policial, do operário Manoel Fiel Filho; aprovação da Lei Falcão, colocando um esparadrapo na boca dos políticos; atentado a bomba contra a Editora Civilização Brasileira; 1977: fechamento do Congresso Nacional, por tempo determinado, com base no Ato Institucional nº 5/68; 1978: revogação do AI-5, que havia dotado o Executivo de poderes absolutos, como jamais ocorrera no Brasil; eleição, mais uma vez pela via indireta, do General João Baptista de Figueiredo para a Presidência da República;

importantes greves em diversos pontos do País; 1979: posse do Presidente Figueiredo; decretação de anistias; retorno de exilados políticos.

2. A Rebeldia Jovem Através da Imprensa Alternativa

2.1 - "O LINGUINHA é um jornal que talvez não valha nada, mas em tudo que vai mal, quando pode, dá porrada".

Foi nesse clima de nebulosidade e de terror, quando estavam suprimidos no Brasil os direitos fundamentais do homem, que surgiu, exatamente na noite que marcou a passagem do ano de 1971 para o de 1972, jornaleco O LINGUINHA, que, graças principalmente à sua

linguagem de irreverência geral, se tornou, então, o mais procurado dentre os órgãos de imprensa escrita desta cidade.

A história de O LINGUINHA, o primeiro jornal marginal do Piauí, remonta a julho de 1971, quando Elmano Carvalho, Gervásio de Castro Neto e Alcenor Candeira Filho idealizaram um jornal que, agressivo e marginal, deveria espalhar os anseios da juventude parnaibana, inconformada com tudo e com todos. Pretendiam um jornal que, sem a mínima dependência econômica ou política de quem quer que fosse, denunciasse os defeitos e podridões das instituições sociais.

Mas foi nas derradeiras horas do ano de 1971 que o sonhado jornal ganhou de fato as ruas. Colaboradores: Bruno Pires, Elias Júnior, Renato Machado, Alcenor Candeira Filho, Antônio Oliveira Neto, Luis Prado Júnior, William Gennison.

O lançamento do primeiro opus foi um sucesso. Recebendo, por paradoxal, o incentivo da imprensa tradicional da cidade, como se no íntimo ela tivesse vontade de apresentar os aspectos inovadores e ousados que o novel jornal apresentava — os (ir) responsáveis por O LINGUINHA, empolgados, lançaram o opus 2, o 3, o 4. A partir daí começaram as divergências entre alguns colaboradores. Elias, divergindo de Antônio Oliveira, pulou lá fora, pra depois voltar, firme e forte. Regina Celeste Martini passou a prestar inestimável serviço ao jornal, ao tempo em que Renato Machado deixava o grupo, no que seria, pouco mais tarde, seguido por Bruno Pires. Antônio Oliveira Neto retorna a Belo Horizonte. Evandro Mourão e Pigmeu dispuseram-se logo a trabalhar no jornaleco. O mesmo fizeram Raimundinho Arraia e Elmano Carvalho. Foi a época em que o jornal, tomando posições extremamente irreverentes e avançadas, passou a ser tachado de imoral, de pornográfico, de sujo. Os incentivos da início cessaram. Não podendo mais ser mimeografado no SESC, o serviço gráfico passou a ser feito então no SESI, cujo Superintendente era o Prof. Benedito Jonas Correia, que nunca negou apoio ao grupo. Alguns medalhões de Parnaíba, temendo a "nudez forte da verdade", quiseram acabar com O LINGUINHA. Contudo, um prestigioso oficial da Marinha, servindo então nesta cidade, como Capitão dos Portos do Estado, impediu que acabassem com o jornal, a respeito do qual afirmaria, em entrevista, tratar-se de um órgão de comunicação que permite "que determinados problemas venham à tona, para serem equacionados. Uma forma de comunicação

de uma geração que quer renovar, forçando um diálogo com a geração dominante". Note-se que estas palavras do Comandante Humberto Teixeira de Aguiar foram ditas em pleno Governo Médici, época em que a liberdade de expressão era quase que totalmente inexistente no País.

Presentemente, depois de quase quinze anos da estréia de O LINGUINHA, ainda é de se interpretar as palavras do Capitão Humberto como corretas. Criticando a tudo e a todos, esses jovens representavam no início dos anos 70 uma geração que queria forçar uma renovação dos valores morais, políticos e culturais.

Hoje, pergunta-se: que conseguiu O LINGUINHA? Foi útil? Inútil? nem útil nem inútil, antes pelo contrário?

A resposta, esta é difícil de ser dada. O LINGUINHA nem sempre cumpriu o destino idealizado por seus corifeus. Vários foram os erros, alguns grosseiros, em que incorreu. O maior, sem dúvida, foi todo o OPUS 6. Que há nele que se aproveite? Nada, nada, absolutamente nada.

Nos demais números, também se publicaram coisas horrendas, originadas principalmente das irresponsabilidade de seus proprietários, que somente se reuniam, para pensar e realizar o jornal, no dia anterior ao em que circularia. Para um jornal que procurava primar pelo aspecto crítico, e não noticioso, isso significa uma lástima.

Outro erro dos mais graves do jornaleco aconteceu quando da bolação do personagem que representaria O LINGUINHA. Quem primeiro chamou a atenção para o detalhe foi o Elmano, que por carta asseverou: "...logo que tive o primeiro contato...de cara, de cara, eu vi o desenho do Linguinha e não gostei. (...) Logo de início, repito, o desenho não correspondia. Explico: (o desenho) tinha lá um guri de, seus doze anos, penteado com bastante brilhantina, bem perfumado, camisinha limpa... e como diria o Denner: um luxo. Qualé...ô, sei não mas...pô, se é pra desenhar uma coisa qualquer na capa, por que não fizeram o Einstein? aquele guri num tá com nada".

Mas no meio de tanta coisa imprestável, houve também muita coisa boa. As entrevistas com o Cap. Humberto Teixeira de Aguiar e com o famoso Prof. Hélio Gomes, mestre maior de Medicina Legal no Brasil, foram boas. Todos os "molotovs" do OPUS 2 estavam ótimos. As críticas "Cinema" que o Egito publicou nos dois primeiros números feitos no Rio(2)...

Houve outras coisas boas, outras Ruins.

O pioneirismo, o desejo de exaltar a sublimidade dos sentimentos humanos, o rompimento com o academicismo anacrônico, a rebeldia contra o sistema dominante — tudo isso concorreu de forma decisiva para justificar o surgimento de O LINGUINHA e reservar-lhe um lugarzinho na história da cultura parnaibana nos anos 70, não obstante sua existência efêmera (janeiro de 1972 a janeiro de 1973).

2.2 - Inovação

Em dezembro de 1977 foi entregue ao público de Parnaíba o primeiro número do jornal Inovação, fundado por Reginaldo Ferreira Costa e Francisco José Ribeiro. Embora a edição de estréia não explicitasse os propósitos, destinava-se o jornal, desde a origem, a ser um veículo de comunicação de massa moderno, preocupado em questionar a nossa problemática social, política, econômica, e cultural.

Mantendo, no início, relações de cordialidade com as lideranças mais expressivas do MDB piauienses, embora sem vinculações ideológicas com essa agremiação Partidária, o jornal tinha como principais colaboradores Francisco José Jurity, Reginaldo C. Lima, Olavo Rebelo, Bernardo Silva, Jefferson Ramos, Francisco Canindé Correia, além dos seus fundadores. Quando das comemorações do 7º aniversário do INOVAÇÃO, em 22.12.84, Reginaldo Costa, através do programa radiofônico "Momentos Cultural", transmitido pela Rádio Educadora, sob a responsabilidade da FUNDAÇÃO CULTURAL ASSIS BRASIL, concedeu entrevista sobre a vida do jornal ao poeta Wilton Porto, esclarecendo, a respeito da origem do INOVAÇÃO: "Num plano mais amplo, direcionamos nosso olhos para o povo, para os marginalizados que vegetam na periferia da cidade, apesar de pagarem impostos de toda natureza. A visão dessa situação nos estimulou a editar um jornal mimeografado, desvinculado de qualquer força que viesse a nos amordaçar. Hoje, por uma feliz coincidência, INOVAÇÃO entra no 8º ano de existência, de luta ininterrupta. Em nome do grupo INOVAÇÃO gostaria de homenagear aqueles que se empenharam, no início, para que a idéia frutificasse. Destacaria Canindé Correia, Ednólia Fontenele, Olavo Rebelo, Ana Alice, Airton Menezes, Franzé Ribeiro, entre outros."

Quase que concomitantemente com o INOVAÇÃO, foi criado formalmente, em janeiro de 1978, com o fim de se constituir em entidade mantenedora do jornal, o MOVI-

MOVIMENTO SOCIAL E CULTURAL INOVAÇÃO.

Por disposição estatutária o MOVIMENTO tem por finalidade principal "desenvolver no seio da juventude o espírito de solidariedade humana e social, através de programa e iniciativa que visam ao desenvolvimento cultural, ao aperfeiçoamento dos meios de comunicação, como publicações de jornais, ao desenvolvimento social e econômico e melhor integração do homem na sociedade."

O MOVIMENTO SOCIAL E CULTURAL INOVAÇÃO foi oficializado no dia 15 de janeiro de 1978, ocasião em que importantes figuras do MDB paraibano se fizeram presentes: o Prefeito João Batista da Silva (que, por sinal, pouco tempo depois, viria a ser um dos políticos mais criticados pelo jornal), o Vice-Prefeito Roberto Broder, o ex-Prefeito José Alexandre Caldas Rodrigues, o Deputado Federal Celso Barros Coelho, o Presidente Regional do MDB João Mendes Nepomuceno, o Presidente da ACEP Francisco José Jurty, o poeta Elmar Carvalho, os vereadores Rinaldo Santos e Onofre Seixas, e os jornalistas Reginaldo Costa e Francisco José Ribeiro.

Já a partir da primeira fase da sua existência, que vai do primeiro número (dezembro/77) ao número 45 (agosto/setembro/83), todos mimeografados, o INOVAÇÃO cumpriu corajosamente a sua destinação, denunciando mazelas e falcatruas administrativas, divulgando a poesia, a música e o teatro da terra, colocando-se ao lado dos fracos e oprimidos.

Tem inteira razão o poeta Elmar Carvalho ao afirmar, através do JORNAL DA MANHÃ, de 28.08.83: "Se alguém, algum dia, escrever um ensaio isento e imparcial sobre a cultura paraibana não poderá olvidar, jamais, o jornal INOVAÇÃO".

INOVAÇÃO é, atualmente, para algumas pessoas de Parnaíba, um jornal marginal maldito. E incômodo, muito incômodo. Mas vale ressaltar que não obstante isso, ou exatamente por isso, é mais vendável e discutido que a grande imprensa de Parnaíba. Creio que em virtude de sua independência, de sua coerência para com a verdade, e de sua não omissão diante de fatos injustos e nocivos à comunidade."

A partir da edição nº 46, de novembro/83, inaugurando uma nova fase, o jornal INOVAÇÃO passou a ser impresso no sistema off-set, tornando-se, como registrou Sólina Genuína, na edição nº 47, o primeiro jornal que circula na cidade em sistema moderno, colocando para trás o rudimentar método das secu-

lares tipografias jornalísticas paraibanas."

Nos seus oito anos de existência, o INOVAÇÃO vem prestando inestimáveis serviços à cidade, através de um jornalismo sério e independente, comprometido apenas com a verdade dos acontecimentos e com a causa do povo.

Pela sua postura de independência, alguns dirigentes sofreram várias perseguições, inclusive com demissões de órgãos públicos e com envolvimento em inqueritos policiais e processos judiciais.

No célebre episódio da destruição, na madrugada de 31 de agosto de 1979, do "muro da vergonha" erigido pelo Prefeito João Batista Ferreira Silva e com o qual procurava ocultar os escombros da tradicional e histórica Praça da Graça, emprensada e irresponsavelmente destruída pelo referido Prefeito, o jornal INOVAÇÃO desempenhou um papel dos mais significativos, seja pelas graves denúncias apresentadas, seja pelo incondicional apoio dado às manifestações populares que determinaram o incêndio dos tapumes que cercavam o principal logradouro da cidade.

A história não pode ser deturpada, não pode transforma-se em estória.

Lamentavelmente, no livro intitulado Parnaíba, de autoria da escritora piracuruquense Judith Santana, procurou-se dar uma versão ao episódio que longe, muito longe mesmo está de corresponder à verdade dos fatos. Com efeito, referir-se, numa alusão à ação popular, ao acontecimento como tendo sido um — "Triste episódio! Vandalismo imperdoável! — tudo isso não passa de "história" escrita sob encomenda.

Pelas notáveis qualidades do estilo e pela importância histórica do conteúdo, impõe-se a transcrição, na íntegra, do editorial (dica de primeira mão: quem redigiu o documento foi o saudoso Prof. Benedito Jonas Correia) intitulado — 31 DE AGOSTO: DO POVO PARNAIBANO AO POVO PARNAIBANO — e publicado em Caderno Especial do INOVAÇÃO, edição de setembro de 1979:

É inadmissível a realização de reformas em praças, parques e jardins, pela simples vaidade de reformar, sem, entretanto, atender ao valor histórico desses logradouros, de reminiscências grandiosas. O patrimônio histórico, quando preservado, nos seus estilos primitivos, são verdadeiras paisagens de amor e de vida para a cultura de um povo. A sua destruição será, pois, a desolação, a morte do sentimento cívico, a tristeza de recordações imperecíveis.

Muitas vezes, o homem do momento, totalmente ignorante, dotado de imbecilidade integral, não pode compreender o vínculo sentimental que une as gerações, no amor à terra natal. É o caso do infeliz demolidor da Praça da Graça, o SR. Batista Silva.

O recente episódio da Praça da Graça tem muito que ver com a nossa história. Primeiro, uma simples pergunta: os bancos, a pérgula, os valiosos postes de iluminação, onde estão? Tudo isso é história.

Praça da Graça...

Praça, cujo nome evoca a nossa Santa Protetora.

Praça da Graça, a Praça do civismo paraibano.

Destruí-la? Enquanto houver um paraibano que tenha vergonha na cara — não.

Devemos sentir na manifestação popular de 31 de agosto passado, reflexos sócio-culturais da gente paraibana. Não houve vandalismo; houve, sim, um grito de alerta, sentido, vivido, necessário, e que ficará assinalando um acontecimento de real valor na vida de um povo que ama sua história, que honra seus antepassados, que preza seu patrimônio.

A destruição da Praça da Graça, isso, sim, foi puro vandalismo e o responsável é o Sr. Batista Silva, prefeito de Parnaíba, — verdadeiro inimigo da nossa Praça mais representativa.

Um ano de espera foi muito, até demais, para que o povo paraibano, revoltado, deixasse marcado na sua história mais um momento de grandeza cívica, que tanto honra a juventude estudiosa desta terra.

Não houve organização prévia para nossa grande festa patriótica. O povo que ali se encontrava acorreu espontaneamente, muitos foram acordados por telefonemas, outros pelo gritos de acorda, homem, estão destruindo o Muro da Vergonha, e todos, sem quaisquer distinções, pelo sentimento comum de amor a Parnaíba. E o povo vibrou. Mas, nada depredou. Não desrespeitou instituições privadas. Todos os prédios localizados ao redor da ex-praça foram respeitados pela natural descência da gente paraibana. E o responsável? E o mentor intelectual? E o chefe, e o isso, e o aquilo é o aquiloutro? Resposta fácil: o responsável é o povo paraibano.

Já era madrugada, 2hs. 45min. A alegria cívica tomou conta de todos — homens e mulheres. Passeata improvisada, carros buzinando, bombas de são-joão e foguetes anunciavam a nossa festa. Antes, houve um fato tristíssimo: um estudante foi ferido por um guarda-municipal alcoolizado.

Aos que não viram: foram mo-

mentos emocionantes para o parnaibano qua ama sua terra, que se sentiu menosprezado, desrespeitado, desmoralizado pela atitude PARANÓICA do prefeito, e que, naquele momento, dizia, finalmente, o Basta!

Já era impossível tanto silêncio. Já era impossível tanta falta de ação. O ódio, repúdio estava no in-

imo de todos os parnaibanos. Devemos preservar o que é nosso, os monumentos que homens de berr e honrados souberam erigir.

A Praça da Graça não é um ídolo parnaibano. É a nossa Praça Cívica.



Para assegurar a nossa tranquilidade só a renúncia do prefeito, do maldito prefeito que temos. E aí, sim, seria carnaval, o carnaval mais autêntico e jamais vivido pelos parnaibanos.

O povo parnaibano, — pobre, modesto, simples, — tem plena consciência da sua dignidade”.

(cont. no próximo número)

Gerais

Torquato Neto: homenagem após 15 anos de silêncio



Caetano Veloso, Torquato Neto e Elis Regina

O Projeto Torquato Neto, órgão da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo do Piauí/Fundação Cultural do Piauí, dedicou o ano de 1987 ao seu patrono e inspirador, o poeta/compositor/jornalista/cineasta e ator Torquato Neto.

Contando com o apoio do Secretário de Cultura, Israel Correia, a Coordenação lançou, logo no início do ano, o Concurso "A História da Evolução da Música Piauiense", Prêmio Louvação (Cz\$ 20.000,00) com edição assegurada pelo Projeto Petrônio Portella. Os interessados ainda poderão se inscrever até 31/05/88, na sala do Projeto Torquato Neto, na Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo — Praça Marechal Deodoro — 816 — Centro. Fone: 223-4657 ramal 43.

Recentemente, sob inspiração do poeta Tropicalista e em sua homenagem, foi gravada pela cantora e Coordenadora do Projeto Torquato Neto, Ana Miranda, a canção "Veleiro", de Torquato em parceria com Edu Lobo. (Essa canção surgiu nos anos 60 na voz de Elis Regina).

Trata-se de uma das faixas do Lp "Cantares" (nome inspirado na nossa conhecida estrela de Antares),

disco idealizado pelo Projeto Torquato Neto patrocinado pelo governo Alberto Silva. Gravado no Rio de Janeiro, com arranjos e gravação de

alta sensibilidade e qualidade internacional. O disco está sob a batuta de dois piauienses competentes: O maestro Luizão Paiva e o engenheiro de som Toninho Barbosa. Já em fase final, o disco conta com outros expressivos nomes da música piauiense como Geraldo Brito e Garibaldi Ramos que tocaram nas faixas ("Rock nas Estrelas" e "Balakubana"); Ronaldo Bringel, Edivaldo Nascimento, Rubeni Miranda, Grupo Candeia, Laurenice França, Rosinha Amorim, Solange Leal, Zezé Fonteles e Janette Dias, entre compositores e intérpretes. Além das honrosas participações de grandes nomes da música brasileira, como Nivaldo Ornellas (em "Veleiro") e Jacques Morelembaum (em "Veleiro" e "Rio Parnaíba").

Agora que os ventos sopram novembro, mês de aniversários de vida e morte de Torquato Neto, a Coordenação do Projeto Torquato Neto elaborou discreta programação guardando o pique para o lançamento do disco e uma futura Semana dedicada inteiramente ao poeta e seu espírito irrequieto e radical.

A Programação é a seguinte: de 14 a 20 de Novembro: Exposição sobre Torquato Neto, na Galeria do Theatro 04 de Setembro. Abertura dia 14, às 20:00 horas. Dia 10 de Novembro, missa às 19:00 horas, na Igreja de São Cristovão, bairro Morada do sol.

Em

Amarante

visite o

Centro

Cultural

Odilon Nunes

Plágio & ORIGINALIDADE

Eleazar Moura
Médico e Escritor

Difícilmente, excepcionalmente, uma pessoa é totalmente original. A originalidade, como criação pura, genuína, espontânea, sem imitação, cópia ou plágio, é muita rara. O homem tem tendência para imitar, embora negue a atitude de plagiador. Portanto, a originalidade pura, sem plágio, sem imitação, é rara.

Em todas as atividades intelectuais do homem, sejam artísticas científicas ou técnicas, encontramos o plágio, a imitação, a cópia; muitas vezes disfarçada, habilmente ocultada, com a capa de criação original.

Nas artes, seja na literatura, na música, na pintura, na escultura ou na arquitetura, bem como na ciência e na técnica, muitas invenções, descobertas ou criações são plagiadas, copiadas, imitadas ou inspiradas, de autores antigos ou modernos que deixaram sua criação, muitas vezes, pouco divulgada, desconhecida do grande público, e que, um dado indivíduo, pesquisando, é despertado para aquela obra, criação ou descoberta anterior, e sob inspiração, recria, copia, imita, plagia, dizendo ser criação sua, original, genuína; por vaidade, afirmando sua autoria, quando na realidade a idéia original partiu de outro indivíduo, de outro autor, predecessor, precursor ou contemporâneo.

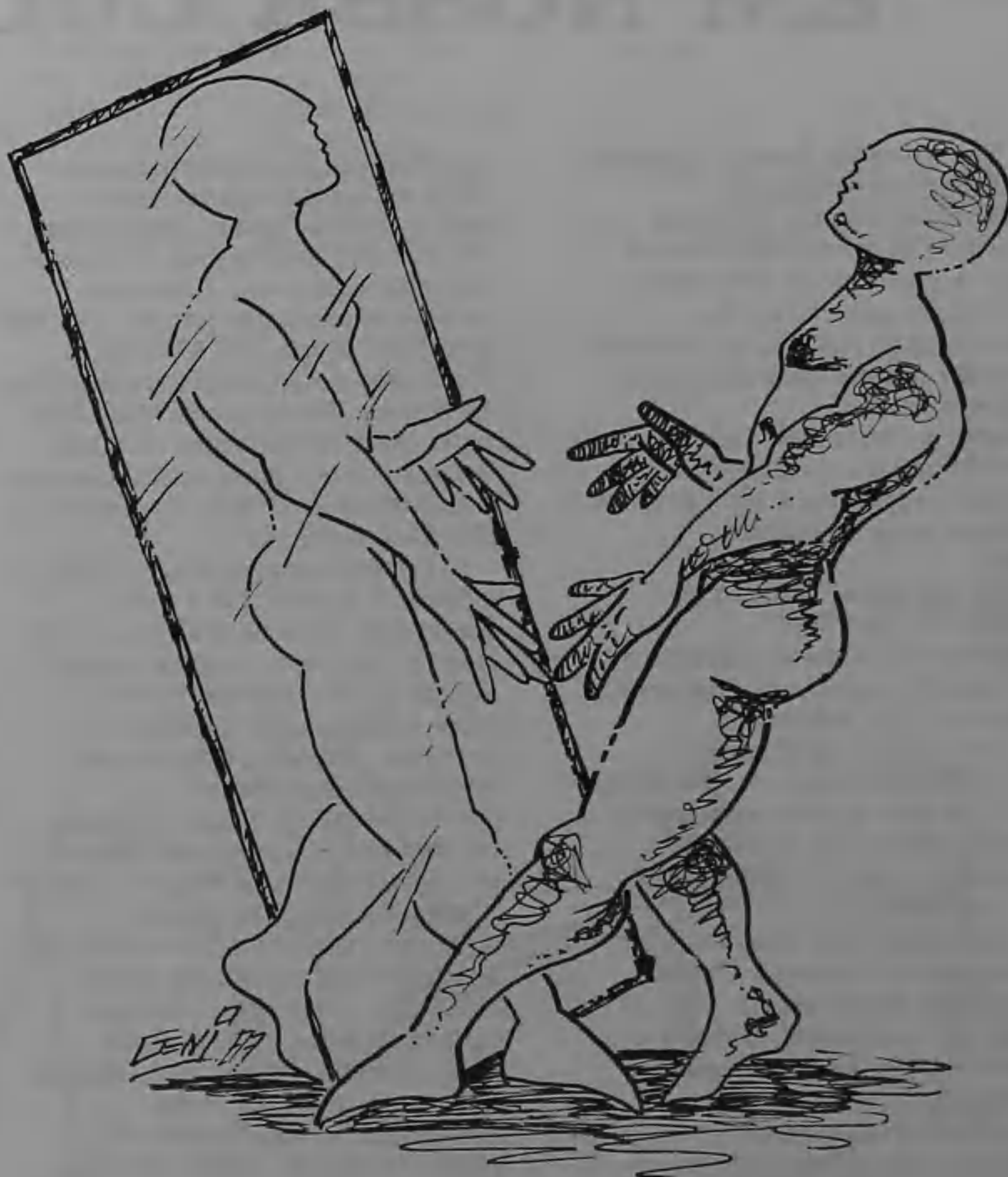
Na música encontramos muitas composições plagiadas mais comum imitação parcial, trechos da música clássica ou erudita ou mesmo popular, cópia no todo ou em parte.

Na arquitetura também é grande o plágio, a imitação, a adaptação a uma criação anterior.

Também na pintura, na escultura, na literatura, encontramos o plagiar.

Na ciência e na técnica também existe o plágio, porque uma invenção quase nunca é obra de um só homem, concepção de um só indivíduo, mas resultante de uma série de descobertas anteriores, de vários cientistas ou técnicos, cada um prestando sua parcela de colaboração, que no todo dão uma descoberta ou concepção maior. Uma descoberta resulta de uma série de descobertas anteriores. Exemplos são o rádio, o cinema, o disco, a televisão...

Até na organização política das



nações, vemos o plágio, a imitação. A república brasileira foi uma cópia, um plágio da república norte-americana. A mesma organização político-administrativa, a mesma divisão dos poderes: o poder executivo exercido pelo Presidente da República, Vice-Presidente e Ministros de Estado (Mistério); o poder legislativo composto de Câmara dos Deputados e Senado Federal; a divisão federativa dos Estados; a Constituição Federal imitada da constituição dos Estados Unidos e de outros países; até o nome da República foi plagiado e parecido: — República dos Estados Unidos do Brasil, semelhante a Estados Unidos da América, só no governo Costa e Silva corrigido para República Federativa do Brasil. O mesmo Congresso Nacional (Câma-

ra dos Deputados e Senado Federal) e basicamente o mesmo Poder Judiciário.

O antigo muitas vezes é ressuscitado, com roupagem e nome novos. O plagiador, no seu desejo, na sua vaidade de ser autor e criador, não revela as fontes onde colheu a inspiração ou onde copiou ou imitou a sua pseudo-criação. É o desejo, a ânsia pela celebridade.

A originalidade está em ter a idéia criadora. O difícil é ter a idéia. Depois da idéia, tudo parece mais fácil. É preciso respeitar a idéia criadora, inventiva, original, inicial. É como a anedota do ovo de Colombo: o difícil é ter a idéia. É a autoria, o direito autoral, que pode ser usurpado por outro; desonesto, inescrupuloso, egoísta.

Gerais

INFLUÊNCIAS AFRO-BRASILEIRAS EM NOSSA CULTURA

*NERINA CASTELO BRANCO

No esplendor de suas crendices, de sincretismo religioso, de seu tropicalismo, a cultura brasileira se apresenta com um leque multiforme de três raças.

Procuramos extrair da obra de Jorge Amado, ao nosso ver, o melhor dos maiores contadores de nossa estória popular, as raízes das influências de nossa formação racial que, sem dúvidas, legou-nos a mais genuína e legítima parte da cultura nativa.

Em seu livro "BAHIA DE TODOS OS SANTOS", textualmente Amado descreve o que significa a presença do povo em nossa vida, sobretudo do povo baiano, no cenário do país, reliquia do que, de fato somos:

"... o povo é mais forte que a miséria. Impávido, resiste às provações, vence as dificuldades. Faz suas festas, suas danças, canta suas canções. Vive, ri, luta, não se entrega. Canta e dança nas festas de rua, de igreja, de candomblé. Guarda a marca original da miscigenação, de uma civilização mestiça".

As influências culturais começam com a contribuição altamente significativa do descobridor. Ela se inicia propriamente com a vinda dos jesuítas, 34 anos após o descobrimento. O marco fundamental foi a educação catequética. E na pequenina escola de Piratininga, afirma-se o nascimento de uma cultura "nova, e como tal, cambaleante e temerosa, mas já muito rica de cenário, de contribuições valiosas, oferecendo uma intrigante mistura de mistérios e contrastes", no dizer de Gilberto Freyre.

Mas, segundo Jorge Amado, foi na Bahia que se concentrou a verdadeira cultura deste país. E ainda hoje está por lá e tão cedo não se mudará para outros recantos... A mistura de sangue é muito grande; as superstições confundem-se com as crenças religiosas; o povo inspira-se no ar

que respira, no tropicalismo da terra mais contrastante deste país — forma, assim, uma cultura tão sua que inspira todo o restante da cultura nacional. Como um poema de exaltação perene da terra que é seu berço, AMADO diz... "sob um céu de admirável limpidez, na fimbria do mar ou na montanha onde corre sempre uma cariciosa aragem, vive o povo mais autêntico e mais doce do Brasil. Na cidade do Salvador da Bahia".

O importante no fato cultural, é obvio, é o povo. Ele é quem atesta toda obra de criação que se realiza. Daí, ser a cultura popular aquela que é o embasamento para qualquer tipo de cultura proposta. Raças e costumes se entrelaçaram no Brasil, precisamente na bahia, primeira capital, rica e famosa nos inícios da nação brasileira. Negro, branco e indígena, mistura sempre crescente, tornam-se característica dominante no panorama social. Cedo, não se há negar, forma a cultura da terra. A África, diz Jorge Amado, em seu livro aludido, foi o nosso umbigo. Como sensibilidade, maneira de ver a vida e o mundo, forma de reagir aos acontecimentos, de viver e conviver, de pensar e agir, somos pelo menos tão africanos quanto ibéricos. Houve, porém, a tentativa de se impor aos negros que aqui vieram pelos navios, para a arrancada da colonização, a cultura do branco europeu. Mesmo nas condições de escravos, de uma raça vilipendiada, salvaram sua própria cultura. E seus modos de agir, pensar e querer — trilogia dos sagrados direitos humanos — desconhecidos ainda hoje, quanto mais ontem — foram impostos e não roubados pela ação do chicote e da prepotência do senhor branco. Conseguiram, no milagre do sofrimento, manter viva e permanente a face original, mesclando-a no correr do tempo às duas outras matrizes da nação brasileira, para dar como resultado "a originalidade da cultura mestiça

do Brasil" — afirma Jorge Amado. E este tipo de cultura é, talvez único no mundo.

Tudo aqui se misturou — leia-se o grande romancista da Bahia: "A língua faladas na casa-grande, na senzala e na mata, os santos vindos da Península Ibérica, os orixás chegados da Africa, as iaras e os caboclos retirados das florestas e dos rios. No Brasil, precisamente na Bahia, a cultura popular entra pelos olhos, pelos ouvidos, pela boca". Determina, assim, a condição nacional da literatura e da arte. Há, de fato, um caráter popular presente mesmo na obra mais refinadamente intelectual.

Os cultos africanos deixaram marcas indeléveis em nossa cultura. Capital do candomblé, onde uma hierarquia se constitui como ponto alto de toda uma organização herdada dos ancestrais negros, a cidade do Salvador da Bahia, é **reino** oficial deste grande **império**... Artistas, escritores, etnólogos, sociólogo mantém um contato permanente com as grandes casas-de-santo. Nos orixás e nas cerimônias das mais ricas. Ogum, Exu, Oxóssi, Logum Edé, Xangô, Oxumaré, Oxum, Euá — são alguns dos que formam a alta evocação dos deuses maiores do candomblé. O culto a Yemanjá, dona das águas, esposa de Oxalá, mãe de todos os orixás, veste azul. As conchas e as pedras do mar são seus símbolos; no sincretismo, é Nossa Senhora da Conceição. Seu dia é o sábado. Chama-se Janaína, Ynaê, Maria. Os negros a chamavam simplesmente de Yá.

Fôssemos descrever a força original da presença negra em nossa cultura, teríamos uma enciclopédia própria dos termos e das saudações, do modo de ser, das mímicas até, para poder-se dizer, afinal, que este Brasil é mesmo mulato...

A música brasileira, tão decantada e elogiada pelos **estranjas**, em gozação estilística do AMADO JORGE dos baianos, nasce

inspirada no cativo, na reação contra o preconceito de cor, no instinto de liberdade, na coragem e no amor à aventura; na doce intimidade das promessas a Dona Janaína, suas superstições e seus deuses; seu mar, sua música natural, sua força constante e brávia.

A obra da maioria de nossos artistas está implicada no ser e agir do nosso povo. As influências estrangeiras existem ainda. Há, porém, a vontade de libertação, de exclusividade. E aí está um Caymmi, um Noel Rosa e outros tantos que bem conheceis. Vem Caribé, Mário Cravo, Aldemir Martins, Antônio Maia, Heitor dos Prazeres, José de Dome, Antônio Bandeira, Djanira, Di

Cavalcanti — alguns, na arte pictórica. Tantos outros vêm a beber na fonte preciosa daquilo que o povo pensa, age, sente e cria...

Vemos na obra de Jorge Amado, um atestado vivo do que representa a contribuição dos cultos africanos a tudo que é Brasil. E não só aos cultos. Não. Bem se sabe. Tudo está aí a contar, a viver — impregnado na alma do brasileiro, a lembrança eterna e para sempre, do que é negro acima de tudo. O Brasil é isto. Enquanto ouvimos o toque das ave-marias, estronda o dos atabaques. O chamado dos santos, os berimbaus. Um canto para Yemanjá. Uma dança para Oxum. Isto é que forma o pitoresco, o contrastante, a confusão geral. Em

cada poesia, a reprodução da sensibilidade lusitana, quando ela não fala de liberdade, de revolta, de problemas sociais. Em cada página de romance, a presença forte da miscigenação. Tudo, enfim, uma mistura chocante.

Para o futuro, esta estória será HISTÓRIA de páginas gloriosas, densas de mistério, porque fala da cultura brasileira que será sempre um enigma a se desvendar, perscrutar uma raça que, afinal, é única neste vasto e grande mundo...

*** Prof^a de Estudos Brasileiro da FUFPI, poeta e membro da Academia Piauiense de Letras**



Generais Centenário do Poeta Zito Batista



O poeta e jornalista Zito Batista completou 100 anos de nascimento no dia 16 do corrente. A Academia Piauiense de Letras prestou merecidas homenagens. Pertenceu a cadeira 16 da APL. Foi uma das maiores expressões da poesia piauiense de seu tempo. Cultivou também o jornalismo e a crítica literária. Conferencista, crônista, faleceu no Rio de Janeiro em 20.10.1926. Obras: "Almas Irmãs" com Celso Pinheiro e Antonio Chaves; "Pedacos do Coração", "Chama Extinta" e "Harmonia Dolorosa". Em 1973, através da Companhia Editora do Piauí, o presidente da Academia Piauiense de Letras, organizou e teceu comentários de toda a obra em prosa e verso de Zito Batista, que se intitulou "Zito Batista, o poeta e o prosador". Celso Brant e Edmundo Lys, declara: "entre os poetas que fizeram a glória da poesia brasileira no início do século, Zito Batista se destaca por seu lirismo simples e comunicativo, por sua modéstia, por sua curta vida cheia de harmonia e de beleza". Para o Agripino Grieco, "...há no poeta de Harmonia Dolorosa" um artista modesto e sóbrio de uma fina sensibilidade. Já para Remigio Fernandes a arte foi a preocupação dominante, preocupação que se fez amargura e obsessão.

Visite em Oeiras, o Museu de Arte Sacra e o Centro Cultural Sobrado Major Selemérico

Uma Ficção Real

ramsés ramos
Poeta crítico de arte

Corpos no Gasômetro, "trabalho para teatro de Adalmir Miranda é o que eu chamaria de uma ficção real. A peça narra a história de seres produzidos em série em laboratório. A partir daí traça-se todo um enredo que critica as relações sociais hodiernas e os problemas do mundo em que vivemos: a robotização humana, a guerra, o sistema de "treinamento" dos quartéis...

Os personagens são andróides que não podem ter sentimentos humanos, dada sua condição primeira. No entanto, mesmo correndo o perigo de serem desintegrados, assumem comportamento humano: se desrobotizam, e isto é perigoso para o sistema que os rege. Ser humano é um vício...

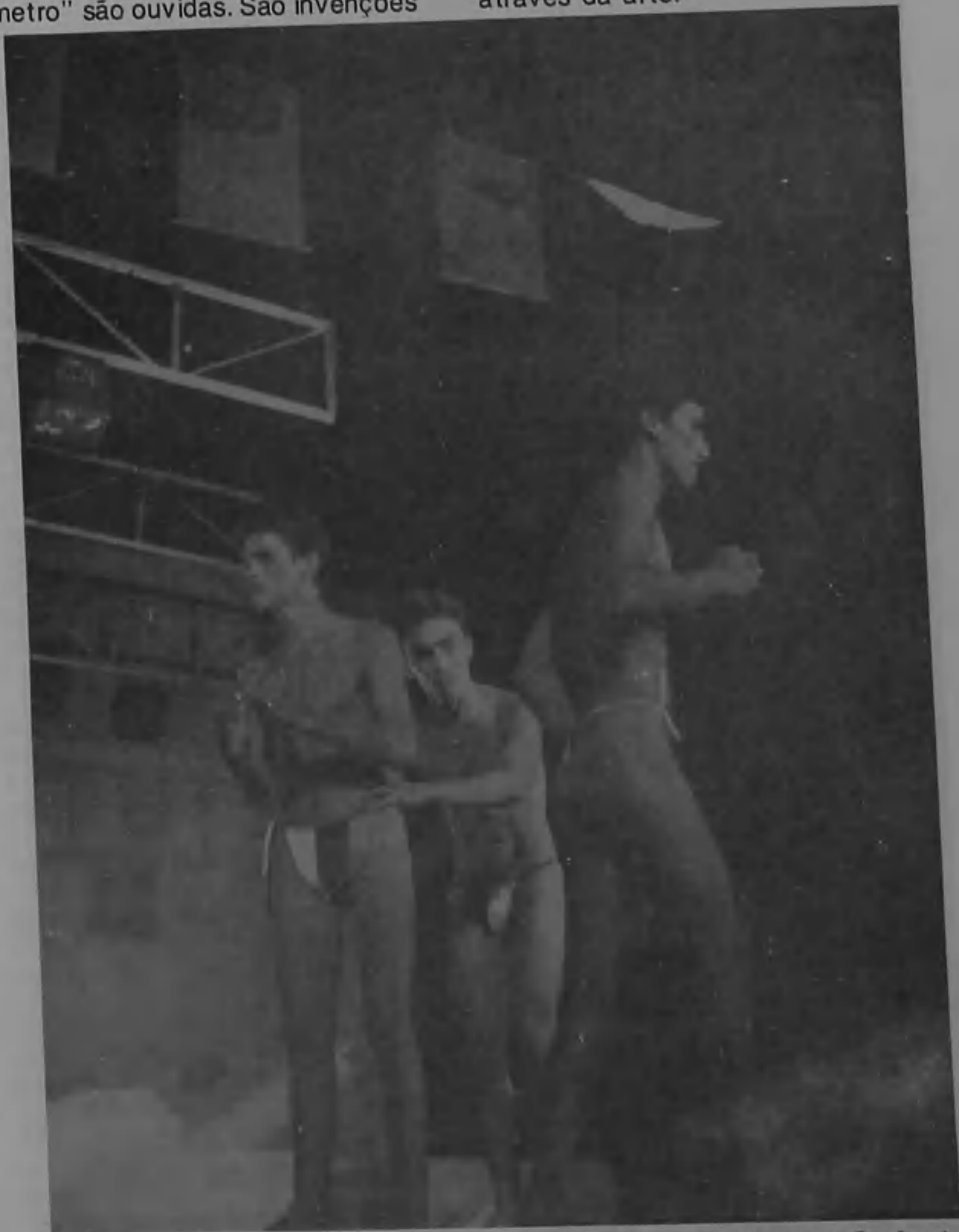
O homem é um instrumento do sistema: é usado, depois sacado fora. Impõe-se-lhe viver da maneira que lhe é ditada. Mas onde o revolucionário? Aqui a peça traça uma antropofagia no futuro: homens vivendo em cubículos devoram homens e tomam pílulas para não sentir fome. Um general come (lato sensu) um soldado, que mesmo sem querer, se entrega. Quem come quer mais comer (a crítica ao consumismo).

No fim de tudo, traídos pelo sentir e pela humanização crescente e coletiva, os andróides se desintegram. Ficamos nós a pensar seriamente na ausência crescente de sentimentos humanos no mundo, na robotização, na loucura crescente das grandes cidades, na fome desesperada de objetos de consumo, na guerra e em todas as manifestações de violência, e nos perguntamos: será a Paz uma bomba?

Em tempo: a música da peça é do Maestro Reginaldo Carvalho. São peças eletroacústicas de grande valor histórico e que nos preocupamos até com sua conservação para a formação de nossa memória musical, já que esse músico está conosco há algum tempo. "Piano surpresa 1 e 2" "Caleidos-

cópio" (pontuação, cleta, semáforos), "Marcelo e piano, os temperados" e "Romeu e Julieta no Gasômetro" são ouvidas. São invenções

preciosas que enriquecem o trabalho de Adalmir Miranda, de crítica da contemporaneidade e do futuro, através da arte.



Cena da peça "Corpos no Gasômetro"

Ficha Técnica: Peça Teatral: Corpos no Gasômetro.
Texto, direção e produção: Adalmir Miranda
Cenário: Marleide Luis
Figurino: Pink

Música: Reginaldo Carvalho
Contra Regra: Núbia Marques
Elenco: Adalmir Miranda, João Cardoso, Francisco Castro e Raimundo Sampaio.

Conto

"O REINO ENCANTADO DO VELHO CANOEIRO"

A. J. Caribé



A noite caíra sobre o grande leito de água caudalosas do Rio Parnaíba. O calor, junto com o mormaço quente de fevereiro, impregnara o palor de ar, sufocando-nos na escuridão. Ouvia-se o cricrilar do grilo na floresta com grande intensidade, e o coaxar dos sapos na beira do rio ou em alguma moita escondi-

da. Nada de chuva por ali, só se ouvia o farfalhar das folhas e a batida leve da onda pequena na crosta da areia. Muriçocas enormes com seus ferrões afiados, picavam-nos sem estarmos apercebidos.

Tínhamos de atravessar o rio para o outro lado onde ficava o Estado do Maranhão. O canoeiro já

nos esperara embaixo escanchado sobre o pau de remar. Era capenga, solteiro, avelhacado já em cima dos 50 anos, mas aparentando 60, estatura baixa, de um metro e cinquenta mais ou menos.

Perguntou minha graça e eu lhe declinei meu nome. Ao levantar meus olhos, notei que apoiava-se sobre um alto pau de remar e a gente vira perfeitamente que o seu peito desnudo se contraía, com o movimento da força executada. A canoa com alguns furos no casco, deixara entrar água no bojo, obrigando-nos a manter nossos pés molhados e sujos de lama.

Ao contrários das embarcações do Rio São Francisco, aqui não usavam carrancas de proa para espantar as possíveis assombrações e visagens a que estão sujeitos os navegantes durante as viagens fluviais. As condições sócio-econômicas da região nada tinham mudado de nove anos atrás, quando aqui estive, para cá.

Levantei-me do meu lugar e dirigi-me até a extremidade da embarcação. Ali, fixei na distância noturna, o meu olhar triste e desconsolado, pelas grandes pradarias do Velho Monge até perdê-lo de vista.

Sonhara eu encontrar nestas plagas semi-áridas do Nordeste Ocidental, uma nova civilização do ciclo do carvão mineral do coco babaçu...

Eis-me agora aqui em pleno alvorecer do dia: ao contemplar os raios solares no horizonte, lembrei-me do sonho que tivera outrora, de uma civilização de cooperativas agrícolas, daqueles reinos encantados, onde grandes levas de camponeses e pequenos agricultores negociavam seus produtos com os agentes responsáveis pela Central de Abastecimento e retornavam à casa alegres, felizes e sorridentes no fim do dia, por terem cunhado justas moedas, substancialmente suficientes ao sustento de suas famílias.

Mas eu não podia ficar só no sonho. Tinha que encarar a realidade. Esta realidade a que me refiro

eram as três imensas fazendas de exploração extrativa vegetal (babaçu e cera de carnaúba). Pequena atividade de transformação de produtos agrícolas feita pelo próprio agricultor, com matéria-prima da sua propriedade agrícola explorada. Recrutavam centenas de trabalhadores agrícolas para serviços de empreitada. A remuneração era irrisória. Trabalhando cerca de 12 horas por dia, cotidianamente, aqueles homens e aquelas velhas que viviam ali, dentro daquelas choupanas de palha, pisando com a mão de pilão, o coco babaçu torrado e contando, batendo e separando as folhas de carnaúba; deixaram nossa comitiva iminentemente sensibilizada: uma sociedade de aterrizados que pisa os pobres, os pequeninos, os doentes. Procurávamos dissimular nossas aparências comprometidas. Mas comprometidas com quê? Talvez o tempo, só o tempo daqui para a frente, possa nos dar uma resposta satisfatória. Por enquanto, é prematuro, é cedo, é precipitação.



O que nós víamos eram decrepitas mulheres, algumas até mesmo de 70 anos, aspirando aquela fumaça sufocante pelos pulmões, do babaçu torrado. Conheci um arrendatário de uma bodega de cachaça, que quase nada ganhara ali em dinheiro. Mesmo assim, ainda sustentara uma prole de três filhos. Era um homem baixinho, simplório e ocultava, na face morena, as marcas ressequidas do sol causticante da região.

Nossa primeira impressão de tudo isso era unânime: "estávamos diante de uma masmerra."

No percurso de nosso trajeto para outra propriedade agrícola, cachorros esqueléticos enveredaram pelo matagal adentro em nosso encalço, obrigando-nos a lançá-los pedras como instrumento de defesa.

Nesta outra, vimos meninos e crianças de colo começando a andar sobre a superfície lodosa de pequenas poças de lama. Cada um deles ostentando enormes barrigas empinadas de vermes.

Voltáramos à primeira fazenda onde instaláramos nosso alojamento, aquela em que eu conhecera o velho canoeiro à margem do Rio Parnaíba. Haviam-se passado quatro luas e nós precisávamos voltar com urgência à cidade, porque um dos integrantes de nossa expedição, padecia de maleita: febre maldita que esquenta como fogo durante vinte e quatro horas. O homem, amarelado de corpo inteiro, com os olhos tepidamente avermelhados, sofria assaz. Queixava-se de um frio intenso e forte, depois de calor, depois de frio intenso novamente: tremia, tremia e as populações ribeirinhas se acotovelavam debaixo de nossa cabana rupestre, pensando tratar-se de um velório, mas tudo isso era provocado apenas pelos ferocíssimos pernilongos que picavam sorratamente nossos companheiros (nome científico: (Anophelinos).

Ao aproximarmos-nos da choupana do canoeiro, numa noite escura cuja atmosfera se impregnara de insetos e barbeiros infestados, provenientes dos pântanos e da vegetação xerófila da região ocidental, vi que o mesmo estava em casa, de lamparina acesa. Aproximamo-nos da choupana e ao vê-lo, perguntei-o se ia atravessar agora o rio e ele disse que não, mas que podia nos levar se quiséssemos, pois ali quem ordenara era eu, não pedia. Agradecemos-lhe a deferência, dizendo-o que sim e descemos até à encosta do rio, onde se achava amarrada a canoa.

A canoa já estava em movimento, eu estava calado e pensativo, quando o velho canoeiro me perguntou para quê era que os homens mandavam foguetes para o céu e em seguida, se eu achava, que o homem ia mesmo à Lua.

Eram duas perguntas inseridas numa só indagação: surpreendi-me com o tipo de pergunta vinda à tona, pois nunca imaginara que um velho timoneiro do Rio Parnaíba, de cuja bacia hidrográfica no cenário nacional, pouco representa pela sua extensão se comparável com outras — fosse capaz de guardar durante tanto tempo uma curiosidade sobre assunto palpitante só agora posta a lume.

Observei contudo, pela sua postura filosófica, uma extravasada curiosidade em saber a finalidade das coisas que o cercam.

Eu lhe respondi pacientemente que eram estados espaciais, que estava fazendo, tiravam retratos, etc...etc...só para se saber e estu-



dar as possibilidades de o homem viver por lá, mas que de antemão ficara provado que não existia lá este ar puro, que nós respiramos aqui na Terra e, por conseguinte, não existindo lá este ar puro, a vida da gente é impossível.

Ele entendeu a minha resposta e ficou satisfeito. A canoa já começara a chegar de outro lado, quando ele me pediu algum dinheiro para comprar um feijãozinho. Dei-lo sem vacilações. Mas será que ninguém pagaria um salário mensal a este marginalizado e alienado canoeiro? Mas, talvez não seja marginalizado, a palavra adequada!... e sim equivocado, veio-me enfim a palavra, equivocado. Quão equivocado moureja no campo este homem há quase 300 quilômetros de distância da principal cidade da microrregião!...

Dele só querem o trabalho braçal na moenda de cana-de-açúcar e na exploração do coco babaçu — remuneração financeira chega-lhe em troca de nada.

Este homem, é bem verdade, não tem famílias para sustentar,



ciara-se a embarcação mais e mais daquelas casas cobertas de palhas com telhado em quatro águas, típicas de populações ribeirinhas; daqueles currais de boi pé-duro magro, que só estas caatingas secas do Nordeste Ocidental são capazes de mantê-lo suportavelmente vivo, à mingua de capim sapê; aquelas matas beira-rio, beira-vida; os cerrados de um pêlo, de dois, matas de carrapicho e carrapato.

Aquelas mangas secas que o gado pastara à tardinha, eu as via agora, mas não compreendo porque aquela terra é tão seca e ingrata com o homem que a cultiva com tanto esmero... Quando não tem farinha, o trabalho é curar bicheira, é roçar pau de cerca, roçar terreno de toco brabo, capinar ou colher... É uma região de esperança, única e exclusivamente de esperança e mais

mas curte dias de fome, cumpre tarefas sórdidas, espera eternamente por auxílios, tosse muito, sente a barriga doer... Ademais, essa dor de barriga não vai demorar muito para se tornar crônica, daí remédios, daí cama, daí subnutrição, daí morto. Quem matou? Ninguém sabe, morreu. Simplesmente, morreu...

Este pobre canoieiro do Velho Monge merece um poema, porque conhece a linguagem dos ventos, mas é pouco pra ele, que anda tão abstraído em seu cotidiano trabalho, que não sente a doença lhe corroer as vísceras, em consequência do trabalho excessivo que executa. O inclemente sol semi-árido do Nordeste já está matando de insolação e cansaço. O sol já está lhe cozinhando os miolos, já se encarregá dele; precisa também que os homens o matem? Não basta a seca, a fome e a enchente?

A canoa lentamente ganhava o outro lado do leito das águas barrentas do Rio Parnaíba, que caudalosamente jazia inerte em sua compacta massa hidrográfica. Distan-



nada...Seca braba da desgraça, tão bem descrita pelo velho canoieiro do Parnaíba; aquele infernal calor torrando à mingua do suor miserento, os miolos da gente. E o velho timoneiro, sem carranca de proa, mas destemido e impetuoso, enfrentando os meandros noctívagos do rio, continuara remando e remando, sob o bodum de sua cachaça e o azedo de seu suor gotejante. Há pouco descanso e poesia na dura realidade deste equivocado canoieiro, que quando não trabalha até o sol se pôr, vai pela tenebrosa e longa madrugada adentro.

Ao saltarmos da embarcação caminhamos alguns quilômetros a pé e alcançamos a casa de um simplório e festivo caboclo que comemora as núpcias de sua filha com uma apresentação dos integrantes do "Bumba-Meu-Boi". Vieram para a festa: os doutores, os vaqueiros e os caboclos reais paramentados. Catirina dançava e brincava na frente do boi, quando o Nego Chico toma de uma espingarda a pontaria e atira na alegoria metamorfo-



seada. Os mestres improvisadores se aproximam cantando versos e toadas consagradas. Batem a matraca, mas nosso companheiro padecendo de maleita, começa a expelir vômitos freqüentes e podres segurado por dois homens na extremidade dos punhos da rede de tucum. E o nosso passo rápido avança pela mata virgem, vendo-se os primeiros raios do sol nascente, erguendo-se sobre as grandes colinas no horizonte distante. E os urubus sobrevoando baixo nossas cabeças à procura de carniça e nosso companheiro gemendo de febre e as marrecas sobrevoando baixo o xiquexique e o Mandacaru numa pequena formação de pedras sedimentares.

Descambamos por um caminho de mata fechada até à altura das aneas, quando avistamos um riacho pequeno, cuja margem direita jazia fincado na terra, enormes caveiras de ossos de animais em torno dos escombros de uma grande fogueira da qual se elevava ainda tênue fio de fumaça. Com a monotonia da localidade, da gente, do tempo e da vida do velho timoneiro, estava inserida no contexto toda a tristeza do sertão Ocidental.

Por fim conseguimos alcançar a vila onde se situa o ponto de ônibus e com ela alcançamos nosso objetivo, nossa missão e nossa responsabilidade. Só que nos lembramos com um tom nostálgico: das esperanças, dos sonhos encantados, da curiosidade, da trava que venda os olhos da realidade em que vive aquele povo e aquele equivocado canoieiro do Parnaíba com suas aspirações e projetos.

Sem família, sem parente, sem lenço e sem documento, ele vive na esperança de modificar sua ocupação permanente, num porvir remoto e distante que garanta o café, o pão, a cachaça e a palhoça todos os dias, até que a morte o separe.



Cento

Monólogo de um Ex-pracinha

Geraldo Borges



Dizem que o crime não compensa; mas não compensa a quem?

Todo dia saio para a minha secretaria com um revólver cheio de balas e um canivete afiado no bolso. Quando chego, sento à mesa de trabalho e guardo a arma de fogo dentro da gaveta. Ninguém nota o meu gesto; e, nem ao menos, o meu anseio. Estas armas são petardos para o chefe caso ele venha reclamar do meu serviço. O canivete, eu coloco em cima da mesa. É uma recordação que eu trouxe da Europa. A velha Europa de guerra. A sua lâmina, brilhando, parece o fio de uma navalha. Serve-me para cortar as unhas e fazer pontas de lápis.

Uma vez, calmamente, embora com o coração pulsando de ódio, cravei-o na mesa. Num gesto flexível, sua lâmina vibrou, num vai-e-vem, pendular, e, de repente, a mesa se transformou no corpo do chefe. Isto foi tão rápido, como o abrir e fechar de uma pálpebra. Nunca mais me esqueci. Uma tenta-

ção. Compensaria? Até o momento a sua única utilidade era fazer pontas de lápis e cortar unhas.

Um dia achei que só um canivete e um revólver era coisa pouca para levar à repartição. Arranjei uma granada. Acariciei-a com a ponta dos dedos. Antes, segurei-a com quem pega uma cascavel pelo pescoço. Enfiei-a numa caixa e embrulhei-a em papel para presente, verde e amarelo. Amarrei o embrulho com fita azul e branco. Levei-o, comigo, para a repartição. O chefe estava aniversariando. Todo mundo ficou pensando que era um presente para ele. Bobagem. Eu não puxo o saco do chefe. Compensaria?

Guardei o pacote colorido dentro da gaveta. Devagarinho eu estava aumentando o meu arsenal: canivete, revólver, granada. De noite, quando volto para casa, deixo a granada a chave, dentro da gaveta. Um dia ela será útil. É só desatar o laço, rasgar o embrulho, meter a bomba nos dentes e esperar o estouro. Compensaria, mesmo?

Hoje, ao chegar à repartição, fiz a ponta de meia dúzia de lápis. Escrevi um relatório sobre ocorrências de roubos, furtos e outros crimes. Como se rouba, furta-se e mata-se nesta cidade. Mesmo assim, dizem que o crime não compensa... Na guerra, pelo menos, bravura e morte trazem compensação.

Quando eu fui convocado para frente de batalha, o tão falado Front, do qual não há nada de novo, não tinha o instinto de hoje. Era patriota de verdade. Amava os meus irmãos: os inimigos. Só atirava para o alto. Nunca aponte o alvo. Aqui eles ensinaram a gente acertar bem na mosca. Mas no campo de batalha eu só via homens. Atirava para as nuvens, para o sol, com perigo de minha própria vida. Só eu sabia os problemas de minhas consciências. Volto a dizer, eu era um patriota.

Quando terminou a guerra fui condecorado. Meu comandante em chefe achava que eu tinha matado muita gente. Aceitei a compensação. Isto é, a condecoração, que, por sinal, é este emprego. Em homenagem aos aliados dei aos meus filhos nomes de grandes generais que lutaram na linha de frente. Nomes que eu mesmo não sei pronunciar. Muito menos, os professores na escola; e os vizinhos.

Ontem, quando cheguei em casa quase matei a minha mulher de susto. Foi preciso dar água com açúcar para ela beber. Brinquei com ela dizendo que tinha perdido o emprego. Até aí tudo bem. Perguntou-me: "por quê?"

Respondi-lhe:

— É que ameacei o meu chefe com o meu canivete por que ele olhou para mim com a cara de quem estava dizendo que o crime não compensa.

Quando ela ficou mais calma, falei-lhe que ele não podia me botar para fora do emprego. Meu cargo era uma condecoração. Uma estrela no meu ombro. E que não caía tão facilmente.

Mudei de tática. Trouxe de volta para casa o revólver e a granada. Acho que são armas obsoletas. Estão me chamando de "o homem do canivete" vou passar a fazer pontas de lápis apenas com lapiseira. Adquiri agora uma navalha bem afiada. Tive esta idéia quando estava tirando a minha barba. Uma navalha é uma guilhotina de bolso. Uma arma que não envelhece; está sempre moderna. Trago-a comigo ao alcance da mão. Qualquer dia quando o chefe olhar para mim com aquele seu trejeito sórdido de quem parece estar dizendo que o crime não compensa, eu decepo-lhe a cabeça, e atiro dentro do cesto de lixo, junto com papéis rasgados, farelos de pontas de lápis e restos de jornais velhos.

A Psicologia da Educação

Celeste Said
Psicóloga e Professora

A educação, suas condições e seus problemas sempre foram do interesse constante de filósofos, políticos, educadores e mais recentemente dos cientistas do comportamento. Os psicólogos pela sua própria formação acadêmica tem-se dedicado muito aos problemas educacionais, originando-se assim da psicologia, o que comumente se designa "Psicologia Educacional".

A Psicologia da Educação busca utilizar os princípios e as informações que as pesquisas psicológicas oferecem acerca do comportamento humano para tornar mais eficiente o processo ensino — aprendizagem.

A Psicologia Educacional contribui com a educação ao esclarecer e fornecer informações que levam a compreensão dos seguintes aspectos:

1) — O Papel do Professor

É ainda muito difundida a idéia de que o professor é aquele que detém o poder da sabedoria e por isso ensina, enquanto o aluno é aquele que vai para a escola para aprender. Entretanto, o professor ao ensinar aprende — ele não é o senhor absoluto e dono da verdade; o aluno (criança, adolescente, adulto ou velho) possui suas características peculiares, as quais precisam ser respeitadas.

No relacionamento professor — aluno, geralmente, o professor transmite para seus alunos atitudes positivas e negativas, assim como, valores, preconceitos crenças, etc. E o que muitas vezes acontece é o aluno aprender muito mais aquilo

que vê o professor fazendo ou deixando de fazer, do que ouve ele dizer. É importante que o professor perceba que ele é mais do que um mero transmissor de conhecimentos, na realidade, ele é um exemplo adulto que seus alunos em desenvolvimento poderão se tornar no futuro.

É primordial que a relação professor — aluno não fique circunscrita, limitada apenas entre as quatro paredes da sala de aula, mas que se estenda até as atividades escolares extraclasse como no recreio, promoções culturais artísticas, sociais e esportivas, pois contribuem para incentivar nos alunos o gosto pela cultura, arte e esporte. Fornece aos professores oportunidades de aprofundar mais seu conhecimento acerca de seus alunos ao proporcionar um relacionamento mais natural, rico e integral.

Na ampliação da participação ativa do professor é essencial este inserir-se nas atividades da comunidade onde está localizada a escola. Porque o conhecimento das necessidades e aspirações dessa população irá facilitar e orientar seu trabalho.

Outro aspecto na compreensão do papel do professor é a sua própria realização. A atitude positiva do professor em relação à matéria que leciona, aos alunos, ao próprio trabalho que desenvolve é fundamental para a eficácia da aprendizagem de seus alunos. O professor frustrado transmite essa frustração a seus alunos, entretanto, na medida em que se aperfeiçoa, o professor se

sente realizado e se dedica cada vez mais ao que faz, procura se evoluir constantemente.

É claro que essa busca de aperfeiçoamento depende da forma especial das condições objetivas de trabalho: se o que o professor ganha pode proporcionar a ele condições de comprar livro, ir ao teatro, cinema, shws; se não é obrigado a trabalhar em várias escolas para sobreviver; se a escola que trabalha lhe fornece as condições necessárias a sua tarefa educativa.

Na medida em que o professor questionar e compreender seu papel, contribuirá para a formação de seus críticos, participantes, criativos e que busquem uma renovação constante de si mesmo e da sociedade.

2) — O Aluno

O aluno é uma pessoa concreta, com preocupações, problemas, defeitos e qualidades. Possui necessidades, características individuais e desenvolvimento físico, emocional, intelectual e social.

Para que o aluno tenha condições de desenvolver-se de forma harmoniosa e equilibrada é preciso que sua formação seja compreendida, não apenas pelo professor como pelos demais profissionais da escola.

A criança em desenvolvimento possui em cada etapa características e necessidades diferentes e maneiras diferentes de compreender as coisas. Então não se deve trabalhar

da mesma forma com a criança de três anos, e de dez anos e o adolescente. Por isso que o conhecimento integral do aluno, em seus aspectos físicos, emocional, intelectual e social é de fundamental importância para o professor.

O desenvolvimento humano se dá de forma global, entretanto a escola enfatiza o desenvolvimento intelectual em detrimento dos demais aspectos. Acontece que nas regiões desprivilegiadas até o

do seu cotidiano viver, traz para a escola uma porção de influências que podem ser positivas e negativas no seu trabalho escolar.

Alguns conflitos que acontecem na escola podem ter origens na divergência de valores entre a casa e a escola do aluno. A família, os amigos orientando a criança num sentido e se a escola em outro, haverá então problemas os quais prejudicam o desempenho do educando.



desenvolvimento da inteligência é prejudicada, visto que os outros aspectos não são satisfatoriamente desenvolvidos.

desenvolvidos. Em tais regiões, cabe a escola suprir as deficiências da comunidade e contribuir para o desenvolvimento físico, emocional e social dos estudantes.

A psicologia da educação além de fornecer conhecimentos relacionados aos aspectos afetivo e intelectual dos alunos, pode ajudar o professor a entender as relações do aluno, principalmente com a família, com os amigos, com a escola e com a comunidade. O aluno,

Outros conflitos podem provir das diferenças entre as classes sociais. Para muitos alunos a escola é uma continuação do próprio lar, já estão inclusive familiarizados com o material escolar — lápis, borracha, régua, caderno, livro — ao passo que outros nunca tiveram a oportunidade de usar esse material em sua vida. Muitos já chegam com os valores do cotidiano escolar como ordem, disciplina, persistência, limpeza, higiene, etc., enquanto que outros não estão habituados a dar importância a tais valores.

A Psicologia da Educação não considera o trabalho do educador algo simples, pois embora possa

dotar o professor de conhecimentos que o ajude a desempenhar suas atribuições de maneira mais satisfatória para ele e para os alunos, não é garantia de bom ensino.

Para o professor é essencial não desconhecer que muitas vezes o péssimo desempenho dos seus alunos, ou a repetência e a evasão escolar podem ser conseqüências da inadaptação à própria escola e que estará desrespeitando a realidade de seus alunos se tentar impor seus próprios valores de classe.

3) O Processo Ensino — Aprendizagem

Professores preocupados e dedicados se interessam com o processo de aprendizagem, buscam conhecer quais os fatores que possam estar contribuindo ou prejudicando o desempenho de seus alunos.

Hoje, muitas idéias falsas, ainda, são propagadas na educação. Alguns acham que o aluno precisa ser controlado, punido quando fizer "algo errado" e premiado quando for "certinho", pois assim, se fará com que ele aprenda e seja comportado. Para outros o mais importante é o professor falar a matéria e o aluno ouvir, copiar e perguntar somente quando solicitado.

Entretanto, muitos educadores já sabem que as colocações acima são inadequadas e ineficazes, além do que não basta que o aluno decore as informações para aplicá-las na prática; que não adianta apenas criar um clima agradável na sala de aula, se o aluno não está interessado em aprender.

O aluno muitas vezes não aprende por várias razões desde as pertinentes a própria escola, sala de aula como as exteriores e familiares, como por exemplo aquela criança cujos pais não dão importância à escola.

Diante de cada situação, o professor precisa analisar e estudar todos os fatores possíveis, para então, propor as alternativas de solução mais indicadas para o caso. As informações fornecidas pela Psicologia da Educação podem auxiliar o trabalho do professor.

A Psicologia Educacional como área de produção de conhecimentos, tem possibilidade de oferecer informações úteis tanto para os que trabalham com educação quer a nível de escola, ou mesmo no lar. Pois tais conhecimentos são úteis não apenas para o psicólogo, mas também a outros profissionais como o orientador educacional, assistente social e professor que desempenham papel relevante, como também, para pais e leigos os quais atuam com sua presença na educação.

Pesquisa

Resistência e luta dos escravos no Brasil

(1ª Parte)

Claudete Maria Miranda Dias
Profª da UFRJ.

INTRODUÇÃO

Este artigo, apresentado no curso "Reavaliando dois Centenários: Abolição e República", é uma reflexão sucinta sobre a história da resistência dos escravos no Brasil no período imperial, baseado numa historiografia específica sobre o assunto, tendo como ponto de partida o livro de José Alípio Goulart (indicado na bibliografia no final deste trabalho). Como reflexão, é portanto um estudo inacabado sem o aprofundamento em fontes primárias. Procuro arrolar as inúmeras lutas dos escravos que ainda necessitam de estudos mais aprofundados, apesar de serem temas para alguns autores abnegados que não se limitam às facilidades de escrever a história da escravidão a partir das classes do-

minantes, dos senhores de escravos.

Exponho aqui uma pequena avaliação historiográfica como primeira parte da reflexão e, em seguida passo a arrolar as formas de luta dos escravos quais sejam: as fugas, o suicídio, o assassinato, rebeliões, insurreições ou revoltas, onde dou uma visão geral delas nas várias províncias brasileiras, e dos quilombos em todo o Brasil, notadamente o quilombo de Palmares. Vale ressaltar que a historiografia na qual me baseei fundamenta-se em vasta documentação primária, pesquisada em várias instituições brasileiras. Fontes como, os Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e Documentos Históricos, Relatórios de

Presidentes de Províncias e do Ministério da Justiça, Coleção de Leis do Império do Brasil, Relatórios de chefes de Polícia, Coleção das Decisões de Governo do Império do Brasil, Documentos Interessantes para a História de São Paulo, Revistas do Arquivo Municipal de São Paulo e Viajantes, entre outros.

Este estudo é uma parte da pesquisa que venho realizando sobre os movimentos populares do século XIX no Brasil e o processo de independência política. Interessa-me resgatar a participação das camadas populares neste processo, ressaltando a atuação do aparato repressor organizado pelos governos da época.

II - PEQUENA AVALIAÇÃO HISTORIOGRÁFICA

A historiografia tradicional brasileira registra precariamente as lutas dos escravos e durante muito tempo o desconheceu como categoria histórica de nosso passado. Alguns historiadores, como Francisco Adolfo Varnhagem, por exemplo, "tão metucioso e informado, na sua História Geral, não se refere senão aos quilombos de Palmares, e o faz para bendizer a sua extinção (1). Oliveira Viana na década de 1920 destaca os quilombos como categoria importante do nosso processo histórico sem contudo aprofundar a questão. Outros estudiosos da escravidão com Rocha Pita, Perdigão Malheiros, entre outros, fazem referência ao quilombo de Palmares (2). Na década seguinte, Caio Prado Junior, mesmo interpretando a história colonial e imperial a partir do materialismo histórico, refere-se aos escravos de forma contraditória e preconceituosa. Outros como Nina Rodrigues, Artur-Ramos e Edison Carneiro, estudiosos da escravidão, consideram os quilombos como uma



forma de resistência cultural ou tentativa de preservação das tradições africanas e não uma resistência à escravidão. Edison Carneiro considera que o quilombo de Palmares "foi um Estado negro à semelhança dos muitos que existiram na África, no século XVII" (3), ou seja, os quilombos seriam um fenômeno de restauração dos valores culturais da África e sua organização interna se assemelhavam aos Estados africanos.

Essa visão ainda não foi superada, mesmo considerando os trabalhos mais recentes de outros estudiosos como os de Clóvis Moura, Mário Maestri, Décio Freitas e Alípio Goulart (4) cujas interpretações resgatam a história dos escravos e da escravidão a partir de suas próprias lutas, e não somente a história do senhor de escravos.

Durante muito tempo, o livro "Casa Grande e Senzala" de Gilberto Freyre foi o mais célebre sobre o assunto até ser desmistificado por historiadores de nome como Emília Viotti da Costa.

Mas é com a definição do "escravismo colonial" como um modo de produção historicamente novo e hegemônico em importantes regiões do Novo Mundo que os quilombos passam a ser compreendidos como uma forma de resistência social em uma organização social escravista" (5).

Existe ainda uma defasagem na compreensão das lutas dos escravos contra a escravidão: mesmo autores que definem o escravismo como um modo de produção não aceitam as lutas dos escravos como sendo uma forma de resistência à escravidão, considerando uma heresia ou utopia daqueles que demonstram o contrário.

A história do Brasil ainda é dominada por padrões e visões elitistas que privilegia as classes dominantes, como se estas fossem os únicos personagens da história, criando com isto parâmetros julgamentos e valores que excluem as classes populares.

A história da escravidão no Brasil ainda está faltando muito para ser totalmente escrita, mesmo considerando os inúmeros autores que a estudam aqui e no exterior. Cada pesquisador, historiador ou estudioso que se proponham a estudá-la, encontram aspectos desconhecidos, outros contraditórios, e ainda são muitos os documentos espalhados por esse país a fora e em arquivos estrangeiros, que se encontram a espera de estudos mais sistemáticos; documentos que não foram destruídos e escaparam da decisão de Rui Barbosa de queimá-los para "apagar essa mancha da nossa história".

A historiografia, enquanto conhecimento organizado e difundido na sociedade brasileira, forjou uma mentalidade racista que ainda permanece em nossa estrutura social, fruto de mais de três séculos de escravidão. O escravo foi encarado durante muitos anos como um agente passivo e não testemunho da história.

Segundo Clóvis Moura, pela posição ocupada pelo escravo na sociedade escravista que não lhe oferecia condições de ascensão social capaz de modificar sua condição de escravo ele a negava levando-o a se organizar em movimentos ou grupos de negação ao escravismo.

O Brasil foi o último país católico do mundo a abolir a escravidão e o grau de influência deste passado escravista ainda entrava o nosso presente. As relações de trabalho, familiares, sexuais, artísticas, políticas e culturais, nossas instituições autoritárias, a mentalidade de subordinação e dominação, o elitismo, o racismo, são marcas profundas deixadas pela escravidão (6). A escravidão não pode ser estudada sem se considerar sua especificidade regional, realidade de cada região, engenhos e fazendas. Cada uma constituía uma realidade distinta, mesmo considerando aspectos característicos do escravismo, publicado no Jornal do Brasil o historiador Eduardo Silva apontou para um aspecto novo na aborda-

gem da escravidão: a negação ou o acordo entre senhores e escravos que possibilitavam padrões de relacionamento forçados pelos próprios escravos. Sugere uma força dos escravos frente aos senhores que, receando possíveis prejuízos, aceitavam as condições exigidas pelos escravos, ou seja, a negociação seria uma forma do escravo enfrentar a escravidão e não apenas as rebeliões e as insurreições (7).

Não é tarefa fácil esta a de constituição da memória das lutas dos escravos no Brasil. A documentação é rara e está dispersa e difusa. Atualmente há um esforço nacional no sentido de levantamento de todas as fontes existentes no país. Após cem anos de abolição organiza-se no país uma empreitada para recuperação da memória da escravidão.

A história da luta e resistência dos escravos ou de outros setores populares ainda está sendo escrita apesar das dificuldades e dos preconceitos. Há um interesse muito maior em estudar a questão, mas muitos são rotulados de populistas ou panfletários. Em geral adotam uma linguagem simples e direta aos padrões da academia altamente elaborada e hermética, acessível ao restrito grupo de intelectuais universitários. Os rótulos existem e como as camadas populares são agentes históricos que a historiografia dominante não valoriza, ao vir à tona uma história que destaca as



lutas e resistência das classes populares, é encarada como populista.

Mas a nova historiografia fundamentada nos métodos da história social, hoje dá conta do processo histórico dos movimentos populares, colocando em cena agentes históricos como as classes pobres. Ou seja, quem faz a história são os homens e mulheres em sociedade e não apenas esta ou aquela autoridade ou personalidade ou apenas os donos do poder.

Em qualquer época e em qualquer sociedade, as classes dominantes utilizam o conhecimento histórico para difundir sua própria história. Grande parte da historiografia brasileira, considera a sociedade a partir da visão e ponto de vista das expectativas e da imagem da classe dominante, ou como diz E.P. Thompson; é a "propaganda dos vencedores". Por isto, como ele eu acredito que "recuperar uma história alternativa supõe sempre polemizar com a ideologia dominante", (8).

III - FORMAS DE LUTA DOS ESCRAVOS NO BRASIL

1 - A Fuga

A fuga era a forma mais simples de rebeldia e de mais pronta execução, por isso era a mais escolhida apesar de ser enganosa e fugaz. Significava liberdade pelo menos temporal e sobrevivência física. Mas mesmo fugindo a condição de escravo permanecia na medida em que era caçado e se encontrado, açoitado violentamente.

A fuga é inerente à escravidão e era uma maneira de se livrar das condições bárbaras de vida: fugia dos maus tratos, da violência, da selvageria e ferocidade dos senhores.

As estatísticas são incompletas, mas segundo José Alípio Goulart, há quem afirme que os índices são surpreendentes com relação aos escravos que fugiam em relação aos que permaneciam nas fazendas.

Fugindo o escravo demonstrava sua rebeldia, mesmo sabendo que sendo capturado seria submetido aos maus diferentes castigos como os açoites, tronco, ferro em brasa, coiares de ferro e até amputação de membros além do pelourinho e das surras de palmatória e chicotes.

É claro que havia os senhores humanitários e que tratavam com estima e reconhecimento seus escravos, e que por temor de perder seus escravos, os tratavam sem castigos, mas era uma minoria. Geralmente estes eram os escravos de ganho, escravos urbanos que consistia em ter uma ocupação remunerada. Estes escravos moravam

em suas casas e se sustentavam, diferenciando completamente dos escravos das lavouras. Vendiam iguarias nas ruas, eram carregadores, alfaiates, sapateiros, padeiros, escravas prostitutas, cegos esmolês, etc. Em troca pagavam uma diária ao senhor. No Brasil sua proporção foi enorme na Bahia, chegando a 80% dos escravos em Salvador segundo estimativas levantadas por José Alípio Goulart. Muitos escravos, compravam ou pagavam a alforria graças aos excedentes ou sobras, tornando-se libertos, mas não tinham a menor chance de ascensão social.

A tentação da fuga era irresistível. Tendo chance, "metia o pé no mundo"; fugir, "ganhar o ôco do mundo" era idéia fixa. Daí muitos andaram acorrentados e sob forte esquema de vigilância por parte dos feitores.

As fugas geralmente tinham conseqüências econômicas, como o prejuízo do capital empregado na sua compra. Qualquer senhor se empenhava em capturar seus escravos que geralmente fugiam para as matas ou ficavam nas redondezas, ocultando-se nas montanhas, internando-se nos matos, evitando de várias maneiras tornar-se presa fácil a seus perseguidores. Muitos ficavam por perto quando sentiam que afrouxava a caçada. A fome os fazia procurar os arredores das fazendas ou cidades e outros atacavam os viajantes. Outros procuravam juntar-se aos quilombos.

2 - O Suicídio

De acordo com José Alípio Goulart, o suicídio era o recurso mais trágico de que se valia o escravo para fugir aos rigores do regime que o oprimia: excesso de trabalho, maus tratos, humilhações, e, em muitos casos, para eliminar além da própria vida, o "banzo", isto é, a irreprimível saudade da pátria distante, que consideravam nunca mais vê-la e que acreditavam que voltariam graças ao processo da ressurreição. Os escravos acreditavam na ressurreição. Depois da morte viriam atormentar e matar aqueles que os tinham vendido (9).

Usavam os mais variados processos para se matar: estrangulamento, enforcamentos em galhos de árvores, asfixia (engolindo a própria língua) (10) afogamento, envenenamento, degolamento ou empanzinavam-se (comendo terra). Muitos escravos que eram capturados, suicidavam-se: preferiam a morte do que ter que se submeter às violências dos castigos e humilhações.

"Dentre as causas invocadas pelos escravos, para auto-eliminar-se, avultava o receio dos castigos a que

os sujeitavam. Sem conta são as notícias de suicídios originados no desespero e no sofrimento causados por castigos eminentes ou até mesmo já sofridos. Muitas daquelas infelizes criaturas, após submetidas ao barbarismo dos açoites, à humilhação dos libambos, ao sofrimento do tronco, à vergonha da golhilha, ao vexame da máscara, muitas deias recorriam ao suicídio como forma de reação, como ódio de vingança e, porque não dizer, por ânsia de liberdade (11).

3 - O Assassínio

Desde de os primórdios da escravidão no Brasil, o assassinato foi uma reação posta em prática pelos escravos, "como uma das mais terríveis" e muito comum entre as formas diversas de luta do escravo contra a escravidão.

Os senhores e os feitores eram as vítimas mais constantes e mais visados: eram estes que provocavam a ira do escravo, eram os agentes executores dos castigos e pelos excessos a que praticavam alicerçados na importância do cargo. Inumeráveis foram os feitores e administradores que morreram pelas mãos de seus escravos, conforme consta em Relatório de Polícia da Corte e das Províncias, correspondências de governadores das capitânicas, Relatórios de Ministro de Justiça e jornais da época.

O envenenamento era a forma mais usada para matar o senhor. Os próprios escravos faziam os venenos de origem animal, vegetal e mineral largamente empregados, como o célebre pé feito com a cabeça da cobra cascavel, torrada e moída. Ao fim de alguns dias de quebranto — lassidão, desânimo — do senhor causado pela dosagem frequente do veneno, era morte certa.

Os assassinatos eram também com facadas, pauladas, tiros, golpes de enxada e além dos senhores e feitores, os escravos matavam também pessoas das famílias proprietárias e autoridades favoráveis à escravidão.

Na tentativa de proibir ou impedir a prática do assassinato, já em 1669 El-Rei inclui no Regimento dos Ouvidores do Rio de Janeiro, a pena de morte aos criminosos de delito (12), estendido aos Ouvidores da Capitania de escravos. Durante o império persistiam a frequência dos assassinatos de senhores e feitores, e por portaria da Secretaria da Justiça da Corte, como medida repressora, nega-se o direito ao recurso de Graça, mesmo que o escravo fosse menor.

Apesar das leis repressoras e protetoras dos senhores, os escravos persistiam assassinando, ignorando-as. Durante a Regência

em 1835 aprovou-se uma lei que estabelecia a pena de morte "aos escravos que matarem por qualquer maneira que seja, propinarem veneno, ferirem gravemente ou fizerem qualquer outra grave ofensa física ao senhor, a sua mulher, a descendente ou ascendentes, a administradores, feitores e as suas mulheres que com eles viverem" (13).

Impossível seria relatar aqui os inúmeros casos de assassinatos das mais diversas maneiras praticadas pelos escravos nas mais diferentes regiões do Brasil. José Alípio Goulart ilustra uma série deles apoiado em vasta documentação e como ele mesmo diz, é elevadíssimo o número de senhores, senhoras, feitores e familiares assassinados "por aqueles que, por seu turno, vinham também a ser vítimas de um regime que só lhes oferecia sacrifícios, sofrimentos, humilhações e revolta" (14).

4 - A Rebelião e as Insurreições

"O escravo não foi aquele objeto passivo que apenas observava a história. Não foram os escravos testemunhos mudos de uma história para a qual não existem senão como uma espécie de instrumento passivo, mas pelo contrário, um componente dinâmico permanente no desgaste ao sistema, através de diversas formas, e que atuavam, em vários níveis, no processo do seu desmoronamento" (15).

Uma das formas mais constantes do escravo brasileiro manifestar seu descontentamento com sua condição foram as rebeliões e as insurreições. Dio historiador Ciro Flamamesmo o germe da rebelião, e ao contrário da visão dominante o escravo no Brasil nunca foi o elemento passivo como é apresentado. Enquanto houve escravidão no Brasil, houve resistência e luta dos escravos.

As rebeliões e as insurreições eram desde as pequenas sedições do cotidiano, que denunciavam a permanente revolta do escravo ante as condições do regime, até às grandes convulsões religiosas e políticas como as que ocorreram na Bahia, e Maranhão.

Havia um grande receio por parte dos senhores de escravos, de uma revolta geral da massa escrava, que, superava em muito a população branca. Desde os primeiros anos da escravidão até seu final, este receio foi permanente, como foram as rebeliões. Apesar do poderio dos senhores, estes temiam a superioridade dos negros. Os senhores desenvolveram toda espécie de defesa, controle e vigilância contra estas revoltas e para impedir

que elas se propagasse ou se tornasse uma grande revolta unindo os escravos de todo o Brasil. Utilizavam desde o capitão do mato como "caçador de escravos" fugidos a tropas bem armadas e municionadas a legislação. O medo da classe senhorial "irá gerar uma ideologia agressiva que marcará o comportamento básico do senhor de escravos no Brasil" (16). Embora o escravo na sua rebeldia não elaborasse um projeto de uma nova organização social em substituição ao escravismo, fica claro que estas lutas desgastavam o regime social, econômica e politicamente. O esquema repressor e os mecanismos de controle mantidos pela classe senhorial garantiriam por um lado, o regime.

Ao nível do controle social e do monopólio da violência, a classe senhorial do império, tinha uma legislação específica profundamente autoritário na sua concepção onde estavam definidos o que era uma rebelião, sedição e insurreição. O Código Criminal do Império (1830) e o Código de Processo Criminal de Primeira Instância (1832) definiam como sendo **rebelião** "uma reunião de uma ou mais povoações, que compreendam todas, mais de vinte mil pessoas, para perpetrar algum ou alguns dos crimes contra a independência, integridade e dignidade de nação, contra a contribuição do Império e forma de seu governo, contra o chefe de governo e contra o livre exercício dos poderes políticos"; **sedição** se caracterizaria pelo "ajuntamento de mais de vinte pessoas armadas todas, ou parte delas, para o fim de bostar a posse do emprego público nomeado competentemente, e munido de títulos legítimos ou para privar do exercício do seu emprego ou para obstar a execução e cumprimento de qualquer ato ou ordem legal de legítima autoridade". Mais ameaçadora para a ordem, como a desejava a classe senhorial, porque ameaçava diretamente o processo de exploração do trabalho, era a **insurreição**. Ela ocorriam quando se reuniam vinte ou mais escravos para haverem a liberdade por meio da força;... se os cabeças forem livres ocorrerão as mesmas penas impostas aos cabeças escravos; ajudar, excitar ou aconselhar escravos e insurgir-se fornecendo-lhes armas, munições ou outros meios para o mesmo fim" (17).

As insurreições foram permanentes e constantes em várias partes do Brasil conforme mostro neste estudo sucinto:

No PARÁ

Em 1854, os escravos atentaram contra a vida de vários cidadãos sendo fortemente repelidos pelas

autoridades através do 11º Batalhão de Infantaria; em 1866, escravos ficaram senhores de uma propriedade e em 1884, a fazenda Pernambuco do Convento do Carmo, e um grupo de escravos invade uma cadeia em Belém para libertar outros escravos, conseguindo o que queriam apesar da repressão do Chefe de Polícia (18).

No século XIX, um terço da população de Belém era constituída de escravos e durante as lutas pela independência o escravo se engajava ao lado da população mestiça, cabocla e branca. A partir do momento em que o escravo identificou o conceito de liberdade serviu para despertá-los e engajá-los em lutas que agiram o Pará nas primeiras décadas do século XIX.

"A adesão e integração da massa escrava é um dos dados mais importantes no estudo da Cabanagem um movimento popular que formou o poder local (1836). Durante o movimento ocorreram vários levantes de escravos como a ocupação da referida fazenda de Convento do Carmo. "Não será exagero dizer-se que os negros aderiram em massa à causa cabana e que portanto os que participaram do movimento totalizam alguns milhares" apesar de não termos dados estatísticos suficientes (19).

Atraídos pela propaganda revolucionária os escravos engajam-se na Cabanagem, mas internamente as contradições de classe e raciais impediram a expansão dos ideais de liberdade e mesmo quando os líderes populares ocuparam o poder na província não souberam superar esta contradição.

No Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe

As rebeliões e insurreições ocorridas nestas províncias do Nordeste durante o século XIX, aqui mostrados, são apenas exemplos ilustrativos. José Alípio Goulart fez um estudo sucinto destas rebeliões por todo o Brasil, sendo ele talvez o primeiro autor e pesquisador a demonstrar um painel destas lutas.

Todas elas têm aspectos que não foram ainda pesquisados profundamente como por exemplo a participação ou engajamento dos escravos em lutas pela independência, ou em movimentos populares como Cabanagem, Cabanada, Quebra-Quilos, Balaiada, etc.

Independente destas lutas populares, os escravos tinham suas próprias formas de luta e interesses particulares à sua categoria social. E para conquistar a liberdade muitas foram as formas utilizadas para conquistá-la.

No Ceará, escravos a bordo de

uma barca, amotinaram-se, revoltados com os maus tratamentos e à falta de comida. O motim é tramado no porão sendo que todos os tripulantes são jogados no mar à exceção de um que adere ao motim. Em terra, no entanto enfrentam a Polícia e são quase todos presos.

O líder principal é morto durante o confronto. Dos prisioneiros, cinco escravos são condenados à forca.

No **Rio Grande do Norte**, uma insurreição escrava foi reprimida quando estava sendo organizada. Eram escravos de vários engenhos de comarca de São José que foram "reunir-se nos matos, dando feição de insurreição a este movimento", conforme expressão do presidente de província em Relatório ao Ministro da Justiça em 15 de maio de 1866. Diz ainda que "uns foram presos" — provavelmente as lideranças, enquanto "outros" voltaram para "as casas de seus donos" (20).

Na **Paraíba** os escravos juntam-se ao povo contra o novo sistema de pesos e medidas adotado no ano de 1874.

Liderados pelo escravo de nome Manoel do Carmo prendem o presidente de Conselho Municipal de Campina Grande e fazem vários reféns em troca "do livro do fundo de emancipação" onde havia os registros dos escravos novos. Os escravos são ludibriados pelo presidente da Câmara, que lhes entregara outro livro.

De todos os pontos da Paraíba chegavam "continuas levas de escravos... para engrossar as fileiras" da insurreição que ficou conhecida depois como Quebra-Quilos", que abrangeu várias cidades do nordeste.

Armando Souto Maior (21) faz um apanhado minucioso do movimento Quebra-Quilos que tinha uma organização espontânea das massas insatisfeitas com o governo imperial. O movimento foi violentamente reprimido pelas armas.

O movimento Quebra-Quilos se espalhou também por **Pernambuco**, uma das províncias mais agitadas politicamente durante o Império, principalmente devido às lutas sociais com a participação de vários setores da população, como escravos, lavradores dos engenhos de açúcar e setores urbanos.

Os escravos participaram do movimento liberal de 1817 muitos deles foram fuzilados e enforcados por ordem do Conde dos Arcos acusados pelo batalhão armado comandado por Pais Barreto, presidente da província.

Outra rebelião tem lugar em um engenho do interior no ano de 1853 exigindo a restituição dos dias santos que foram suprimidos pelo San-

to Padre. Esta rebelião provocou terror na província: os escravos planejavam tomar Recife e os engenhos. A ação enérgica das autoridades estabeleceu a tranquilidade na província prendendo 14 escravos que lideravam a insurreição.

Ainda é meio obscuro e nebuloso a repercussão destas lutas, e a participação dos escravos em outros movimentos da população livre, como Confederação do Equador em 1824 a Cabana em 1833 e a Praieira em 1848, todas em Pernambuco. Sabemos do limite da ideologia dominante da época: o liberalismo esbarrava na escravidão e na grande propriedade, e estes movimentos foram todos liderados por esta ideologia, daí que os escravos mesmo participando delas não tiveram nenhuma vitória.

Em **Alagoas**, por exemplo, os escravos que participaram da Cabana afastaram-se provavelmente devido às contradições existentes entre a população livre.

Insternam-se nas metas praticando todo tipo de violência, destruindo engenhos e enfrentando as forças legais. Esta rebelião alcançou grande destaque em Alagoas.

O receio que os senhores proprietários tinham das rebeliões escravas fez muitas vezes com que aparecessem boatos exagerados, como em 1825, ainda em Alagoas, de que um levante de escravos que ameaçava a província, ou outro em 1885 de um levante com considerável número de escravos, que presumia-se pelo direito à liberdade.

Os escravos fugitivos de **Sergipe**, no dizer de J. A. Goulart, se especializaram na prática de guerrilhas, tornando mais difícil o combate pelas tropas armadas do governo que organizava expedições especialmente para caçar escravos fugidos nas matas. Sob a cumplicidade dos escravos dos engenhos, os rebeldes conseguiram resistir e obter informações da movimentação das tropas. Vários engenhos foram cercados durante o ano de 1872 sem sucesso; quando as tropas chegavam os rebeldes já haviam fugido. Com isto ganhavam ímpeto e raro não foram as vezes que "em grupo de dez a doze, armados e bem municiados" entravam em vilas e povoados, "disparando suas armas às portas das autoridades" (22).

No **Espírito Santo**, **Rio de Janeiro**, **São Paulo**, **Paraná**, **Rio Grande do Sul** e **Minas Gerais**

O livro "A escravidão e a abolição no E. Santo" de Maria Stela Novais (23) resgata várias lutas dos escravos no século XIX e José Alípio Goulart diz que nem a peque-

na província do E. Santo escapou às rebeliões de escravos. Todas elas foram sufocadas pelo aparato armado do governo da província e dos senhores proprietários, como a "insurreição do Queimado" que ocorreu em 1849 no lugar do mesmo nome. Mais de 200 escravos invadem a igreja. São contidos por vozes conciliadoras e mais promessas e voltando às fazendas são presos e submetidos a castigos.

Além desta, outra ocorre em 1865 movido novamente por promessas de emancipação pela participação na Guerra do Paraguai; outra em 1871, em **Cachoeiro de Itapemirim**, descoberta pelo Delegado de Polícia que malogra o plano dos escravos de diferentes fazendas em associação no intuito de obterem liberdade (24); ou ainda outra em 1885 em **São Mateus**, onde escravos fugidos atacam fazendas e estradas criando um clima de insurreição pela alforria.

Os senhores proprietários e as autoridades teimavam em manter a ordem escravocrata que agonizava, e para isto, se armavam e combatiam vigorosamente estas manifestações de rebeldia, lutas, rebeliões e insurreições, além de proibir através de leis as reuniões ou "ajuntamentos", justamente porque havia uma forte inquietação entre os escravos, insegurança e medo entre os que defendiam a ordem escravocrata.

O **Rio de Janeiro** foi uma província que utilizou em grande escala a mão de obra escrava nas lavouras da cana-de-açúcar e do café. Em 1819, 23, 4% da população era escrava (25). Sendo da mesma forma onde aconteceu um grande número de rebeliões e insurreições. Muitas delas saíram dos planos devido a ação enérgica e vigilante das forças do governo.

A exemplo dos escravos da Bahia "os escravos fluminenses formaram associações secretas desconfiando-se até, que alguns de seus membros mantivessem ligação com escravos baianos" Justamente na época em que se verificavam as revoltas dos escravos na Bahia (de 1835 a 1844), ocorreu no Rio de Janeiro uma insurreição liderada pelo escravo Manoel Congo ou o quilombo da fazenda Santa Catarina (1838-39), (por que, em princípio, foi uma insurreição derrotada que se transformou em quilombo). Mais de 300 escravos estariam envolvidos neste episódio, marcado por ataques às fazendas e engenhos. Os fazendeiros da região apavorados, são socorridos por forças do governo imperial comandadas pelo coronel Luís Alves de Lima, (depois Barão de Caxias por ter combatido e derrotado a Balaia-

da no Maranhão e Piauí). Foi uma "pavorosa matança". Os escravos foram trucidados e as lideranças submetidas a penas que iam desde o enforcamento aos açoites em praça pública.

A associação secreta dos escravos permaneceu apesar da repressão e é através dela que em 1847 em Vassouras, novamente os escravos planejam uma rebelião que não chega a se concretizar. Uma delas descobre os planos.

Em campos, Valença, Resende, Vassouras são alguns dos lugares onde ocorreram lutas organizadas dos escravos, durante os anos de 1866, 1873, 1877, 1878, 1884, 85, 86, e 87. Os escravos arrombavam as portas das senzalas, matando o feitor, saqueavam fazendas e povoações. São Paulo foi outra província fértil em rebeliões e que utilizou grande número de escravos na lavoura do café. Muitas eram apenas boatos ou não saíam das reuniões onde eram tramadas, devido sobretudo à eficácia da ação do aparato policial armado atento pelas constantes denúncias e ameaças de insurreições. A população branca vivia em permanente pânico em lugares como Itu, Campinas, Piracicaba, entre outros registraram-se lutas dos escravos em grupos de 120 a 20 pela liberdade durante os anos de 1848/1864/1871/1880/1884.

Como no resto do país, nenhuma delas conseguiu suplantar a repressão.

O medo que as classes dominantes da época tinham de uma revolta geral no país, devia-se basicamente à constância com que ocorriam insurreições, rebeliões e quilombos nas várias províncias, bem como a influência que os negros do Haiti representavam ou, até mesmo, pelo fato de haver lutas em datas iguais, como em 1864 e 65, anos da guerra do Paraguai, com lutas de escravos em alguns lugares como no Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Paraná. No Paraná a maior insurreição ocorreu exatamente neste ano, quando uma média de 300 escravos resistiam seguir para São Paulo transferidos de uma fazenda pertencente aos frades carmelitas para a de um fazendeiro. A fazenda é cercada, a liderança prisioneira e a maioria seguiu para São Paulo.

No Rio Grande do Sul em 1848, os escravos que trabalhavam nas charqueadas ou olarias planejavam uma insurreição que é denunciada resultando em mais de 30 presos.

Minas Gerais foi outra província onde houve grande número de escravos, principalmente ligados à mineração, e da mesma forma foi elevado o índice de rebeliões. Ainda no século XVIII os escravos ensaiaram movimentos de revolta contra a

ordem escravista, inclusive participando da "Conjuração Mineira". No século XIX, muitas malograram por delações e pela presteza com que as autoridades policiais agiam, permanentemente atentas a qualquer movimentação. Nas regiões de Ouro Preto, Lavras, Diamantina, Jequitinhonha, Sabará, Mariana, são alguns dos locais onde houve resistência e lutas durante os anos de 1821, 1862, 1864, e 65. "Enquanto houve escravos Minas não sossegou" (26).

No Piauí, Maranhão e Bahia

O Piauí e Maranhão foram pal-

cos de uma das maiores lutas populares do século XIX, a Balaiada, que teve início em dezembro de 1838 e durou até o final de 1841. É um momento em que os escravos aquilombados se reúnem à população livre em luta contra a dominação oligárquica. Somente no Maranhão, calcula-se entre 3 mil a 6 mil escravos liderados pelo escravo Cosme Bento das Chagas e de uma escrava de nome Emeréciana (pouco se sabe sobre ele). A população escrava do Maranhão era muito mais numerosa que a do Piauí, onde dominava a economia de pecuária que exigia uma escassa mão-de-obra. No Maranhão o sistema agrí-



cola baseado no arroz e algodão, necessitava de abundante mão-de-obra. Durante meados do século XVIII, a província recebeu grandes levas de escravos da África desembarcados diretamente no porto de São Luiz pela Cia. Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão.

Os escravos do Piauí também se engajaram na Balaiada, mas ainda faltam pesquisas que evidenciem o nível desta participação. Há quem considere impossível uma união entre a população e os escravos, mas por outro lado é muito sintomático o fato das autoridades tomarem medidas no sentido de impedir que esta união se concretizasse, jogando uns contra os outros, explorando o preconceito e dando anistia somente à população sertaneja livre. Para Maria Januária Vilela Santos (27), que estuda especificamente a insurreição dos escravos no Maranhão e sua participação na Balaiada, estes aproveitaram-se do momento propício para se rebelar e os sertanejos não souberam ou não tiveram capacidade para manter a aliança com os negros.

Mesmo considerando que as lutas dos escravos existiam muito antes da Balaiada e que perduraram, mesmo depois da violenta repressão, acredito que neste momento, no qual a população pobre e oprimida se organiza para lutar contra seus dominadores, a resistência dos escravos alcançou um outro grau de organização, ultrapassando os níveis de resistência tradicionais como a fugas, suicídio, assassinato e quilombo. É importante considerar, que as táticas de guerrilha utilizadas durante a Balaiada são muito fre-

quentes nos quilombos e rebeliões escrava o que denota uma influência destas lutas no movimento dos balaios (28).

Mas nem toda organização e união foram suficientes para vencer o aparato armado liderado pelo coronel Luís Alves de Lima e pelo Barão da Parnaíba, presidentes do Maranhão e Piauí respectivamente. Apesar da dificuldade em combater o movimento, conseguiram ao fim de mais um ano, derrotá-lo, ou pacificá-lo (na visão deles). Mas não conseguem exterminar a resistência dos negros escravos que continua. Alípio Goulart resgata o quilombo S. Benedito do Céu descrito em uma fala do presidente da província do Piauí em outubro de 1867.

Em todo o Brasil, os escravos continuavam resistindo à escravidão e lutando pela sua liberdade. Os escravos da Bahia tornaram-se famosos por sua rebeldia bem antes de a plebe livre desencadear seus movimentos de protesto. Embora frequentes em tempos anteriores, as rebeliões se multiplicavam a partir do início do século XIX. O aumento nas importações de africanos, a intensificação do trabalho, o clima de divisão entre os setores livres da população são alguns dos principais fatores que explicam essas rebeliões numerosas, constituídas das cotidianas, das espontâneas ou planejadas, abrangendo quase toda a primeira metade do século XIX (1807-1844), "na capital e nas vilas do recôncavo, nos engenhos e armações de pesca". Mesmo derrotados invariavelmente, estes "escravos africanos mantiveram os senhores em constante insegurança. Em várias ocasiões os rebeldes tiveram seus planos frustrados e não foram além da conspiração. Por vezes contavam com um número significa-

tivo de participantes, que outras vezes não passaram de algumas dezenas" (29).

Segundo Décio Freitas a grande insurreição dos malês de 1835, foi a primeira que os escravos conceberam um ataque frontal à estrutura do escravismo, visando à tomada do poder em Salvador. Foi organizada e articulada minuciosamente por uma associação secreta composta de 1.500 membros, das mais variadas ocupações. O plano previa tomar a Casa da Pólvora, incendiar a redondeza, matar os senhores e instituir um governo negro.

Na noite anterior ao dia planejado para a realização da insurreição, o movimento foi denunciado e como diz o mesmo autor, a insurreição, tal como fora planejada, fracassara. Seguindo-se logo após uma repressão feroz. Medidas como suspensão dos direitos individuais por 30 dias, buscas em residência, proibição de batuques e as prisões ficaram repletas em poucos dias. Com a derrota da insurreição, praticamente se encerra o período das revoltas na Bahia, com apenas uma em 1844, que Clóvis Moura chama de insurreição esquecida, quando os escravos da capital tentam novamente através da força acabar com a escravidão. Com esta última, segundo a maioria dos autores consultados encerra-se o "ciclo de insurreição" em Salvador, que Décio Freitas considera "cidade negra" tal a proporção dos negros em relação aos brancos: 52% da população era negra, oriunda basicamente da Guiné Angola e Congo.

As insurreições foram sucessivas: 1807, 1808, 1810, 1813, 1814, 1822, 1823, 1824, 1828, 1829, 1835, e 1844 dos mais variados tipos.

continua no próximo número

Visite, em Campo Maior - PI
o Museu do Couro
e o Monumento do Jenipapo

NOSSA SENHORA DO CARNEIRO DA SILVA

Vanda Margarida da Fonsêca G. Coult

Não constitui transgressão da lei divina acreditar ou desacreditar em certos fenômenos sobrenaturais como os êxtases, ou visões tidas como celestiais da parte de pessoas dotadas de extraordinárias virtudes morais e teológicas. Por conseguinte, o questionamento envolve uma perspectiva de crença e de fé individual onde a busca da veracidade histórico-teológica embora básica, não é fundamental.

Crer ou descrever nas aparições da Virgem Maria em Lourdes-França ou em Fátima-Portugal não constitui pecado teológico, pois para a Igreja, a crença inabalável em tais aparições não firma princípio dogmático. No núcleo familiar de Jesus, a importância da Virgem Maria sofreu, através dos séculos, sérias contestações desde o início da organização da Igreja, até o recentíssimo reconhecimento como dogma, a Imaculada Conceição instituída pelo Papa Pio IX em 1854. A crise atingiu seu ponto máximo na Alta Idade Média com o nestorianismo e o monofisismo para depois se firmar de modo definitivo.

A Virgem Maria, Mãe de Deus é uma só. Depois de sua ascensão ao céu, o seu reaparecimento na terra está quase sempre ligado a fenômenos circunstanciais toponímicos razão pela qual a Igreja consagrou N. S. de Aguiar, N. S. da Lampadosa, N. S. da Ajuda, N. S. de Mindes, N. S. do Caminho, N. S. da Abadia, N. S. do Enxergado, N. S. do Bispo, N. S. da Cabeça, N. S. da Esperança, N. S. do Pópulo, N. S. da Orada, N. S. dos Aflitos, dos Humildes, de Copacabana, da Boa Marte, de Loreto, N. S. Aparecida, Padroeira do Brasil e dezenas de outras.

A devoção à Santíssima Virgem sob a sugestiva denominação de NOSSA SENHORA DO CARNEIRO DA SILVA, é praticada no Piauí, há mais de dois (1) séculos embora, em Portugal o culto dedicado à NOSSA SENHORA DA SILVA e à VIRGEM DO CARNEIRO datam dos séculos XIII e XIV.



Francisco Costandrade - N. S. do Carneiro da Silva

Segundo uma antiga tradição, na SERRA DO CARNEIRO DA SILVA erroneamente denominada SERRA DO CARNEIRO, localizada no antigo município de NOSSA SENHORA DO Ó de VALENÇA, hoje ELESBÃO VELOSO, nas últimas décadas do século XVIII, tiveram lugar as primeiras manifestações sobrenaturais. Essas aparições extraterrenas revelavam a presença de um carneiro de velo de ouro, ostentando na fronte uma bela e ofuscante estrela. O cordeirinho vez por outra aparecia com a pata direita ligeiramente levantada prendendo a haste de uma flâmula branca tendo ao centro uma cruz vermelha, símbolo do carneiro místico: Caçadores indígenas e memelucos foram os primeiros a relatarem tais fenômenos que os assombravam e os paralizavam nos locais das visões, extasiados ante os extraordinários acontecimentos.

No alto da Serra, existiam outros diversos olhos d'água minantes

e borbulhantes e foi, próximo a uma dessas fontes que, a 18 de julho de 1786, apareceu uma Senhora iluminada trazendo no braço esquerdo, uma criança de feições lindíssimas realçadas por um halo celestial. A Senhora segurava com a mão direita um estandarte de seda prateada franjada de ouro, em cujo centro via-se um leão de púrpura, armando e lampassado de vermelho. O mastro dessa insígnia era arrematado por três flores-de-lis de ouro nos vértices triangulares. Ladeando a distinta Dama, havia dois carneirinhos de velos de brilhantes com cornos e cascos dourados. Parada no espaço a pequena altura do solo, a nuvezinha, sobre a qual a Virgem se apoiava, faiscava e emitia ininterruptamente suaves acordes.

A Madona falou docemente ao vidente ajoelhado para que não a temesse pois vinha em nome do senhor. Em seguida ordenou-lhe; leve-me a mensagem de paz e da minha tristeza aos predadores e algozes dos indígenas, desta e de outras regiões da Capitania. Neste local, não se esqueçam: construam em minha honra, uma ermida, para os que aqui vieram expressem o seu constante e ardoroso amor e devoção à Redentora dos Pecadores.

*Texto baseado em expedientes dirigidos ao governador da Capitania de São José do Piauí, José Pereira da Silva Manuel (1786-1792), e a Dom Antônio de Padua e Bellas de atribuladíssimo governo episcopal pelo valenciano Lourenço Miguel de Brito.

(1) — A ermida jamais foi construída no local ordenado pela celestial visão isto é, no topo da elevação próximo a uma das vertentes, desobediência considerada para muitos como causa do lento progresso do município.

A identificação da Senhora coube ao lusitano português, morador do vale do rio Coroatã, Pedro Luis de Almeida Lima e ao Cônego João Maria da Luz Costa, que encontraram, no depoimento idôneo de Lourenço Miguel de Brito e de outros videntes, as características figurativas conjugadas das Virgens — N. S. do Carneiro e N. S. da Silva, esta de grande veneração na cidade de Porto Portugal.

PRÊMIO LOUVAÇÃO

**HISTÓRIA DA EVOLUÇÃO
DA MÚSICA PIAUIENSE**

Prêmio de 20.000,00

ENTREGA DOS TRABALHOS: Até 30 de Junho / 88

Praça Marechal Deodoro Nº 816
Teresina - Piauí CEP: 64000

GOVERNO ALBERTO SILVA

Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo do Piauí
Fundação Cultural do Piauí



**PROJETO
TORQUATO
NETO**



“Terra de Bruenque” — Ramos, Maria do Socorro Santana, Teresina, 1987, capa de Isaias, impressão Gráfica Mendes, editado pela Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, através do Projeto Petrônio Portella.

O livro trata da origem, formação e desenvolvimento do município de Regeneração, a terra de Bruenque “destacando a cultura popular através dos grupos folclóricos.

OBRIGAÇÃO PARA OXÓSSI
MEMÓRIAS INSÓLITAS



“Obrigação para Oxóssi Memórias Insólitas”, Caribé, Antônio Júlio Lopes, 166 pags. capa e ilustração, Liliana Lopes Caribé Grando ano de 1987, impressão: Empresa gráfica da Bahia. A obra do Prof. A. J. J. Caribé, reflete com certa intensidade, sua inquietude interior de sua vida estudantil em Salvador e sua participação nos ritos dos cultos africanos processados na Bahia.

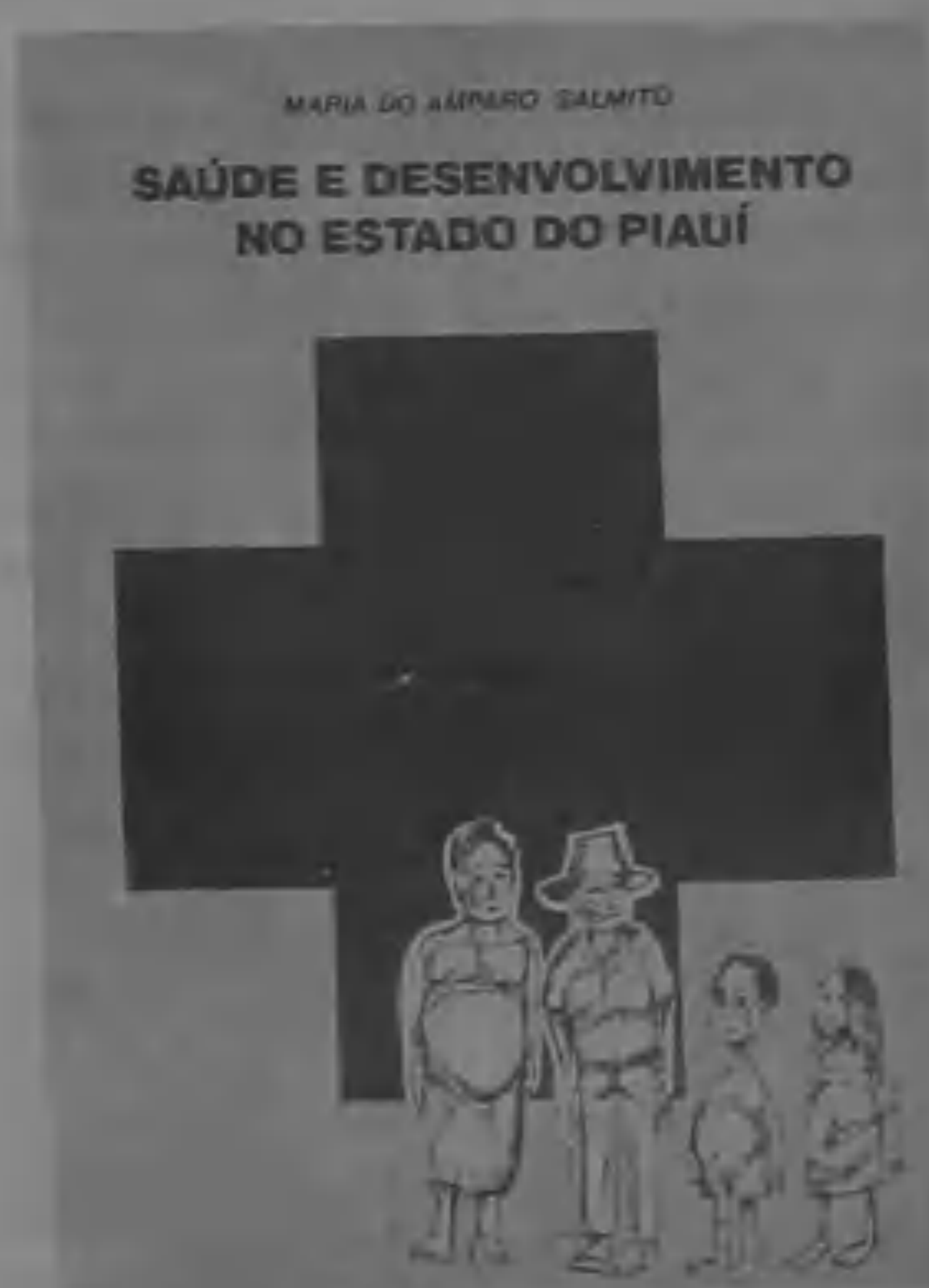


“O Reisado de Manuel Antonio” — Santos, Cineas, Teresina, ano 1987, 27 pags. impressão: Gráfica e Editora Júnior Ltda, editado pela Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, através do Projeto Petrônio Portella.

“...Apenas uma tentativa de reconstituição, via palavra, de uma brincadeira de caráter popular, o Manuel Antonio — natural de Picos, mas oieirense por opção — morou em São Raimundo Nonato a serviço do DNOCS. Ali com todas as dificuldades imagináveis e mais algumas, contando apenas com a colaboração de sua mulher d. Eulália, montou seu reisado que marcou época na cidade. Não sei o que havia de autêntico e o que fora improvisado ou adaptado naquela manifestação cultural, lembro apenas que, a despeito da pobreza material, era um espetáculo fascinante”, conforme afirmação do autor na introdução do livro.



“Mapas Geohistóricos” Baptista, João Gabriel, Teresina, 1986, capa de Juvan B. Pereira, prefácio Edison G. C. Branco Barbosa, impressão COMEPI, editado pela Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, através do Projeto Petrônio Portella. O livro trata de um esboço sobre mapas históricos antigos, descrições tradicionais, lutas e posicionamento municipal em ocasiões especiais da história.



“Saúde e Desenvolvimento no Estado do Piauí” — Tese de mestrado de Salmite, Maria do Amparo, Teresina, 1987, editado pela Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo através do Projeto Petrônio Portella, o livro analisa algumas variáveis demográficas econômicas e sanitárias do Piauí, como um todo, e da Região Sul (médio e Sul do Gurguéia), explicitando alguns indicadores como Mortalidade Geral, Mortalidade Infantil, Mortalidade em menores de 5 anos, Natalidade, Mortalidade por doenças infecciosas e parasitárias e outros que possam refletir o estado de saúde da população.

CASA DO BARÃO DE GURGUÉIA

BENJAMIN DO REGO MONTEIRO NETO
Presidente do Conselho Estadual de Cultura e
Relator do Processo

Em cumprimento a disposição da Lei nº 3.742, de 02 de julho de 1980, o Secretário de Cultura, Desportos e Turismo encaminha ao Conselho Estadual de Cultura a proposta de Tombamento da "Casa do Barão de Gurguéia" (título nobiliárquico de João do Rego Monteiro), situada em Teresina, na Pra-

ça Saraiva — Nº 324 e 326 —, onde funciona atualmente um estabelecimento de ensino.

A fundamentação do tombamento foi elaborada, nos termos da legislação específica, pela Diretoria do Patrimônio Histórico, Artístico e Natural, da Fundação Cultural do Piauí.

O tolheto da proposta apresenta capa ilustrada com um desenho antigo da fachada do prédio na Praça Saraiva e uma fotografia atual, a qual abrange a mesma face e ainda parte do frontispício da Rua de São Pedro.

O trabalho, em que observei seções de caráter geográfico, que me levaram a devolvê-lo àquela Diretoria, para correção, conforme comunicação ao plenário, desenvolve-se em dezessete folhas datilografadas e inclui doze com vinte e quatro fotografias e cinco com sete figuras.

Depois do **Sumário**, pormenorizado, a **Apresentação** esclarece:

"Tal proposta insere-se em uma política de preservação e valorização de bens imóveis de valor histórico, em andamento em cidades piauienses, que visa recuperar, através das reminiscências arquitetônicas, fatos relevantes do nosso passado.

"É portanto com essa finalidade que o Patrimônio Histórico, Artístico e Natural do Piauí propõe o tombamento do imóvel acima citado, para que seja assegurada a proteção legal que lhe é de direito".

E, depois de identificado o edifício, com a indicação do seu proprietário atual — Arquidiocese de Tere-

sina — e da sua função, delinea-se o **Histórico da Edificação**, no qual, de certo modo, já aparece a justificativa do tombamento, ao mencionar o trabalho de engenharia de João do Rego Monteiro, "um dos principais colaboradores que teve o Conselheiro Saraiva na época da Fundação de Teresina".

Ali se registra o destino do prédio, inicialmente residência, contígua à qual se erguera outra construção, local destinado ao trabalho das artes, conjunto musical e guarda de instrumentos da orquestra do educandário de crianças pobres, de que se tratará adiante.

Vendido à Diocese de Teresina, na segunda década deste século, para funcionar como Seminário; fechado este, passou a residência episcopal, sofrendo alteração na fachada, na gestão de D. Otaviano Pereira de Albuquerque. O substituto deste prelado, D. Severino Vieira de Melo, reabriu o Seminário no mesmo local e, para nele residir, construiu anexo no estilo do prédio original. A destinação para sede de repartição pública manteve a estrutura e feição da ocupação eclesiástica, mas "o edifício sofreu pequenas alterações para o funcionamento do colégio, que não o comprometem de forma definitiva", segundo a Diretoria do

Patrimônio da Fundação Cultural do Piauí.

No capítulo **Características Arquitetônicas**, estuda-se, de modo perfeito, o imóvel, inclusive a respeito da função de seus compartimentos nas várias fases da destinação, aludindo-se às fotografias e figuras do tolheto.

Analisa-se a estrutura. O telhado é descrito pormenorizadamente, do mesmo modo que se observa o revestimento, com referência a pintura, forro e piso.

A descrição das esquadrias se coaduna com o teor de competência técnica do trabalho, que merece louvado, e dela ressaí o valor arquitetônico da obra, ameaçado agora de desaparecer, por força do mau estado de conservação, "estando inclusive a estrutura do telhado e piso do primeiro pavimento necessitando reparos com certa urgência"; o que impende igualmente realizar de forma restauratória em relação às esquadrias. Mas, registra-se que o forro já desabou em algumas partes, impondo-se, também, reconstituição da "balastrada da varanda/estar", ora substituída por ripas de madeira.

Da **Justificativa do Trabalho** impõe-se transcrever, pela lição que encerra:

“Quando se propõe o tombamento de um imóvel se faz baseado em seu valor histórico e/ou artístico, para que se possa protegê-lo legalmente contra agressões que venha a sofrer.”

“E um dos objetivos do Patrimônio Histórico, Artístico e

Em face do que contém o trabalho, não há dúvida de que, por imperativo legal, deve ser tombada a “Casa do Barão de Gurguéia”, pelo seu valor histórico e pelo artístico.

A configuração artística está perfeitamente projetada na proposta de tombamento.



Natural do Piauí a identificação de bens que por motivo histórico ou artístico se destaquem do contexto em que estão inseridos, merecendo ser considerados, pelo valor que tem sua preservação na consolidação da nossa memória.”

E, referindo à origem recente de Teresina, ressalta a desfiguração da sua fisionomia em decorrência das rápidas transformações trazidas pelo progresso.

“É de máxima importância, portanto, cuidar para que sobrevivam pontos de ligação afetiva entre o teresinense e sua cidade”.

E mostra o valor do bem:

“A residência do Barão de Gurguéia, por toda sua vida útil de funcionamento, desde praticamente a fundação da cidade, inicialmente como uma das primeiras e maiores residências da capital recém-fundada, depois seminário e residência episcopal e mesmo com o uso atual do Colégio Pedro II, é sem dúvida alguma um dos principais referenciais históricos da cidade e mesmo um marco para a história Eclesiástica do Piauí”.

Em seguida, aprecia-se a área da situação do imóvel, com informações históricas e geográficas sobre Teresina. Neste capítulo, até os atrativos turísticos são indicados.

A parte literária do folheto completa-se com Bibliografia e Notas relativas ao texto.

Imprime-lhe irrecusável valor histórico a rara e feliz conjugação de três elementos, cada qual por si só, capaz de comprová-lo: a autoria da obra, a sua finalidade efetiva e o momento da sua criação.

Sobre este último componente, é de assinalar que constitui marco significativo do esforço, dedicação, competência e espírito público com que João do Rego Monteiro ajudou “a consolidação de Teresina capital”.

Clodoaldo Freitas, emérito historiador, de autoridade cultural incontestável, escreveu, proclamando, assim, aquele assinalado propósito de contribuição para a rápida e firme estabilização da vida da nova capital, que o Barão de Gurguéia “não só arrematou a construção de diversos prédios públicos como edificou por sua conta própria grande número de outros, entre os quais pode ser mencionado o que hoje é a residência do Bispo Diocesano”. (“O Barão de Gurguéia”, in *Correio de Teresina*, de 10.03.1917, nº 211 pág.1.)

A Igreja de Nossa Senhora das Dores, Catedral Arquidiocesana de Teresina, a poucos passos do prédio da sua residência, foi, depois da malograda construção de outrem, no mesmo local, por ele edificada mediante contrato com o governo, resultante de lei proposta pelo Presidente da Província.

Segundo ainda Clodoaldo Freitas, em artigo no “Diário do Piauí”, de Teresina, de 11 de abril de 1911,

o Presidente da Província, Dr. Manoel do Rego Barros Sousa Leão, no relatório da sua administração, de 1872, diz que o contrato com o Coronel João do Rego Monteiro foi “vantajoso para a província”; “à vista da modicidade do preço da construção e atenta a probidade, geralmente reconhecida, do contratante, a qual é uma garantia suficiente para a perfeição da dita obra”.

Na mesma Praça Saraiva, cujos melhores prédios construiu, à semelhança de outros nas Ruas Paissandú, Coelho Neto, Teodoro Pacheco, Coelho Rodrigues e Praça Rio Branco, um ofereceu ao Governo, para servir de escola, da qual se tornou epônimo com o título de nobreza que, em reconhecimento à sua benemerência pública, lhe concedeu o Governo imperial, coroando o desempenho de toda uma vida, na atividade particular e no serviço oficial.

Empreendedor e ativo, escrupuloso e perspicaz, generoso e progressista, grande agricultor e construtor, cujo “amor ao trabalho se confundiu com o amor pela terra natal e com o desejo de vê-la prosperar e florescer”, no testemunho do mesmo Clodoaldo Freitas, era dotado, em alto grau, do engenho político, que iria notabilizá-lo como fundador de cidade.

E esta cidade é a vizinha União, nome por ele escolhido para denotar a solidariedade e harmonia reinantes entre os habitantes da comunidade a que dera origem com o des-cortino, trabalho, realizações, espírito associativo, e a doação da indispensável base física.

Sobre isso também escreveu Clodoaldo Freitas: “A atual e florescente cidade de União é, pois, obra de João do Rego Monteiro e basta este fato para torná-lo um benemérito na nossa história.”

Essa vocação de agente civilizador ou político é que haveria de trazê-lo a Teresina, para ajudar a sua edificação. Movido pelo pendor humanitário da personalidade aliado à compreensão da valia do ensino, sentiu o dever de engajar-se diretamente na obra de desenvolvimento da nação. E, como deputado provincial, apresentou à sua câmara proposta, “oferecendo-se para criar nesta cidade uma casa de educação para os órfãos desvalidos com a denominação Internato Artístico — com a subvenção de dez contos de réis (anuais) e mais a receita que produzir o estabelecimento.” (Ata 11ª da Seção da Assembléia legislativa no Piauí em 30 de julho de 1873, in *Arquivo Público do Piauí*.) (A palavra *anuais*, entre parêntese, não é do texto da Ata, mas figura na lei resultante da proposta.)

Com esse ato correspondeu, ainda, à preocupação do Governo im-

perial com o preparo da mão de obra para a indústria do país.

É que, na mesma sessão da Assembleia legislativa, se acabava de ler Ofício do Secretário do Governo, "remetendo as cópias do Aviso circular do Ministério dos Negócios do Império, de 17 de junho último, e do parecer do Diretor dos Cursos da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional sobre a proposta que ao respectivo Conselho Administrativo oferecera o sócio João Gomes Coelho relativamente à instrução (sic, mas é construção) nas capitais das províncias de um grande prédio onde se recolham os meninos desvalidos de 6 a 17 anos de idade" ("Ata cit.)

Pouco antes, a mesma Assembleia aprovara projetos de lei extinguindo o Estabelecimento de Educandos Artísticos mantido pelo Governo em Teresian, com verbas provinciais e ajuda imperial, que não bastavam ao seu regular funcionamento.

Não obstante os esforços de Presidentes da Província para debelar os males do descaso ou improbidade administrativa e indisciplina, no Estabelecimento dos Educandos Artísticos, a de extingui-lo fora a única solução encontrada.

Em poucos dias, a proposta do deputado João do Rego Monteiro foi aprovada pela Assembleia Provincial e convertida na Resolução nº 824, de 19 de agosto de 1873.

Autorizado, assim, o Presidente da Província a contratar a fundação do "Internato Artístico", o respectivo ato celebrou-se em 29 do mesmo mês.

"Montado o Colégio (Internato Artístico, do Coronel João do Rego Monteiro), começou a funcionar com 45 orfãos, custando apenas um terço do que custavam os Educandos Artísticos." (O parêntese não é do original.) (Clodoaldo Freitas, in "Diário do Piauí", de 09/7/1911).

O êxito do empreendimento não fora accidental. Situa-se na esfera da experiência, do tirocinio de engenheiro vitorioso e afeiçoado ao trabalho e à arte de ensinar.

Informa Erton Ney do Rego, descendente e sobrinho de João do Rego Monteiro, com o conhecimento haurido no convívio familiar, em União, que:

"Na sua grande feitoria, havia músicos, trabalhadores braçais, ourives, carpinteiros, ferreiros, pintores, pedreiros, oleiros, etc... Seus filhos e filhas ensinavam a ler aqueles que desejavam aprender." ("Genealogia da Família Rego Monteiro", folheto em xerox, 1975, in Arquivo Público do Piauí)

A grande feitoria era a fazenda Gameleira, no município de União,

que o Barão de Gurguéia vendeu ao Estado, quando Gregório Taumaturgo de Azevedo era o Governador, para nela instalar-se um núcleo agrícola, que, tendo passado para o governo federal, floresceu como Colônia Agrícola David Caldas, cujas terras, mais tarde, foram atribuídas aos lavradores que lá residiam e trabalhavam.

Pois, apesar do êxito assinalado, o "Internato Artístico" iria desaparecer, em 1875, por força da Resolução nº 895, de 16 de junho de 1875. E o vácuo que se abriu, nessa área educacional, no Piauí, apenas iria preencher-se, quando, em 1910, o Governo Federal instalou, em Teresina, a Escola de Aprendizes Artífices destinada à educação de meninos pobres, com oficinas e aulas de primeiras letras, a qual é, hoje, a Escola Técnica Federal do Piauí.

Clodoaldo Freitas, cuja atividade intelectual se projetou, além Piauí, como de rica substância e requintada expressão, tendo produzido obras do mais apurado quilate, muitas das quais, infelizmente, se perderam manuscritas, foi, em longo artigo de jornal, biógrafo do Barão de Gurguéia, movido, conforme acentuou, por um sentimento de "desagravo da Justiça", quando sentiu que:

"O esquecimento e a ingratitude dos homens vão atirando para o olvido o nome desse velho servidor da nossa terra, que ele tanto amou e tanto procurou beneficiar."

Mons. Joaquim Chaves, historiador de mérito, devotado ao estudo dos "Construtores da grandeza do Piauí", entre eles situou João do Rego Monteiro, e sintetizou-lhe a personalidade política:

"Possuía as três qualidades para ser chefe político naquela época: fortuna, honorabilidade e o prestígio que lhe conferia o título de Oficial da Guarda Nacional". ("Apontamentos biográficos e outros", 1º volume, vol. XIX da Estante da Academia Piauiense de Letras, sem data.)

Justo, porém, é que se aureole a justiça deste Parecer com parte do estudo de Clodoaldo Freitas, na qual traça o perfil de um **self-made-man**, ao acompanhá-lo do nascimento à constituição do próprio lar, realçando-lhe as qualidades de espírito, coração e caráter.

Ei-la:

"Do agricultor piauiense, Tomé do Rego Monteiro, da família Sousa Martins e natural de Oeiras, e de sua mulher D. Silvéria Joaquina de Oliveira, pernambucana, nasceu a 12 de Maio de 1809, no lugar ainda hoje chamado Barra do Riacho

dos Cavalos, município atualmente de União, o barão de Gurguéia, coronel João do Rego Monteiro. Por questões de terras com o padre Silvestre Martins Afonso, Thomé do Rego em 1813 foi assassinado por capangas deste padre, em sua própria casa. Esse crime bárbaro e traiçoeiro ficou impune. João do Rego ficou, assim, orfão, aos quatro anos de idade, só com sua mãe em frente de um inimigo rico e poderoso, que queria a todo transe tomar-lhe as propriedades, que eram seu único haver.

"Senhora de ânimo viril, D. Silvéria continuou a trabalhar com tenacidade heróica, depositando todas as suas esperanças no filho, que criava no exemplo do trabalho, ensinando-lhe a coragem no infortúnio. O menino não desmereceu da confiança materna. A proporção que crescia, iam nele despontando os germens fecundos do amor pelo trabalho, a economia e a bondade. Aos quatorze anos, João do Rego já era chefe da família e sua mãe depositava nele todo o encargo dos negócios domésticos."

"Muito moço, aí pelos dezoto anos, João do Rego casou-se com sua sobrinha D. Custódia Joaquina do Rego, filha única de sua irmã D. Maria Joaquina de Oliveira, casada com o português Custódio da Costa Leão. Deste consórcio teve João do Rego quatro filhos, que morreram na menoridade, e o major Custódio do Rego Monteiro, já falecido e que foi, por muitos anos, empregado na alfândega da Parnaíba.

"Tendo enviuvado em 1841, no ano seguinte, João do Rego contraiu segundas núpcias com outra sobrinha, D. Delmira dos Anjos do Rego Henriques, também filha de sua referida irmã D. Maria, que contrairá segundas núpcias com o tenente-coronel Antônio José Henriques.(1)

"Deste segundo casamento, João do Rego teve 14 filhos, dos quais lhe sobreviveram 4 homens e 3 senhoras.

"O trabalho indefesso e a severa economia, as duas grandes fontes de riqueza, trouxeram a João do Rego o rápido aumento da sua fortuna e, com esta, as grandes considerações políticas e pessoais, a que fazia jus pela sua bondade, lhanza de trato e espírito de justiça, moderação e honradez em todos os seus negócios." (In "Correio de Teresina", Ano V., 10 de março de 1917, p.1).

E ainda:

"Chefe incontestado do partido conservador da União, João do Rego tornou-se um grande elemento eleitoral no município de Campo Maior, onde sua ação se fazia sentir mais diretamente." (Id., *ibidem*.)

E repete, continuando a apreciar a sua atividade política:

"Chefe acatado e incontestável do partido conservador por muitos anos, na União, João do Rego ocupou os mais elevados cargos de eleição popular e de nomeação dos governos provincial e imperial.

"Foi juiz de paz e deputado provincial nas legislaturas de 1854 a 1855, 1856 a 1857, 1870 a 1871, 1872 a 1873. Foi tenente-coronel comandante do 13 batalhão de infantaria da Guarda Nacional de Campo Maior e União e, mais tarde, foi nomeado coronel-comandante superior da guarda nacional dos dois municípios. Foi agraciado com o oficalado e, depois, com a comenda da Ordem da Rosa. Afinal foi nomeado Barão de Gurguéia, por ter construído e oferecido ao governo o prédio que, hoje, serve de escola pública na praça Sarai-va." (Id., *ibid*.)

No rol das funções e dignidades enumeradas por Clodoaldo Freitas, não figura o pergaminho de Cavaleiro da Ordem de Cristo, o qual, dada a sua formação religiosa, era moldura adequada às reconhecidas virtudes cristãs, que o faziam "venerado e estimado pelos seus escravos" (Erton Nei do Rego, *trab. cit.*, p.4) e lhe davam a aura do protótipo chefe de família, originária não só da consangüinidade ou cujos membros se entrelaçassem apenas nos vínculos de uma instituição.

Devotado aos descendentes e parentes colaterais, a todos parece ter iluminado os caminhos do futuro.

O certo é que a família Rego Monteiro, entroncada, no Piauí, em Tomé e Silvéria, aos quais substituiu, quando, assassinado um, a outra lhe reconheceu o comando em plena adolescência, — se projetou no Brasil, a tornar espécie de via látea espiritual, social, intelectual, artística, política, militar e profissional em geral.

Descendentes de João do Rego Monteiro — para não falar em colaterais oriundos de seu irmão único — Benedito José do Rego, falecido moço, cujos filhos foram por ele orientados e um dos quais, o do mesmo nome do genitor, o teve por pai de criação — aparecem como conselheiro municipal, vereador, intendente, prefeito (até do Distrito Fe-

deral — Rio de Janeiro), membro de Tribunal de Contas, secretário de Estado, deputado provincial, estadual e federal, senador, governador, serventário da justiça, consultor jurídico, membro do Ministério público, procurador da Fazenda, juiz municipal, juiz de direito, juiz federal, desembargador e membro de Tribunal Eleitoral; educador: professor primário, secundário e universitário em ramos diversos; poeta, contista, romancista, ensaísta, historiador, filólogo, orador, jornalista, filósofo, jurista; artista, na música e pintura; militar até o posto de general e marechal; administrador público e empresário; bancário até em direção de estabelecimento oficial; médico, odontólogo, engenheiro, advogado, arquiteto, administrador, economista, assistente social, agrônomo, veterinário, físico espacial; diplomata; ministro religioso: padre, monsenhor, pastor, messiânico, espírita, teósofo; treira, irmã de caridade, sem falar no profissional técnico, ou não, dedicado à agricultura e pecuária, e revivendo, cada um, o trabalho do ancestral famoso.

E a sua presença, assinalada, por igual, no sexo feminino, se registra em muitos Estados, constituindo-se em outro aspecto da medida da grandeza do Barão de Gurgueia.

Essa grandeza é que induziu Clodoaldo Freitas a dizer: "para o Barão de Gurgueia a morte veio cedo demais". (In "Correio de Teresina", *cit.*)

Quando faleceu, o jornal "República", de Teresina, órgão do partido Republicano, nº 202, de 11 de dezembro de 1897, abriu a primeira página com notícia ilustrada do acontecimento, a qual transcrevemos:

"Faleceu na cidade de União, às 8 horas do dia 8 do corrente, o exmo. sr. Barão de Gurgueia (João do Rego Monteiro), chefe de uma ilustre e numerosa família piauiense.

O finado era nonagenário e foi um dos fortes esteios do partido Conservador durante muito anos, exercendo diversos cargos de eleição popular, inclusive o de deputado provincial.

Possuidor de abastada fortuna, dedicou-se, por muito tempo, ao trabalho de construção de casas nesta capital, que lhe deve grande parte de seus melhores edifícios.

Deixou uma prole numerosa e distinta em nossa sociedade, pertencente quase toda ao partido republicano.

Damos pêsames à exma. viúva, D. Delmira do Rego Monteiro, a seus filhos, especialmente aos srs. capitães Benjamin do

Rego Monteiro, Olympio, Custódio e João do Rego Monteiro, e seus inúmeros netos, representados pelo exmo. sr. desembargador Cesar do Rego Monteiro".

Não sabemos se João do Rego Monteiro irradiava ufanía pelo título nobiliárquico. A julgar pelo que dele se disse, nos exertos trasladados a este parecer, talvez sentisse apenas íntimo regozijo.

Mas, se a vaidade se ostentasse, a ele não poderia aplicar-se o dito do escritor francês:

"Celuy qui se vante d'estre Noble sens estre Vertueux, est semblable à un qui auroit le titre d'une belle terre sans en avoir la possession". (Marc de Vulson de la Colombiere, "La Sciencia Heroïque", Paris, 1669, pág. 2, *apud* Ruy Vieira da Cunha, "Estudo da Nobreza Brasileira I — Cadetes" — 1966, Publicação do Arquivo Nacional pág. 12.)

Justificada, por essa forma, a aprovação do Conselho Estadual de Cultura à proposta de Tombamento da "Casa do Barão de Gurgueia", impõe-se sublinhar que à respectiva inscrição acompanhe de perto o trabalho de recuperação, exigido para a real preservação da obra.

Quem, porventura, acoirar a extensão deste pronunciamento, pense que as elucidações que contém não de aproveitar aos que se interessem pelo conhecimento da história piauiense. E, por isso, recomenda-se a divulgação do presente Parecer, em edição da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, se aprovado pelo Plenário, porque, concretizada essa hipótese, é de acalantar-se a certeza do tombamento, com apoio nos itens I e II do art. 1º, Capítulo I, da Lei nº 3.742, de 02.07.1980.

(Este parecer foi aprovado, por unanimidade, na sessão de 24 de abril de 1986, do Conselho Estadual de Cultura do Piauí, tendo sido assinado o Decreto de tombamento nº 0.725 de 21.7.86, publicado no Diário Oficial de 31.7.86.)

(1) Juntamente com Leonardo de Nossa Senhora das Dores, Casildo Branco e outros amigos da mesma causa do Brasil, ajudou o Capitão Luís Rodrigues Chaves a dispor "os ânimos do povo de Campo Maior para o ato de nossa emancipação" (Pereira de Alencastre, "Memória Cronológica, Histórica e Geográfica da Província do Piauí ed. COMEP, Teresina, 1981, p. 66.) Um dos ardorosos partidários da Independência, vigilantes e energicos" (Gdion Nuncy, "Pesquisas para a História do Piauí" vol. II, ARTENOVA, Rio, 1975, p. 71.) Recebeu em janeiro de 1824, "a margem do Parnaíba, sob freixo ao povoado do Estanhado, as peças, munições e munições de guerra que o Major Fialte conduzia para o Maranhão" (cf. A. Pereira da Costa, "Cronologia Histórica do Estado do Piauí" vol. II, ARTENOVA, Rio, 1974, p. 348.) Substituiu no comando do presidio do Estanhado o Tenente Simplicio José da Silva designado para o Comandante Genl. de Campo Maior. (Pe. Joaquim Chaves, "O Piauí nas lutas de Independência do Brasil" ed. COMEP, Teresina, 1974, p. 110.) Figurou na "proposta apresentada ao Ministro João Vieira de Carvalho para a promoção dos oficiais que se tinham distinguido, na guerra" (cf. para Tenente Coronel e Capitão Antonio José Henriques — foi comandante do presidio do Estanhado e prestou grandes serviços" (Álvaro Neves, "A Guerra do Fidei", Projeto Patrão Pereira, 1983, Teresina PI, 1985, p. 268)

(Este trabalho não é de Custódio Pereira.)

Os Tombamentos

Poderão ser tombados tanto bens do domínio privado quanto do domínio público estadual ou municipal, desde que satisfaçam às condições estabelecidas na Lei nº 3.742, de 02 de julho de 1980. Eles abrangem construções e obras de arte de notável qualidade estética, ou representativas de determinado estilo

ou época; prédios, monumentos e documentos vinculados a fatos memoráveis da história estadual ou a pessoa de excepcional notoriedade no campo das artes, das letras e das

ciências; monumentos naturais, lagos, sítios e paisagens, inclusive os agenciados pela indústria humana; sítios arqueológicos e bi-



Fachada da Casa "Antonino Freire" (demolida)

liotecas e arquivos de acentuado valor cultural. (Art. 1º da lei citada.)

Desde a sua criação, o Conselho Estadual de Cultura emitiu vinte e um pareceres em propostas de tombamento de imóveis, dos quais dezoito favoráveis, sendo que, destes, dezessete por decisão unânime. Os aprovados por unanimidade referem-se ao **Clube dos Diários**, em Teresina, Relator-Conselheiro Leopoldo Portela Barbosa; à **Casa Odilon Nunes**, em Amarante, Relator-Conselheiro Noé Mendes de Oliveira; à **Usina Maria Bonita**, em Floriano, Relator-Conselheiro Zenon Rocha; à **Casa do Visconde**, em Oeiras,

Relator-Conselheiro Jose Camilo da Silveira filho; à **Igreja de Nossa Senhora do Rosário**, em Oeiras, Relator-Conselheiro Maria Amélia Azevedo Ribeiro; à **Casa dos Azulejos**, em Amarante, Relator-Conselheiro Lina Celso Pinheiro; à **Casa do Barão de Gurgueia**, em Teresina, Relator-Conselheiro Benjamin do Rego Monteiro Neto; ao **Conjunto Arquitetônico Porto das Barcas**, em Parnaíba, Relator-Conselheira Maria Amélia Azevedo Ribeiro; ao **Edifício do Departamento de Estradas de Rodagem-DER**; EM Teresina, Relator-Suplente de Conselheiro Francisco Miguel de Moura; à **Fábrica de Laticínios**, em Campinas do Piauí, Relator-Suplente de Conselheiro José Airton Gonçalves Gomes; à **Casa de D. Carlotinha**, em

Teresina, Relator-Conselheiro Noé Mendes de Oliveira.

O tombamento da **Casa de Antonino Freire**, em Teresina, relator-Conselheiro Leopoldo Portela Barbosa, foi decidido com um voto contrário, do Suplente de conselheiro Francisco Miguel de Moura, do mesmo modo que o da **Casa de Dona Alemã**, em Capitão de Campos. Neste caso, o Relator inicial, conselheira Lina Celso Pinheiro Ribeiro oferecera parecer destavorevel, mas, pedindo vista do processo, o Cons. Noé Mendes de Oliveira discordou, sendo aprovado o seu parecer.

O CEC decidiu, por unanimidade, contra o tombamento do **Colégio Demostenes Avelino**, em Teresina, Relator-Conselheiro Zenon Rocha, porque a proposta não satisfaz às exigências da lei nº 3.742, de 02 de julho de 1980.

Mistério nas Américas

Às 5 horas da manhã da última quinta-feira, o diretor do Centro de Comunicações da Universidade de Campinas, Marcelo Costa Souza, acordou sobressaltado com a campainha de seu telefone. Do outro lado da linha, falando de Paris, uma voz excitada se identificou. Era a arqueóloga paulista Niède Guidon — uma das mais respeitadas exploradoras da pré-história brasileira — com uma notícia especial: ela acabara de receber do laboratório americano Beta Analytic provas de que o ser humano estivera na região Nordeste brasileira há 39.200 anos. Era bem uma novidade que merecia tirar alguém da cama para ser contada.

Niède, 54 anos, enviara aos Es-

tados Unidos, há dois meses, pequenos fragmentos de uma fogueira descoberta sob uma camada de 6 metros de terra em São Raimundo Nonato, Sudeste do Piauí. Com essa datação feita com o método do Carbono-14m, ela quebrou seu próprio recorde numa avaliação, também de fragmentos de fogueiras, de 32 mil anos de idade. “Agora não há mais nada a contestar, a teoria da ocupação humana das Américas terá de ser refeita”, garante a arqueóloga Sônia Campelo, da Universidade Federal do Piauí, que desde 1983

acompanha Niède nas escavações em São Raimundo Nonato.

IDADE DO HOMEM — Esta nova descoberta terá repercussões mais amplas que as fronteiras americanas. Se os achados da arqueóloga já obrigaram a repensar a tese tradicional de que o ser humano teria cruzado o estreito de Berhing — entre a Ásia e a América do Norte — há 30 mil anos, eles agora



começam a questionar, mesmo, a idade do homem moderno. Segundo ensina a antropologia, o **Homo sapiens** — o ser humano atual — surgiu no planeta há apenas 30 mil anos. Tem-se, agora, duas hipóteses. Ou os primeiros habitantes das

Américas eram nossos antepassados imediatos, os **Homo erectus** que descobriram o fogo e desenvolveram a linguagem, ou os **sapiens** são muito mais antigos do que se imagina.

A primeira tese, de uma possível evolução do homem em terras americanas, não tem defensores. E a

determinação exata da idade dos **Homo sapiens** terá de aguardar pelas novas escavações feitas por Niède Guidon. E ela ainda está longe do fundo do poço. Os restos das fogueiras pré-históricas foram descobertas em uma camada de terra ao lado de fragmentos de pedra lascada. Abaixo dessa camada há outras, forçosamente mais antigas, onde existem também traços dos ainda misteriosos americanos.

“Transcrito de Revista Isto É nº 565 pág. 30”

RELATORIO

Com que

O SR. 1.º VICE GOVERNADOR DO ESTADO DO

PIAUIHY

Dr. Joaquim Nogueira Puraquá

ENTREGOU A RESPECTIVA ADMINISTRAÇÃO

AO SR. DR.

GABINO BESOURO

No dia 23 de Agosto de 1890

Relatorio de J. N. Puraquá



Theophilo

Typ. do Honorado Senado.

1890.

*95
92
91
90*



Nobre e alguns amigos

TERESINA MENOS NOBRE

Há uma crônica de Machado de Assis que fala de um homem que decidiu abrir uma barbearia. O local era adequado e a clientela farta: o negócio prosperava. A despeito disso (ou, talvez, por isso), o homem resolveu vender a barbearia. Pôs um anúncio no jornal explicando que se desfazia do negócio por uma única razão: não entendia nada do ofício. Era um homem honesto.

Antonio Nobre, que venerava o "velho bruxo", costumava (re) contar essa estória e o fazia com tal entusiasmo, que parecia ser ele e não Machado de Assis o autor do texto. Talvez seja precipitação afirmar que o Nobre identifica-se com o barbeiro imperito. É certo que entre ambos havia algo em comum: a honestidade. Mas as possíveis afinidades terminavam aí. Nobre era livreiro, entendia perfeitamente do seu ofício, dedicava-se a ele em tempo integral e mais que isso: amava o que fazia. Amava tanto que sempre viveu em sua livraria, e foi lá que a morte o colheu há pouco mais de um mês.

Aos mais íntimos Nobre costumava afirmar que era apenas o vigia da DIRLETEC, um vigia tão cioso de suas obrigações que a ser multado por insistir em manter abertas as portas de sua livraria (leia-se sua casa) aos domingos e feriados. Os "diligentes" fiscais do

trabalho detectaram na teimosia do Nobre sinais do vírus da "desobediência civil".

Antonio Nobre fez a DIRLETEC um ponto de encontro de intelectuais, artistas, pessoas comuns. Um local onde se podia conversar, tomar um cafezinho, uma xícara de chá com bolo de confrey ou um esculacho, dependendo, naturalmente do humor do Nobre.

Em plena época do sufoco, fundamos na DIRLETEC o "Clube do Silêncio" onde, em absoluto desrespeito ao nome da "instituição", discutíamos tudo principalmente, literatura e política.

Com sua indefectível roupa de linho branco, a voz áspera, os gestos derramados, Nobre era bem mais que um simples livreiro. Era uma referência na paisagem (permitam-se a expressão) cultural de Teresina.

Sem Antonio Nobre, a cidade ficou um pouco mais pobre e muito mais triste. De qualquer forma, sua presença permanece viva na DIRLETEC que a família mantém aberta aos amigos e ao público teresinense. Na parede frontal, uma placa com a frase lapidar de Monteiro Lobato: "UM PAÍS SE FAZ COM HOMENS E LIVROS". Nobre sempre acreditou nisso. Nós também.

Cineas Santos

VISITE

O

MUSEU

DO

PIAUI

Praça

Marechal

Deodoro

O SONHO NÃO

ACABOU

Dácia Ibiapina

Nos últimos anos, uma onda de festivais de cinema tem varrido o país, durante o segundo semestre. Neste ano, primeiro o Festival de Fortaleza do Cinema Brasileiro e o Rio Cine, ambos no mês de agosto.

Em seguida, quase que concomitantes, vieram o Festival de Natal, A Jornada de Cinema da Bahia, uma Mostra de Filmes Nordestinos durante o Festival de São Cristovão, em Sergipe, e o Festival de Brasília. Em novembro aconteceu a 10ª Jornada de Cinema e Vídeo no Maranhão e, finalmente, o Fes-Rio, que acontecerá no final do ano.

Para os que não sabem, o Piauí também já realizou festivais de cinema. O primeiro aconteceu em 1980, seguido de dois outros, nos anos de 1981 e 1982. Era a época do Super 8, quando os cineastas piauienses e nordestinos realizavam muitos filmes nesta bitola, por ser a mais acessível do ponto de vista técnico e financeiro. Atualmente a bitola Super 8 está praticamente extinta. As cinematografias piauiense e nordestina, que não estavam preparadas para seguirem produzindo filmes em outras bitolas, entraram em crise. Nos últimos anos, no Piauí, foram realizados apenas os filmes **Folgedos do Piauí** e **Oeiras, Tradição e Fé**, ambos por Hamilton Ferro, na bitola 16mm.

Aos que perguntam porque acabaram os festivais de cinema no Piauí, cabe uma outra pergunta: para que realizar festivais se não existe produção local? Para premiar os cineastas do Rio e de São Paulo? Alguns certamente responderão que seria bom manter os festivais como forma de incentivar os realizadores locais e produzirem. Pode ser que estes tenham razão, mas para isso já existem tantos festivais no país!...

Apesar da crise atual do cinema piauiense, que é reflexo da crise do cinema nacional e da situação econômica do país, alguns raios luminosos começam a surgir no fim do túnel. Entre estes, talvez o mais brilhante e seguramente o mais quente seja o Cinema de Arte de Teresina. Inaugurado em out/86, em uma das salas do auditório Herbert Parente Fortes, o Cinema de Arte de Teresina conta com 124 lugares e projeta filmes na bitola 16mm e, ocasionalmente, vídeos.



Márcelia Cartaxo e Jorge de Salles

Um balanço realizado por Luís Carlos Sales, atual coordenador, por ocasião do 1º aniversário da casa, revelou que o Cinema de Arte de Teresina já exibiu mais de 100 filmes, atingindo um público total de 9.000 espectadores em um ano, o que dá uma média de 40 pessoas por sessão.

Também na área de exibição de cinema registrou-se, em outubro, a reabertura do Cinema do Centro de Convenções, depois de um longo e tenebroso verão, durante o qual a cidade de Teresina contou apenas com o Cine Rex na área comercial, e o cinema de arte com filmes cultu-

ais. Na área de produção de filmes, dois projetos estão em andamento, sendo que um deles já superou a difícil fase de captação de recursos e está praticamente assegurado. Trata-se de um vídeo que a Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo está produzindo sobre Torquato Neto. O roteiro e a realização estão a cargo de Dácia Ibiapino e Luís Carlos Sales, que prometeu fazer um vídeo dinâmico, descontraído e muito distinto do filme **Da Costa e Silva**, realizado pelo grupo Mel de Abelha, em homenagem ao poeta Da Costa e Silva, por ocasião do centenário de nascimento do poeta de Amarante. Seguindo eles, reali-

zar este trabalho é um desafio, pois Torquato era um cara inquieto, inovador, sempre na vanguarda dos movimentos artísticos e culturais de seu tempo. Seria um despropósito homenageá-lo com um documentário convencional. Eles estão ansiosos por enfrentar este desafio que deverá ter cerca de 20 minutos e será realizado no formato U-MATIC.

O cineasta piauiense Miguel Freire é o responsável por outro importante projeto para o cinema piauiense. Ele pretende realizar um longa-metragem em 35mm denominado **Beira Rio Beira Vida**, baseado na obra homônima de Assis Brasil.

Os primeiros contatos com vistas à realização de **Beira Rio Beira Vida** aconteceram em julho/86, quando Miguel Freire esteve em Teresina e

bém atuará no filme. Segundo depoimento delas, o governador mostrou-se receptivo à idéia e garantiu que o projeto contará com o apoio do Governo do Estado do Piauí.

As filmagens de **Beira Rio Beira Vida** estão previstas para março de 1988. A maioria das cenas externas serão rodadas em Parnaíba e as internas em Teresina. O elenco contará, além de Regina Dourado e Marcélia Cartaxo, com Edwin Luigi e Nuno Leal Maia. Os demais personagens, segundo Miguel Freire, serão interpretados por atores locais. Ele garante, ainda, que incluirá na equipe muitos técnicos e artistas piauienses, com o intuito de dar uma oportunidade a estas pessoas de participarem de um trabalho profissional na área do cinema.



Fachada cinema de Arte

Parnaíba, acompanhado do roteirista Sérgio Vilela, vendo locações para o filme e contactando com empresários locais e setores governamentais. Seguiram-se outras visitas, das quais participou também a atriz Marcélia Cartaxo, que fará parte do elenco do filme. Mais recentemente estiveram com o governador Alberto Silva, Márcia Moreira, da equipe de produção e a atriz Regina Dourado, que tam-

Esta é a situação atual do cinema piauiense. O momento é de expectativa e de luta pela realização destes e de outros projetos. O desafio é realizá-los com qualidade, para que se instaure uma fase de credibilidade e de sucesso para o cinema piauiense.

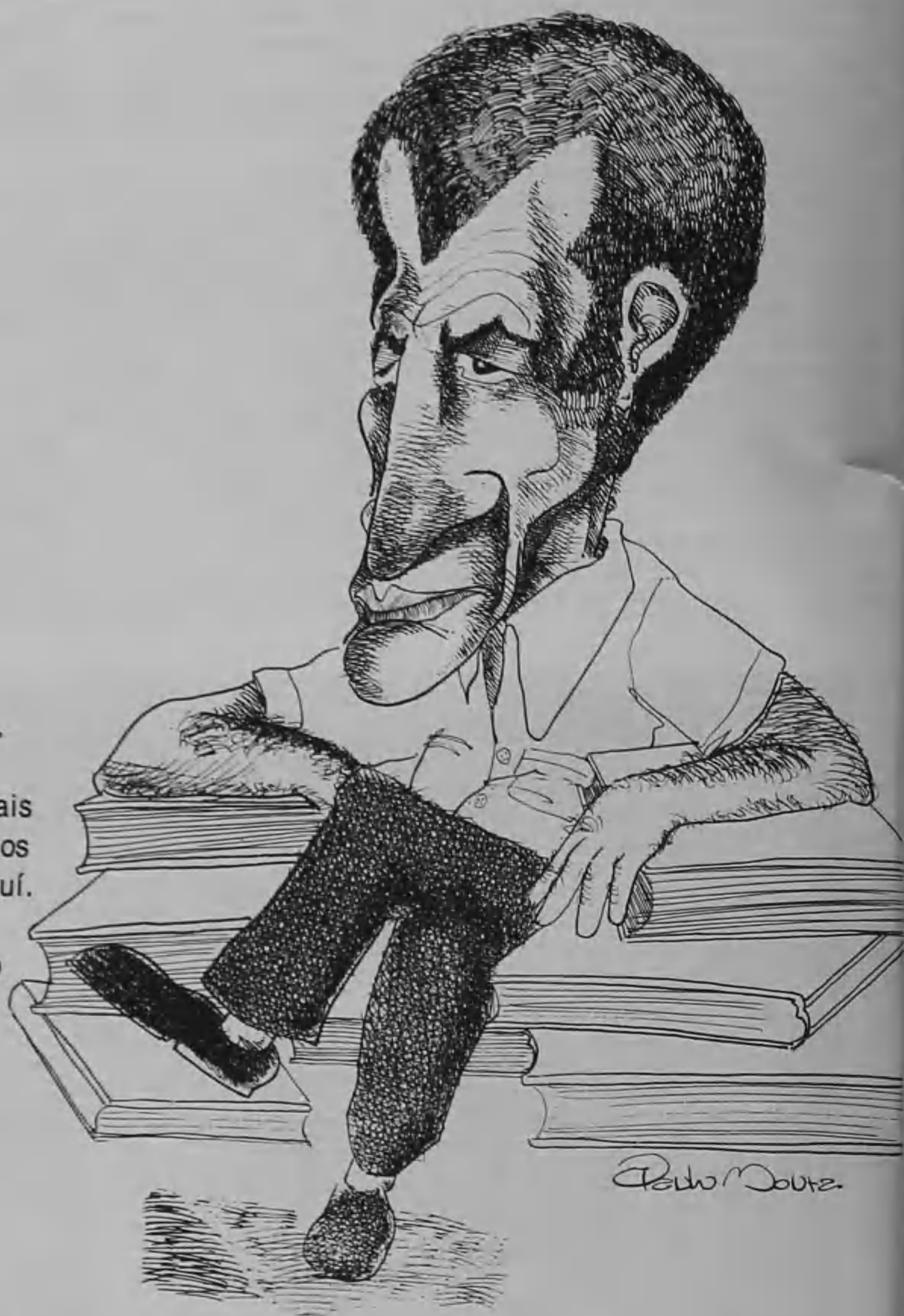
Dárcia Ibiapino, cineasta, coordenadora de cinema do DAC da FUFPI.

**VISITE
A LIVRARIA
DO
ESCRITOR
PIAUIENSE,
TEATRO
4 DE
SETEMBRO
PRAÇA
PEDRO II**

Depoimento

APENAS ISSO

Cineas Santos, poeta, contista, professor de literatura, editor e livreiro. Homem de esquerda, de múltiplas atividades culturais respeitado em todos os meios da produção cultural do Piauí. "O Reisado do Manuel Antonio" é o seu mais novo livro publicado.



Por que sou livreiro? Qualquer psicanalista diria que busco uma compensação: não tive livros na infância. Os primeiros 17 anos da minha vida foram vividos em São Raimundo Nonato, onde livros e água eram (ainda são) produtos raros. Li meu primeiro romance aos 16 anos — O Guarani, de Alencar. Na medida do possível, lia tudo que me caía às mãos: catecismos, reclames de cartomante, Almanaque Biotônico, folhetos e, principalmente, revistas velhas...

Há dez anos estou metido nesse negócio de vender, editar e divulgar livros. Quando iniciei o meu trabalho de livreiro e editor, um amigo advertiu-me: "Vender livros no Piauí é um negócio de alto risco; editá-los, uma temeridade." Era o livreiro Nobre, com trinta anos de sofrimento, e não estava brincando. De qualquer forma, tenho uma certa inabilidade para quase tudo. Fora

de uma sala de aula ou de minha livraria, sinto-me meio deslocado.

De qualquer forma, não encaro meu ofício como missão. Vendo livros porque gosto dessa atividade e não por abnegação ou patriotagem. Se gostasse da noite, seria dono de botequim ou de motel e tudo bem. No mínimo, estaria financeiramente mais folgado. Não sou intelectual, não tenho a pretensão de sê-lo. Sou, quando muito, um trabalhador cultural, alguém que consegue arrebanhar meia dúzia de pessoas que acreditam que cultura é algo mais do que beber uísque em coquetel oficial.

Não tenho outros projetos que não os ligados diretamente ao livro. Mas se mudar de idéia, vou trabalhar a terra como fazia meu pai, um homem que conhecia muito mais o seu ofício do que conheço o meu.

Como vai o desenvolvimento da SUDENE

Teresina assistiu ao **Encontro Sobre Política Cultural no Piauí**, patrocinado pela SUDENE, FUFPI, Secretaria de Cultura e Fundação Cultural Mons. Chaves, ocorrido nos dias 25, 26 e 27 de maio passado, com uma frequência média de 300 a 400 participantes por turno, evento da maior relevância, com o que se tenta pela primeira vez reorientar a política cultural do Nordeste para formas democráticas, para a participação da comunidade. O Piauí foi a primeira

Não, nós acreditamos que o Nordeste tem jeito. É preciso que o vejamos como um pedaço do Brasil. Por causa de uma política cosmopolita, centralizadora, forjadora do subdesenvolvimento do País, sempre floresce (à nossa custa) a cabeça do capitalismo nacional e mundial, através da imitação dos Estados Unidos. São Paulo e os demais Estados nada fazem que não seja a reprodução do subdesenvolvimento da América Latina. O grito de arrancada sai do Nordeste. É preciso reformular toda a política cultural. E quando se desenvolve uma política cultural, esta tem que ser inteira, viva, tem que ser regional como bem disse o Prof. Marcondes Rosa. Tem que ser democrática, partirá das raízes e daí alcançará todo um povo, donde vai irradiar-se para além dos limites.

Não falemos em regionalismo do Nordeste, em seca do Nordeste. Aqui foi o berço da nacionalidade em seus primórdios, aqui estão as raízes, as tradições, os costumes e a língua, com toda a pureza dessa herança. Não deixemos esse patrimônio morrer. Prepara-se a SUDENE para entrar na democracia, democratizando os seus recursos, deixando de entregá-los exclusivamente aos latifundiários e aos industriais da seca, para a reprodução da miséria do Nordeste. Vai entregá-los também aos agentes da cultura, numa verdadeira conscientização, na certeza de que ainda se pode levantar o ânimo dessa gente e dizer-lhe que a dignidade do poder público é possível.

Haverá, em outubro encontro, maior, regional, em Recife. Dessa vez, levando as propostas de todos os Estados, levantadas em encontros como este do Piauí, nelas embutidos os anseios das populações, na viva voz de 10 delegados de cada Estado, 5 representando as entidades administradoras de cultura e 5

outros de associações de artistas ou produtores de cultura. Do Piauí.

lham com arte, desde a clássica à popular, sendo eles Josias Soares Batista (Cultura Popular), Elizabeth Medeiros (Artes Plásticas), Ramsés

experiência. Tentará a SUDENE levar a discussão, aproveitando o espaço aberto no I PLANO DE DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE, aos demais Estados da região sofrida, mais que sofrida — desprezada, mais que desprezada — vilipendiada, maltratada, tudo para que as demais regiões, de modo especial o Centro/Sul, dela tirem proveito, levem os produtos primários e a mão de obra desqualificada, além de veicularem sobre nós a fama de pobreza e outros preconceitos.

ENCONTRO SOBRE POLÍTICA CULTURAL NO PIAUÍ



de 25 a 27 maio - C. de Convenções



GOVERNO
ALBERTO SILVA

participarão a Universidade Federal, a Secretaria de Cultura, a Fundação Mons. Chaves, a Associação Piauiense de Prefeitos Municipais, mais um representante de associação cultural do interior do Estado, além dos cinco dirigentes ou representantes de entidades que traba-

Ramos (Música), Aci Campelo (Teatro) e Francisco Miguel de Moura (Literatura, Editoração e Biblioteca), todos eleitos por votação direta do plenário do Encontro de Teresina ao qual nós referimos no início.

HUMBERTO GUI MARÃES EM PROSA E VERSO

Dagoberto Carvalho Jr.
(Da Academia Piaulense de Letras)



Humberto Guimarães

Os anos sessenta chegaram suspirando forte os últimos momentos do romantismo no costume social: rádios tradicionais, ornamentos obrigatórios das salas de visitas, trazem aos lares as guarânicas de Anísio Silva, canções de Milton, sambas-canções à Nelson Gonçalves; Pepino di Capri, italianíssimo, arranca dolentes gemidos de ginásianas e normalistas reprimidas, meninas-moças oriundas da década anterior. Tempo dos inesquecíveis footings nas praças do Liceu e Pedro II; dos grandes filmes hollywoodianos nos cinemas Quatro de Setembro e Rex — pontos de encontro da sociedade nos finais de semana da molecada vibrante nos seriados de Tarzã nas sessões das três e quinze.

Tempo das matinés dançantes no Clube dos Diários, aos domingos, os rapazinhos da classe média, frustração dos não sócios, imaginação peralta, conseguindo ludibriar o velho Cérbero em difícil façanha, que o façanhudo Marcelino, função de porteiro, era quase impossível de deixar-se engabelar. Lambretas em moda, namoros nas praças, mãozinhas dadas. Cabeleiras abrilhantadas e alisadas com pente flamengo. Room Bacardi com coca-cola, limão e gelo. Cigarros Continental sem filtro. Sinca Chambord dos boêmios filhinhos de papai.

Efervescências políticas do bipartidarismo tradicional, maniqueísmo a toda prova, que não sabia estar vivendo os últimos dias. Tempo áureos de Juscelino Kubitschek de Oliveira, Brasília recém-nascida.

A Bossa-Nova, aos poucos, ganha terreno para explodir: Elvis Presley, grande pedida da juventude inquieta, turbulenta, arrepiada

corações com Jalousie Rock, Tutti Frutti, It's Now or Never. Tudo Elvis: música, cabeleira, indumentária, compostura jovem. Os bambolês estão de volta como agora a rebolar cinturinhas; garotas avançadas, de short, escanchadas nas garupas das lambretas. O delinquente Ronaldo curra e mata Aída Cure, David Nasser denuncia o fato em série de reportagens na revista O Cruzeiro, e os óculos de Ronaldo fazem moda. Tenório Cavalcanti defende o Tenente Bandeira da acusação crime do Sacopã. Roberto e Erasmo, os Carlos, em véspera de despontar.

No confronto de costumes a própria juventude se divide: os urbanistas tendem fácil à modernidade; os interioranos, tímidos por formação e necessidade, não conseguem desgarramento fácil do conservadorismo. Teresinenses se redimem nas missas dominicais das nove e trinta celebradas pelo Padre Chaves

na Catedral do Amparo. As últimas balsas são desmontadas no cais onde se toma banho ao morrer da tarde, que é grande a escassez da água encanada.

.....

É neste ambiente que Humberto Soares Guimarães aporta; é nesta cidade mafrense que, desde 1958, aos treze anos de idade, provindo de Ribeiro Gonçalves, rincão piauiense ao sudoeste, Parnaíba à beira, busca luzes de cultura, disposição de enfrentar Exame de Admissão, tremendo Vestibular, o que realmente faz.

A forma dos grandes mestres do Liceu Piauiense o faz tomá-los por semi-deuses impiedosos e o intimida; jamais desejaria defrontar-se com José de Arimathéa, Edgar e Lisandro, todos Tito, nem Alcobaça e outros mais que ministravam o saber no disputadíssimo Liceu. Medo de ofuscar-se; acanhamento matuto. Preferiu o Ginásio Leão XIII do

professor Moacyr Madeira Campos, lavrando tento na primeira investida de Lições de Chico Bento, Wilson de Andrade Brandão, Wall Ferraz, Raimundo Nonato Monteiro de Santana, Joca Vieira, Antilhon Ribeiro Soares, Madame Helena, Lisandro Tito, este, pelo volume de corpo e voz, a lembrar-lhe o Gigante Adamastor... E começou a perder o medo dos Tito, porque Lisandro, picaresco, chegava-se ao aluno em aulas temperadas de anedotário relaxante.

A Voz do Estudante, jornalzinho do Colégio, traz os primeiros exercícios literários do estudante Humberto Guimarães que, praticando ao lado de Alberoni Lemos Filho, colega de classe, termina escrevendo artigos assinados na Folha do Nordeste, um diário de curta vida que passou pela cidade sob a direção do jornalista Vieira Chaves.

Leitor voluptuoso de José de Alencar e Coelho Neto, vai-se mostrando indisposto para o objetivismo sintético do jornalismo, pois sua imaginação o inclina para os vãos líricos que o temperamento e a adolescência propiciam. As leituras de textos antológicos da Crestomatia de Radagásio Taborda e da Nova Seleta de Filgueira Sampaio, mesmos sem a necessidade curricular, são momentos de prazer.

Já em 59, aos catorze anos, lava o primeiro poema — expressão nostálgica da terra natal. Deleites nas melodias suspiradas, torcer de nariz diante do rock e do twist que pedem espaço.

Tempos das primeiras farras, do cigarro por imitação, calças sem cinto, camisa de gola levantada, cultivo da cabeleira — busca de uma identidade pelos caminhos tortuosos da adolescência.

Desde o segundo ano de ginásio assume, no grêmio da escola, a gatoria oficial, e vai até o quarto ano, a esborrachar civismo nas sessões solenes de exaltação à pátria. As poesias roubam-lhe horas de estudos na calada da noite, fuga indefectível aos mistérios da matemática euclidiana que o faz estontear entre o zero e o cinco. Compensações em Português e História. Latim sem bríos, no segundo ano, em fenomenal pecado de "pesca", tem sua prova arrebataada pelo mestre José Gonçalves, nos estertores da última flor do Lácio secundarista.

Pelas ruas de Teresina Humberto Guimarães sonha com a literatura e declama versos em mesa de bar, Quixotesca. Um dia, primeiro ano científico no Liceu — de que já perdera o medo — participa de concurso de poesia e arremete valentemente com poema seu. Mesa julgadora presidida por Arimathéa

Tito Filho. Fracasso: os versos imaturos claudicam os gestos do declamador intimista, e o poeta quase pede para deixar de ser poeta, vendo fulgurar as condoreiras composições de Castro Alves naquela noite de 1963. Nesse mesmo ano pegam-no de surpresa para concurso de oratória no palco da Rádio Pioneira.



— Mas assim de repente? — pergunta.

— Claro, o discurso é de improviso — respondem os rapazes do Centro Estudantil, já com seus "improvisos" devidamente decorados.

Ousadia em punho, três horas depois Humberto dá o recado com impostação de voz sobre tema cívico, sem titubeios, sem reticências. Os dias entretanto são de fulgurações à Fidel Castro e Che Guevara. Alguns aplausos chocos e a desclassificação pelo tema ultrapassado.

Nessas adversidades burila-se entretanto, o médico, o escritor, o poeta.

Poeta, faz do sentimento intimista o centro do seu universo romântico filtrado em versos derramados num ultra-romantismo só comparável a Álvares de Azevedo e Casimiro de Abreu, pois que de verdes anos é a lira na sua fase maior de produção; de período mais adulto, os cantos assemelham-se ao poeitar de Cecília Meireles e algo de Vinícius. Ora trabalha o verso com cui-

dados parnasianos, ora deixa-se fluir na paramétrica sem no entanto, jamais fugir ao ritmo e ao zelo vocabular. Dois livros de poesia: Juvenília, publicado em 86, e Fráguas, ainda inédito nas fileiras do Projeto Petrólio Portella aguardando sua vez.

Prosador, revela-se com os contos Notívago e Gaguinho na Revista da Sociedade Brasileira de Escritores Médicos, em 1978, e depois com o livro Essências em Conflito (1981), onde analisa, em crônicas saborosas, a psicodinâmica do comportamento humano; em 1983 publica o romance regionalista Nas pegadas do Rio, preito às experiências vividas na infância, fruto da empatia com os encantos do rio Parnaíba e as aventuras dos mestres embarcações. Muitos livros inéditos ainda, abrangendo o tema histórico, o satírico, o religioso, o científico.

Estudioso da ciência psiquiátrica, Humberto Guimarães, pontificando na universidade como professor de Psicologia Médica, Psiquiatria e Medicina Legal, detecta situação psicopatológica de uma inversão edipiana até então não estudada, e proclama ao mundo da ciência o Complexo de Saturno, estando a preparar livro sobre o assunto que o vem tornando conhecido pelo Brasil e respeitado pelos seus pares, pois o tema já foi referido em congressos nacionais e tem merecido destaque da imprensa de São Paulo e Espírito Santo. Pessoas que vivem o problema saturnino têm escrito ao Dr. Humberto, das mais diversas cidades do país em busca de solução, esclarecimento ou conforto. Nos seus arquivos amontoam-se cartas de Uberlândia, São Paulo, Vitória, Brasília, etc., bem como recortes de jornais de menor circulação enviados pela clientela epistolar.

Caprichos da vida, se a fama de Arimathéa Tito fez o secundarista intimidar-se, foi Arimathéa que, anos depois, o conduziu pelo caminho das letras, providenciando as edições dos seus livros e prefaciando o primeiro, cuja apresentação, em noite festiva do Palácio de Karnak, foi brilhantemente feita pelo acadêmico, também psiquiatra, Clídenor Freitas Santos.

Presentemente Humberto Guimarães, polígrafo a penetrar todos os ramos do conhecimento humano, está ultimando livro sobre tema de religiosidade, com o sugestivo título DA-ME TUA MÃO PENTECOSTAL, a respeito do qual a Editora Vozes já se pronunciou com vistas a incluí-lo na sua programação editorial.

Prosa e verso de Humberto Guimarães, tempos de cultivo, tempos de colheita.

Pequena contribuição ao estudo de Celso Pinheiro

A. Tito Filho

Presidente da Academia Piauiense
de Letras.

Celso Pinheiro nasceu na pacata cidade piauiense de Barras, aos 24 de novembro de 1877, mesmo ano do nascimento de José de Arimathéa Tito e Esmaragdo de Freitas e Sousa, o primeiro também barrense e o outro da Vila da Manga, depois Colônia de São Pedro de Alcântara e afinal Floriano, no Piauí. Era Celso filho do terceiro casamento de João José Pinheiro desta vez com Raimunda Lima Pinheiro.

•••

Em 1902, jovem de 15 anos, já redigia, ao lado de Arimathéa, ambos alunos do velho Liceu Piauiense, o órgão estudantil "A Idéia". Em 1903, faz parte de "Esperança", de grêmio literário. Sucede-se a sua participação em folhas jornalísticas: "Andorinha", "Arrebol", "Mensageiro" (1904), "O Operário" (1906), "Alvorada" (1909) — entre outras. Convive desde a mocidade com os mais destacados intelectuais do seu tempo: Abdias Neves, Antonino Freire, Miguel Rosa, Clodoaldo Freitas, Joel Oliveira, Arimathéa Tito, Simplicio Mendes, Zito Batista, Da Costa e Silva, Adolfo Alencar, Esmaragdo de Freitas, Benedito Pestana, Raul Nei da Silva, Jônatas Batista, Antônio Chaves, Mário Batista, Alcides e Lucídio Freitas, Cristino Castelo Branco, Baurélio Mangabeira, Higino Cunha, Matias Olímpio, Valdino Tito, João Pinheiro, Saraiva de Lemos, Elias Martins, Pedro Borges, Nogueira Tapeti, Fenelon Castelo Branco, Odilo Costa, Anísio Brito, Benjamin Batista, Eurípi-des Aguiar, Antônio Neves, Júlio Martins Vieira, Durvalino Couto, Veras de Holanda, Cirilo Chaves, Vaz da Costa, Anízio Cavalcanti, Cláudio Pacheco — e outros que a memória não reteve.

•••

Em 1907, saía "Almas Irmãs", volume de versos elaborado por Celso, Zito Batista e Antônio Chaves.



Poeta Celso Pinheiro

Entre 1912 e 1917, Celso publicou "Flor Incógnita", versos. "Poemas", alentado volume, publicou-se no ano de 1939, sob os auspícios da Academia Piauiense de Letras e do governo piauiense, em que se reuniu grande quantidade de poemas do consagrado artista do verso.

A quase totalidade da obra de Celso Pinheiro permanece inédita. Ele organizou-a em vida distribuindo-a em 18 títulos: "Prosa", 2 volumes — discursos, conferências; crônicas, cartas, artigos de jornal; e poesia, mais de quatro mil sonetos,

poemas de outras formas e sátiras políticas, com as seguintes denominações: "Cuore", dedicado aos pais, aos irmãos, aos filhos; "Flor Incógnita", para a esposa; "Dona Tristeza", a companheira permanente das suas angústias; "Sombras", para as moças tuberculosas do tempo em que viveu; "Dindinha", a babá da meninice; "Tear de Sol", 3 volumes, subtítulo "Spleen", versos dos sofrimentos íntimos; "Poemas de Maio", plenos de religiosidade; "Poentes", a suavidade e a beleza dos crepúsculos; "Hino à França"; "Jardim de Mu-

lheres" 2 volumes, enaltecimento às eternas namoradas do homem; "No Jardim de Academus", homenagem aos intelectuais do Piauí; "Estepes", de vários assuntos; "Poemas da Morte", penúltimo livro, para o poeta o próprio canto de cisne; "Coroa de Espinho", terminado uma semana antes da morte do poeta

De assunto político deixou para publicação: "O Incendiário de Teresina", "Demócrito de Sousa Filho", "Fernando de Noronha", "União Democrática Nacional do Piauí", "Da Constituição" e "Eurípidas".

Estas obras trantam dos terríveis dias dos incêndios criminosos na capital piauiense, primeiros anos da década de 40; do assassinato de jovem estudante num comício do Recife, em 1945 da ilha transformada em presídio, onde se recolheram os acusados de idéias socialistas, entre os quais o filho Celso Pinheiro Filho, espancado, serviciado e aleijado pela truculência policial; do grêmio partidário tão combatido pelo poeta, que militava no Partido Social Democrático; comentários sobre a Constituição do Piauí, elaborado no governo Rocha Furtado, em 1947, e finalmente das sátiras impiedosas que Celso dirigiu ao seu adversário, o terrível jornalista Eurípidas de Aguiar.

São obras que assinalam uma época de formidáveis paixões do partidarismo político piauiense.

• • •

Vários fatores fazem a obra literária, mas a estética não se preocupa com exame da biografia do autor, ponto de partida da crítica psicanalítica. As concepções da literatura procedem das neuroses e dos sofrimentos do homem. Celso Pinheiro não se desgarraria da norma. Desde cedo sofreu física e espiritualmente. Milionário de angústias íntimas, alucinado de dor, contempla os martírios que a vida lhe impõe e constrói os versos científicos de que abarrota gavetas e armários caseiros. Ele mesmo conta a sua história sem remédio em cada poema que colhe da alma em pranto.

Augusto dos Anjos realizou **Eu** com pedaços do coração maltratado. Deflorou e engravidou Maria, de humilde condição social. A mãe do poeta, senhora de engenho, mandou surrar a menina, que morreu da surra — ela e o rebento da barriga. Augusto sofreu consequências violentas desse drama doméstico, e tornou-se melancólico. Contou a tragédia no seu livro de tantas edições, acima referido. José Lins do Rego, conterrâneo do poeta, disse que ele escondia uma

mágoa secreta, um rancor contra a própria mãe.

• • •

Em 1972, suturei que Martin: Napoleão, magnífico poeta, aceitava nos seus poemas a morte como processo de extermínio do sofrimento. Assim como Celso Pinheiro, foi Napoleão, no uso da palavra como conteúdo da poesia, como mensagem poética. Em Tomás Gonzaga, tudo se expressa nos adjetivos **formoso, lindo. Duro** é o adjetivo de Camões. Em Álvares de Azevedo, **pálido, lívido, frio**. Napoleão se revela em essência pelo conceito: lágrima, pedra, sofrimento, amor, pedra, morte.

Celso Pinheiro consubstancia a angústia do homem martirizado pela crueldade da vida. Os versos revelam o seu verdadeiro psiquismo. Emoção a cada instante e o vazio da alma fazem dele um dos grandes poetas nacionais. A dor possessiva sublimou-o em comoventes criações poéticas, que não pertencem ao parnasianismo nem ao simbolismo, como quis Agripino Grieco. Penso que ele pretendeu, da forma que Horácio de Almeida sentiu em Augusto dos Anjos, ocultar o pensamento, num modo de interpretar os profundos e martirizantes sentimentos íntimos e entregá-los ao mundo objetivo.

COLABORAÇÃO PARA A PRESENÇA

As colaborações destinadas à REVISTA PRESENÇA deverão chegar a sua Redação a

Praça Deodoro n.º. 816 - Centro 64.000 — Teresina — Pi — Brasil),

Temos o maior interesse em contar com as mais diversas colaborações culturais.

A Batalha da Praça da Sé e outras Batalhas

Francisco Miguel de Moura

Eduardo Maffei, médico, jornalista e escritor, exercita o ato de escrever com responsabilidade e sabedoria. Até então havia publicado quatro obras de envergadura que são, ao mesmo tempo, importantes estudos da sociedade

brasileira do começo deste século, independente de serem classificadas como romance ou história. A respeito delas se manifestaram, entre muitos outros, intelectuais do peso de Câmara Cascudo ou de John Foster Dulles.

Mas tratamos agora é do seu mais recente livro: **A Batalha da Praça da Sé**. Na verdade, nesse livro publicado em 1984, pela Editora Philobiblion, Rio, Maffei inicia suas memórias, pois conta outras batalhas além da propriamente dita. Por exemplo: a batalha da sua conversão ao socialismo, ainda jovem estudante de medicina, e a sua escapada das garras negras do fascismo tupiniquim do Plínio Salgado. A narrativa de Eduardo Maffei é viva, forte, densa e não anda por meios estreitos e lineares. Se não estou enganado, é o primeiro livro o episódio que nos libertou de um alinhamento mais profundo com o nazismo, na ditadura de Vargas. Pelo menos, com tamanha riqueza de detalhes, informações, interrogações, crítica e autocritica, não existe outro. O episódio a que denomina de Batalha de Praça da Sé foi desfechado por operários, estudantes, intelectuais e militares remanescentes do tenentismo, na Praça da Sé, em São Paulo, no dia 7 de outubro de 1934. Ali as forças democráticas mobilizadas se bateram contra os facistas, resultando numa derrota dos últimos, embora que com o sacrifício da vida de muitos abnegados amantes do progresso e da democracia. Para saber da sua importância, penso que o leitor comum precisaria ler em primeiro lugar as prelas, de autoria de Edgar Carone. Logo na primeira, Carone diz: "Os acontecimentos de 7/10/34 encontram em Maffei um analista de grande sensibilidade. O relato não se restringe a um levantamento imparcial, mas traduz a confissão de um militante, do homem participante desse episódio fundamental da luta anti-integralista." O prefaciador é ninguém mais do que Nelson Werneck Sodré. Com algumas páginas de análise da história brasileira e do período estudado por Eduardo Maffei, larga bem no final que "Maffei é justo, desapassionado, situando cada



uma das forças e figuras que as dirigiam. Vamos emergir destas páginas velhos vultos que a história não vai esquecer. E um dos momentos mais interessantes da luta do povo brasileiro em busca da liberdade." Isto tudo, depois de ter bem resumido o que é a História: "Maffei é um historiador, pois — e dos bons, aqueles para quem a História é a narração dos feitos das massas — a verdadeira, a única." Mas o prefácio é um prefácio mesmo, não o resumo do livro. E as orelhas informam o assunto de que trata Maffei. Só isto.

Como explica o momento de consciência falsa, em Carlos Lacerda, ao tomar o caminho dos exploradores porque não tinha a menor capacidade moral de seguir na luta que primeiramente empreendera? Diz Maffei que

Carlos Lacerda tinha sido expulso do movimento por suas conhecidas e perenes maroteiras. Agora, consideremos o momento decisivo de consciência verdadeira, real, do escritor Eduardo Maffei, contado por ele mesmo: "**Fui recrutado para militar na esquerda num dos primeiros anos 30.** Um certo sergipano, Menezes de nome, sargento do exército, ministrava exercício militar aos tiros de guerra 47 e 48, respectivamente para acadêmicos de medicina e de engenharia, num salão da Rua Barão de Tatuí, em São Paulo. Era num tempo de agudo choque entre as forças imperialistas americanas e inglesas e, entre nós, tentava-se criar um ambiente contra a Argentina, país em que prevalecia o capital inglês, enquanto o ianque se achava aqui em penetração. Ele,

então, numa das aulas, perguntou-me: No caso de uma guerra entre o Brasil e a Argentina que faria você? Procurei demonstrar — era um jovem de 20 anos — que não deveríamos pautar nossa vida à base de hipóteses e muito menos a das nações. Ele, entretanto, insistiu na pergunta. Não tive dúvidas. Disse-lhe que tal guerra era do interesse dos ingleses e americanos e que os brasileiros não deveriam apresentar-se para tal contenda. Fui expulso do Tiro de Guerra.”

Outra passagem que não posso deixar de fazer referência, até citando-a, embora sabendo que nada melhor sobre um livro do que endereçar os leitores para o seu texto integral, é a passagem em que Maffei conta sobre suas leituras: “**Havia-me tornado marxista lendo um livro reacionário, “A Questão Social”, do positivista Antônio de Sampaio Dória professor de Direito Constitucional da Faculdade de Direito de São Paulo. Ele me havia, numa página, descrito o que Marx pensava da mais-valia. Depois gastava (o verbo é mesmo gastar) uma dúzia delas para “provar”, explicando palavras e não fatos, como o pensador alemão estava errado naquilo que é o fundamento da sua doutrina. Para mim, seus argumentos tinham o sabor de quem tenta, depois de haver demonstrado o teorema geométrico de que a soma dos ângulos internos de um triângulo é igual a dois retos, provar inverso, o ilógico. A mais-valia e o que dela resultava, pois, tornara-se parte da minha consciência, mas o palco onde ela se desdobraria eram os acontecimentos internacionais. Porém não foram só os acontecimentos internacionais que, na prática, fizeram Maffei reconhecer a mais-valia. Algo mais perto dele lhe gritava. E por isto fala também, logo a seguir, de um certo “portuga”, de teoria. Embora Maffei passe rapidamente sobre o português, ao bom entendedor as poucas palavras ditas me bastaram.**

Penso que qualquer um se tornaria socialista lendo até mesmo a revista “Seleções do Reader’s Digest” — e eu a li bastante na minha juventude — não tendo tido a teoria e a prática de Eduardo Maffei no tempo de sua formação. Mas isto é outra história. Devemos voltar aos livros de Maffei. Ou à sua própria vida que literatura e vida se confundem. Tenho isto como certo até que me provem o contrário. Ao que sei, o Autor de “**A Batalha da Praça da Sé**” tem uma vida toda dedicada à luta pela verda-

de, tentando reconhecer os momentos de erro como parte da verdade (de que fala Lênin — pois a verdade não será nunca uma coisa acabada. Nos quatro romances que escreveu (**A Greve, Maria da Greve, Vidas Sem Norte e A Morte do Sapateiro**, Maffei conta a saga dos que lutam e são quase sempre derrotados, provando que eles também fazem a História, com sacrifício e sangue, trabalho e morte, mesmo sendo verdadeiramente materialista anarquistas, comunistas ou democratas, não importa. Será necessário citar Marx, dizendo que “**Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem como querem**”? Cada um contribui para o edifício da história humana de acordo com suas reais possibilidades e condições. Só que as possibilidades devem ser esgotadas e as condições transformadas. Nem todos têm consciência disto e ficam apenas como “testemunhas”. Na história familiar Eduardo Maffei conta com boa tradição de luta. Seu pai, sapateiro, imigrante italiano e seu personagem principal, morreu na greve de 1917 (a grande greve de São Paulo e do Brasil). Maffei nasceu, educou-se e viveu em São Paulo, ao contato com os movimentos da história do mundo em processo nos anos 20 e 30. Assim, não partia do bruto desconhecimento do real revolucionário. E sua privilegiada inteligência ajudou-o a descobrir mais cedo o caminho da verdade, ou mais que isto, a

construção desse caminho. Sua conscientização não foi fácil, nem a dos seus companheiros, porque nada que diz respeito ao conhecimento do homem e de sua verdade é fácil.

Aqui damos a nossa interpretação.

Quem mais quiser saber, leia o livro. Ele conta essas lutas de sua geração, uma época confusa e cheia de contradições, por isto mesmo rica.

Por outro lado, notamos que o Autor de “**A Batalha da Praça da Sé**” sabe coordenar minúcias criteriosamente.

Veio, viu e foi vencido — diria talvez, numa expressão bem atual e como uma espécie de pequena queixa: “Eu, por exemplo, da JC, estudava medicina, dirigia um jornal ilegal, escrevia nos legais, era interno de um hospital onde guardava o inefável arquivo do partido, fazia comícios e colagens. Em com pensação, não aprendi a dançar nos salões, porque na vida, dancei — e como: — muito.”

Em resumo, “**A Batalha da Praça da Sé**” não é um romance, mas o lemos com emoção dobrada, não obstante o caráter de minucioso relato, em estilo largo e aberto como o das epopéias. Um livro de leitura apaixonante e também um livro de estudo, escrito por quem viveu o que escreve e sabe fazê-lo melhor do que muitos intelectuais com títulos acadêmicos e cadeiras nas universidades.

Visite, em Campo Maior - PI
o Museu do Couro
e o Monumento do Jenipapo

Salão de Humor do Piauí: irreverência e risos



Secretario de Cultura, Israel Correia

O romancista português Eça de Queiroz gostava de dizer: "O riso é a mais útil forma de crítica, porque é a mais acessível à multidão." — Estava certo. A mobilização popular que se deu em Teresina em agosto em torno do VI Salão de Humor do Piauí, evento promovido pela Secretaria de Cultura do Estado, só pode ser explicada por essa via, além, é claro, da brilhante competência dos humoristas que concorreram e dos que vieram especialmente para o evento como convidados especiais para compor a comissão dos jurados, como Borjalo e Márcia Braga, por exemplo, e outros que proferiram excelentes palestras, como Ziraldo, que falou de humor e resistência, enveredando um pouco pela época da repressão (período em que foi preso trabalhando no Pasquim) o carioquíssimo Sérgio Cabral, com seu inconfundível sotaque (Sérgio é da gema) que falou de humor na música popular brasileira; Borjalo (um dos cinco maiores traços do cartunismo mundial) falou de humor e comunicação e finalmente o competentíssimo Jorge de Salles que fez ainda uma palestra sobre J. Carlos e história de arte. Além das palestras e da exposição dos desenhos, houve apre-





1º Lugar



1º Lugar

CARICATURA

sentações durante toda a semana de grupos folclóricos, violeiros, cantores e músicos piauienses (Encontro) na Praça Pedro II, abertamente, bem no estilo popular, e com total acesso do público. Além de um toldo (imitando um circo) armado no meio da praça expondo outra parte dos desenhos. No Teatro, as apresentações de peças (comédias) todas as noites também, além da hilariante apresentação da "Muda Brasil Tancredo Jazz Band", uma banda instrumental formada por cinco cartunistas amadores (na música) segundo eles "tentando se realizarem como músico". Uma gostosa surpresa para os que não conheciam a banda ainda. Zivaldo foi convidado especial da banda, cantando em inglês, e realizando um velho sonho: cantar para um público grande. Tudo num clima de muita descontração. Conseguiu contagiar a platéia, literalmente entusiasmada.

Borjalo, foi um dos cartunistas que integrou o júri do VI Salão de humor, e é um dos homens fortes da Rede Globo de Televisão. Ele nos diz aqui que o desenho humorístico tem que atingir sempre o público de modo explosivo, quimicamente explosivo. É como uma bomba: ou a pessoa olha e imediatamente percebe a mensagem e rir, ou então o caricaturista não foi feliz, não conseguiu ser explosivo na expressão química da palavra. Você não rir por reflexão ou por consulta. Você tem que entender imediatamente. E é essa a nossa grande preocupação. Porque não há outra forma de atingir esse público."

Pelo visto, pode-se dizer então que este ano os humoristas acertaram "quimicamente" na mosca. A receptividade e a participação do público piauiense ao Salão foram intensas — visitaram o salão uma média de 10.000 pessoas, — que serviu inclusive de comentário aos humoristas convidados para as palestras, mostrando-se eles próprios surpresos com a mobilização conseguida.

Mas a grande novidade mesmo desta vez ficou por conta dos cursos iniciação em Cartum, Charge, Caricatura, Grafite e Desenhos em quadrinhos, ministrados pelos próprios cartunistas convidados, que procuraram atingir um público infantil, geralmente esquecido.

A exposição continuará até o dia 10 de setembro, onde tomará outro rumo (eles pretendem levar o Salão para algumas cidades do interior e capitais do Brasil como o Rio, Fortaleza, Salvador, São Luis e Brasília).

Ficou alguma coisa do Salão de Humor este ano? Sim. Está previsto para janeiro próximo um Salão nacional de Artes Plásticas de Teresina, a ter lugar no 4 de Setembro.



1º Lugar





Promovido também pela Secretaria de Cultura; uma individual de desenhos (15 trabalhos) do desenhista e

crítico de arte, Jorge de Salles, do Rio (foi quem fez o troféu do Salão desse ano), também em janeiro, no

Artes e Trastes, e, ainda a nível de projeto uma fundação internacional de Humor (uma espécie de Museu vivo do humor), aqui em Teresina, Jorge de Salles comentou que este Salão foi de um ineditismo a toda prova em termos de qualidade e quantidade, — “nunca, que eu saiba, pelo menos nos últimos dez anos, conseguiu se reunir tanto humorista bom como dessa vez. O povo piauiense teve uma oportunidade rara de conhecer pessoalmente a nata do humor nacional”. A única observação feita pelo desenhista é a preocupação pelo resgate da memória do Salão, pois com um volume de trabalho desse porte é inconcebível a produção de um folheto ou de um catálogo que deixe registrado, documentado o evento, para posteriormente esse material para universidades e fundações culturais do Brasil e até do mundo. Fica registrado a idéia. Enquanto isso a exposição continua. Continua a exposição de rir, também, porque como disse Rabelais: “Ride, ride, que o riso é próprio do homem”.



No encerramento do Salão de Humor, teresinenses lotaram a Praça Pedro II

Israel Recebe

Documento de Geminacão



Secretário de Cultura recebendo diploma

Em solenidade realizada no Palácio da Cultura, o Secretário de Cultura Desportos e Turismo, Israel Nunes Correia, recebeu do deputado federal Paulo Silva o diploma assinado relativo a geminação da Amarante portuguesa à Amarante piauiense.

Louve-se aqui a participação do Embaixador do Brasil em Portugal Alberto da Costa e Silva e do Prefeito de Amarante Francisco Câmara.



projeto arte em toda p'arte

Arte em Toda Parte

O governo Alberto Silva, através da Secretaria de Cultura e da Fundação Cultural do Piauí, lançou o projeto "Arte em Toda Parte", que tem como objetivo a diversificação e ação cultural nas comunidades teresinenses e do interior do Estado, ampliando assim o espaço do

conhecimento da arte piauiense.

O projeto tem como alvo proporcionar às comunidades opções de lazer, entretenimento, abrir espaços para os novos valores artísticos da terra — "Arte em Toda Parte" não se limitar a espaços físicos definidos; atuará em bairros, áreas livres, parques, praças, feiras etc. A presença do projeto dar-se-á de

quarta a domingo, semanalmente.

O projeto "Arte em Toda Parte" levará às comunidades shows, teatro de pintura, mostrando os seus mais exibição de filmes, exposição de artes plásticas, lançamentos de livros, artesanato, concurso, muito som, comidas e bebidas típicas. A coordenação do projeto é de Sulika Figueiredo.

Escola de Dança de Teresina Comemora Aniversário



No período de 28 de setembro a 4 de outubro, a Secretaria de Cultura, Fundação Cultural do Piauí e Secretaria de Educação do Piauí, comemoraram o II aniversário de instalação da Escola de Dança que funciona no Teatro 04 de Setembro com uma intensa programação de cursos, apresentações artísticas locais e nacionais, vídeos e exposição. A criação da Escola de Dança foi de inspiração e iniciativa de professores da área de dança e tem por objetivo a democratização do ensino e da difusão da dança no Estado do Piauí.

A atual diretoria tem à frente, a bailarina e coreógrafa Eleonora Paiva e Silva que não tem medido esforços para melhorar o nível técnico dos professores e alunos, oferecendo cursos de aperfeiçoamento e promovendo pesquisa sobre as danças folclóricas do Piauí para montagens de futuros espetáculos. As comemorações da Escola de Dança se revestirão de grande importância para a dança piauiense. A escola atende a alunos da rede oficial de ensino.

Participarão como convidados especiais para ministrarem cursos,

Ballet da Escola de Dança de Teresina
Lina do Carmo (mímica); Lenora Lobo (Técnica Laban e dança de salão); Dengo Monteiro (Técnica de dança moderna); Zeca Nunes (Coreografia e interpretação) que serão também recebidos pelos alunos, professores e público que participaram da Semana das festividades. Além dos convidados especiais; tivemos a presença marcante de Sátiro Valença que comandou os vídeos para as crianças e responsabilizou-se pela gravação de todo o evento, inaugurando assim, a nossa videoteca. Contamos ainda com exposição de fotografias que mostram história das grandes companhias de balés que visitaram o Brasil no período de 1910 a 1960, gentilmente cedidas pelo INACEN. Como parte da programação também as apresentações de Balé Popular do Piauí, do Balé da Cidade de Teresina (da Escola de Dança), dos Balés das academias de Teresina, da Escola de Música, do musical infantil "Flicts", da história de uma cor e Ballet Reinaldo Fará, de São Luís do Maranhão.

Os dois anos de atividades da Escola de Dança, servem de exemplo para mostrar que fazer arte é viável, precisando de pessoas que acreditem nela, do apoio de homens públicos de larga visão, sensíveis à arte, para que suas manifestações sobrevivam.



Bailarinho Nezinho e Clarice Piauí

TEMPO DE FOLGUEDO

XI Encontro de Folguedos do Piauí



Quadrilha

Helena Arcoverde

Em junho foi realizado na Prainha, o XI Encontro de Folguedos do Piauí com a apresentação de quadrilhas, reisados, bumbas-meu-boi, forrós e outras atrações folclóricas promovidas pela Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo e organizadas pelo Departamento de Assuntos Culturais, DAC, dirigido por Ana Alaíde Nunes.

O secretário de Cultura, Israel Correia, mostrou-se entusiasmado com o êxito que obteve o encontro e, principalmente, pela oportunidade que teve aquele órgão de fomentar manifestações populares e que causam prazer à comunidade piauiense. Este ano vieram, a convite daquela Secretaria, grupos folclóricos de vários municípios do Estado, como o que apresentou, proveniente de Angical, "danças portuguesas", tradicionais nas cidades pertencentes ao meio Parnaíba.

Cidades como Angical e Amarante conservam o tradicional bailado português, trazido por famílias provenientes de Portugal, instaladas naquela região no século passado.

A Escola de Dança do Piauí, dirigida pela coreógrafa Eleonora Paiva, apresentou vários números de danças folclóricas tradicionais no Estado, como dança "Coco Peneruê", "Num se pode" e "Peixinhos do Amor".

Procurando aliar a técnica às tradições folclóricas piauienses, Eleonora Paiva disse que o intuito da Escola de Dança, através do Balé da Cidade e Balé Popular do Piauí, é resgatar as raízes piauienses, divul-

gando lá fora folclores como CAVALO PIANCÓ, CABEÇA-DE-CUIA e COCO PENERUÊ. Para ela a técnica ideal para elaborar coreografias que marquem essas tradições é a junção do teatro mundo com a dança.

Para elaborar a coreografia de "NUM SE PODE", Eleonora Paiva utilizou a música feita por Raimundo Aurélio sobre a lenda piauiense em torno desse personagem. "Num

se pode", de acordo com a lenda, era uma mulher muito alta, que causava estranheza e admiração entre os rapazes da região. Ao vagar pelas noites, ela pedia cigarro aos rapazes e o acendia nos lampiões com um pequeno gesto de cabeça.

Apesar da estilização, Eleonora Paiva procura não tirar, durante as apresentações, na Prainha, o "sentido da dança folclórica", objetivo maior do grupo.



Populares

O final do mês de junho para os dançadores de Reisados, Bumbameu-Boi e tambor de Crioula é intenso, não faltando contratos e convites para noitadas. Alguns bairros chegaram a ter quatro ou cinco arraiais, que, geralmente, também receberam incentivo da Secretaria de Cultura.

Um desses grupos, o reisado de "Mãe Feliciano" apresentou algo muito maior do que a simples vontade de participar: O cumprimento da promessa feita por Maria Feliciano, Mãe Feliciano, há 27 anos, feita a Santo Reis. Falecida há um ano, Mãe Feliciano pediu a seu filho, Francisco Pereira dos Santos, que desse continuidade ao cumprimento de sua promessa, o que vem sendo feito.

Ao chegar em sua sede, no Bairro Morro da Esperança, a reporter encontrou o filho de Mãe Feliciano ornamentando mais uma decoração para o boi, que é personagem do reisado e do Tambor de Crioula.

O reisado de Mãe Feliciano já foi apresentado em vários Estados inclusive exterior (Uruguai), a convite da Semel. Quando o boi não está se apresentando guardamos envolvido em plásticos, informou Francisco Pereira. O grupo, que possui cerca 25 componentes, conta a história do reisado através de personagens como Três Caretas; Cigana; Pião; Galo; Ema Jaraguai, numa espécie de adoração aos Três Reis Magos.

Muitos desses personagens são aproveitados para outras apresenta



Cavalo Piancó

ções como o próprio Tambor de Crioula, fato que inova com o passar do tempo, as coreografias de danças. O Tambor é para o filho de Feliciano, uma comemoração da Abolição da Escravidão no país, através de batuques em tambores denominados "Mixerico", "Socador" e "Tambor Grande", feitos de tronco de árvore ocada.

Cerca de vinte quadrilhas participaram do XI Encontro de Folguedos, com as mais diversas denominações, muitas vezes bastante criativas, outras com influência da própria televisão, como a "Brega e Chique", que faz uma referência à novela da Rede Globo de Televisão.

Catirina, personagem central do Bumbameu-Boi deste ano teve um lugar de destaque no Encontro de Folguedos através de melhor encenação e dança da Catirina, que apesar de representar uma mulher grávida, é vivida por um homem, como todos os outros integrantes do Bumbameu-boi, que também são do sexo masculino.

Pequenos espelhos, rendas retalhos coloridos, paetés compõem a vestimenta do boi que cada dia ganha modelos novos e criativos, onde o prateado e o dourado completam o brilho do espetáculo. O Boi da Esperança dançou por cem cruzados, o mais foi festa.



Bumba-meu-boi

Theatro 4 de Setembro Comemora 98 Anos

A mais tradicional casa de espetáculos do Estado, Theatro 4 de Setembro, completou 98 anos no dia 4 de setembro. Pelo transcurso da data, recebeu justas e merecidas homenagens, através de uma vasta programação: apresentação do show "Certas Canções", com o ator-cantor Eduardo Conde e a participação do pianista e arranjador piauiense Luizão Paiva, radicado no Rio de Janeiro; peça teatral "A Farsa do Advogado Pathelim,

texto de autor anônimo do século XVI, montada pelo grupo Harém, sob a direção de Arimatan Martins; participação do Projeto Arte em Toda Parte com jogos infantis; Edivaldo Nascimento e sua Banda; peça teatral "Raimunda, Raimunda", de Chico Pereira da Silva.

Nestes 98 anos, o Theatro 4 de Setembro foi palco dos maiores acontecimentos artísticos, culturais e políticos de Teresina, passando, todo esse período, por várias refor-

mas, sendo que as mais importantes ocorreram no período do centenário de Teresina, em 1952, e no 1º governo Alberto Silva, incluindo mudanças internas e externas, sem, no entanto, afetar a arquitetura do prédio. Novas dependências foram colocadas como salão: bar, sala de exposição, biblioteca, galeria de arte, salas para dança e administração.

150 ANOS DA IGREJA N' SR'. DAS MERCES

No dia 24 de setembro de 1987, a Igreja Matriz de Jaicós completou cento e cinquenta anos de existência como marco daquela histórica cidade.

O Governo do Estado, através de convênio firmado entre Secretaria de Obras e a Diocese de Picos, realizou durante aproximadamente três meses a restauração de Igreja, que se encontrava bastante descaracterizada.

O assessoramento técnico e artístico foi dado pelo Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Natural da Secretaria de Cultura, que procurou rotomar, através de pesquisas históricas, prospecções arquitetônicas, o partido original adotado na antiga Matriz.

A Igreja, localizada na praça Pe. Marcos, teve a sua edificação inicia-

da no ano de 1833, sendo concluída em 1839 (ou 1837?) pela coordenação do Pe. Marcos de Araújo Costa figura de realce no cenário político e cultural do país durante o século XIX.

Apesar da Igreja não ter sido concluída no século XVIII, a mesma apresenta um frontispício com nítida influência barroca, possuindo um frontão "Barromínico", dinâmico, que quebra de certa forma a rigidez da fachada bem marcada e simétrica, influenciada também pela arquitetura jesuítica.

Atualmente a cidade de Jaicós vibra e se sente honrada de possuir uma das mais bela e significantes Igrejas a nível estadual. Realmente valeu a pena o esforço despreendido por padres, políticos, técnicos, artesões, pedreiros na realização de tal obra.

SEMANA NACIONAL DO FOLCLORE

No período de 17 a 22 de agosto foi realizado no pátio da Biblioteca da Fufpi a "Semana Nacional do Folclore", promovida pela Coordenação de Assuntos Culturais e Biblioteca Central da Universidade Federal do Piauí, com apoio da Fundação Cultural Monsenhor Chaves e Programa de Desenvolvimento do Artesanato Piauiense (PRODART).

A intensa programação, durante toda a semana, constou de palestras, exibição de filmes e grupos Folclóricos, bem como de exposições de barracas com peças de artesanato e comidas típicas.

SEMPRE EM TERESINA

A exposição do pintor Afrânio Castelo Branco, na AM Niemeyer Arte Galeria, no Shopping Center da Gávea-Rio, aconteceu no período de 19 de maio a 2 de junho passado.

Embora "festejado pela crítica especializada e com nome nacionalmente conhecido", como disse o escritor Jorge Amado, o pintor Afrânio Castelo Branco, permanece na terra natal, na cidade de Teresina, realizando sua obra admirável, dando assim ao Piauí presença marcante no programa da arte plástica brasileira.

EXPOSIÇÃO DO ARTESANATO PIAUIENSE EM BRASÍLIA

O Ministério do Trabalho, através do Programa Nacional de Desenvolvimento do Artesanato — PNDA, promoveu recentemente, no Parque Shopping em Brasília, uma exposição de mestres do Piauí (Expressão Artística em Madeira).

Constam no Catálogo da Exposição, assinado pela coordenadora do PNDA, Ione Carvalho de Medeiros, elogios à figura do mestre Dezinho e ao perfeito domínio da técnica de escultura em madeira por parte de todos os artistas piauienses participantes.

Da mostra, participaram 14 artistas piauienses. Além do mestre Dezinho, os mestres Expedito Cornelio, Toinha, Pascoal, Júnior, Araújo, Edmar Francisco (Toinho), José Carlos, Marcos (Paquinha), Raimundo Soares (Dico), Raimundo Ferreira (Dim) e José Guberdúcio (Guilherme), os quais retornaram bastante entusiasmados com a receptividade do público e dos críticos aos trabalhos ali apresentados.

VI Concurso de contos "João Pinheiro"

A Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo e Fundação Cultural do Piauí, através do Departamento de Assuntos Culturais (DAC), comunicam aos interessados que as inscrições para o Concurso de Contos "João Pinheiro" estarão abertas em novembro próximo. Informações pelos telefones 223-4656/4657 e ramal 70 e 66.



Teatro Amador: mais uma mostra

O calor cultural em Teresina vai passar dos 40º graus a partir do dia 14 de dezembro, data da abertura oficial da XI Mostra de Teatro Amador do Piauí, um investimento da FETAPI (Federação de Teatro Amador do Piauí), com apoio do Governo do Estado do Piauí, Secretaria de Cultura, Fundação Monsenhor Chaves, Secretaria de Educação, Secretaria de Planejamento, Ministério da Cultura, Fundação Cenacene SBT (Serviço Brasileiro de Teatro). Este multimídia acontecimento acontece em vários locais: Teatro 4 de Setembro, Teatro o Boi, no bairro Matadouro, Teatro de Arena, na Praça da Bandeira, ao mesmo tempo que será armado na Praça Pedro II o Circo Antonin Garcia, uma homenagem ao proprietário do Circo Garcia que faleceu recentemente em Teresina. É o Piauí entrando na história mundial da arte circense.

Mas já no dia 13, Teresina recebe o genial criador do Teatro Oficina, José Celso Martinez Correia, que fará uma leitura iconográfica da cidade além de conferência sobre teatro, numa pré-abertura sensacional. Os participantes da XI Mostra confirmados a nível local, além de peças de Teresina, vamos ter o pessoal de Picos, Floriano e dos Estados do Pará, Ceará (com dois espetáculos, uma peça e teatro de bonecos), Maranhão, Rio de Janeiro (com a peça O Despertar da Primavera, texto de Weedkind, com direção de Paulo Reis), São Paulo, com o pessoal do Teatro Experimental. A abertura da

Mostra no dia 14 consta da apresentação logo no início, de cenas feitas por Arimatam Martins sobre o avanço da linguagem teatral no Brasil e no mundo como Takes de Mephisto, O Último Carro, A Divina Comédia, As Bacantes, em homenagem a Zé Celso e Rei da Vela.

A segunda conferência da Mostra é de Paulo Reis falando sobre "A Falta de Dramaturgia" e também dará um curso de direção. Para quem não sabe ele já ganhou o prêmio Molière de melhor diretor, com A Tempestade, de Shakespeare. No dia 15, Ian Michauski fala sobre Os Avanços e os Vacilos do Teatro Brasileiro, e as palestras da XI Mostra continuam com as participações de Benjamin Santos, Fernando Peixoto, Aderba Junior, João das Neves, Lélia Abramo, Roberto Mailer e o nosso Rubens Lima, autor de Mata-me Com Teus Beijos.

No cardápio da XI mostra de Teatro Amador do Piauí consta também feira de livros, comidas e bebidas típicas, shows musicais e a montagem de um vídeo-bar onde serão apresentados os seguintes filmes: O Rei da Vela, O Último Carro, Rasga Coração, e um documentário sobre Ubirajara Dias, A Biroca. Vem gente também do Ministério da Cultura, Fundacen, Cenacen, SBT e as federações do Nordeste. Depois da Semana Chico Pereira, a XI Mostra promete dar a volta por cima e tornar nossa cidade a capital brasileira do teatro.

Extraído do Jornal da Manhã do dia 22 de novembro de 1987

PROJETO PIXINGUINHA EM TERESINA

De junho a agosto de 88, o Projeto Pixinguinha estará se apresentando no Teatro 04 de Setembro. O convênio foi assinado pelo Secretário de Cultura, Israel Correia e a coordenação do Projeto Pixinguinha e Funarte.

O Projeto tem o patrocínio nacional da Petrobrás e local da Secretaria de Cultura e empresas privadas. Os artistas da terra mais expressivos terão oportunidade de participar.

CONSELHO DE CULTURA HOMENAGEIA CELSO PINHEIRO

O Ano do Centenário do poeta Celso Pinheiro foi aberto com uma palestra da profª Lina Celso Pinheiro e do profº Benjamin do Rego Monteiro Neto, sobre o poeta piauiense em sessão especial do Conselho Estadual de Cultura, no dia 26 de novembro de 1987, na sede da entidade. Presentes ao ato solene, a Subsecretária de Cultura, profª Socorro Borges Castro, profª Marlene Eulálio, representando o reitor Nathan Portella, Kenard Krueel, da comissão do centenário do poeta Celso Pinheiro, membros do Conselho Estadual de Cultura, entre outros convidados.

SECRETARIO DE CULTURA PARTICIPA DO FORUM DE SECRETARIOS DE CULTURA EM ARACAJU

O Secretário de Cultura, Israel Correia, participou, nos dias 4 e 5 de dezembro em Aracaju, do Fórum Nacional de Secretários de Cultura. Foram abordados os temas: Política de Aprimoramento e Consolidação das Estruturas da Administração Cultural, Ministério da Cultura, novas Estruturas, Nova República, Fórum Nacional e Fórum Estadual Secretarias Estaduais e Municipais de Cultura.

Festival de Violeiros



Todos os anos, no mês de agosto, época da realização do Festival de Violeiros (XIV) do Norte e Nordeste, Teresina se transforma na capital do repente. É um autêntico espetáculo de cultura popular, poesia e criatividade. Para o presidente do APRP, professor, poeta e pesquisador Pedro Mendes Ribeiro, "a cultura popular teria de ocupar seu lugar na história". O repente representa a mais perfeita forma de comunicação. "Este é o maior festival do gênero no país.

O evento tem a participação de mais de 100 cantadores/poetas repentistas do Brasil. É uma promoção da Associação dos Poetas e Repentistas Piauienses! Apoio: Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, Prefeitura Municipal de Teresina, Fundação Monsenhor Chaves e Armazém Paraíba.

INSTITUTO DE ESTUDOS POLITICOS DO PIAUI

Ocorreu no dia 17 de setembro, a solenidade de instalação e posse da diretoria do Instituto de Estudos Políticos do Piauí — IEP. Participaram do ato solene, figuras do mundo político e cultural do Piauí, tomando posse os seguintes membros da diretoria: Presidente - Evandro Cunha e Silva, Secretária - Aparecida Cunha e Silva, Tesoureiro - Luis Braga.

CULTURA SELECIONA CANDIDATA PARA CURSOS - GRADUAÇÃO NO JAPAO

A PROF^a. Maria Gorete Batista da Silva foi a candidata selecionada pela Secretaria de Cultura do Piauí, através da Coordenadoria de Cooperação Internacional, para fazer curso de pós-graduação oferecido pelo Ministério da Educação, Ciência e Cultura do Japão.

A bolsista já se encontra na Universidade Nacional de Yokohama, que dispõe de alojamento próprio, assistência médica e hospitalar, recebendo ainda um pagamento mensal de Cz\$ 75.000 (Setenta e cinco mil cruzados).

FORUM CULTURAL

No período de 8 a 10 de maio passado, a Regional Nordeste I, da Confederação Nacional de Teatro Amador, composta por representantes dos Estados do Piauí, Ceará, Maranhão, Pará e do Território do Amapá promoveu, no Teatro 4 de Setembro, Forum Cultural que tem como objetivo discutir e avaliar propostas para uma política cultural.

O Forum Cultural, contou com apoio cultural da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo do Piauí, Fundação Cultural do Piauí e Fundação Cultural Monsenhor Chaves.

EXPOSIÇÃO FOTOGRAFICA DE MONUMENTOS PORTUGUESES

Na galeria de arte do Theatro 4 de Setembro, foi realizada uma exposição fotográfica de Monumentos Portugueses, promovida pela comunidade luso-brasileira com a colaboração da Embaixada de Portugal, consulado de Portugal em Recife e consulado honorário de Fortaleza e do governo do Estado, através da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo. A exposição

CULTURA LANÇA "CASA DE ARTE"

A Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, através da Fundação Cultural do Piauí, lançou o projeto "Casa de Arte", que tem por objetivo atender menores na faixa etária de 10 a 17 anos, os quais irão desenvolver atividades relacionadas no campo das artes plásticas, dança, teatro, música, artesanato e pintura.

O projeto "Casa de Arte", destinado a uma população infanto-juvenil de todos os bairros de Teresina, foi elaborado pelo maestro Reginaldo Carvalho.

teve a duração de uma semana e recebeu grande público. A solenidade da abertura contou com a participação do cônsul honorário em Fortaleza, Alexandre Costa Vidal, do Secretário de Cultura, Israel Correia e de portugueses radicados em Teresina. Simultaneamente, estava sendo montada na cidade de Amarante, em Portugal, uma exposição de fotos de Amarante:PI, do fotógrafo Alcide Filho.

Exposição de Pintura

PROJETO PETRONIO PORTELLA LANÇA FEIRA DE LIVROS

Visando aproximar o aluno da literatura piauiense, o Projeto Petronio Portella lançará, no mês de outubro, a Feira de Livros nas Escolas, percorrendo todos os colégios da capital e do interior.

Contando com o apoio da Secretaria de Cultura, Secretaria de Educação e Fundação Monsenhor Chaves, a Feira de Livros visa estimular os alunos a conhecerem a realidade cultural do nosso Estado.

O departamento de distribuição e divulgação do Projeto Petronio Portella aceita doações de livros, de preferência da literatura piauiense, objetivando a complementação da referida feira.

EXPOSIÇÃO BULGARA

A exposição de 61 cartazes búlgaros, na galeria do Theatro 4 de Setembro, ficou aberta à visitação pública no mês de maio. Os cartazes, na maioria com grandes e coloridas ilustrações, foram cedidos pela Embaixada da Bulgária no Brasil.

O evento foi promovido pela Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, através do seu Departamento de Assuntos Culturais (Setor de Arte e Criação).

ESCOLA DE MUSICA COMEMORA ANIVERSARIO COM CONCERTO

A Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo e a Fundação Cultural do Piauí, através da Escola de Música de Teresina, realizaram em maio, no Theatro 4 de Setembro, o concerto comemorativo ao seu aniversário, sob a direção da professora e cantora Laurence França.

ACADEMIA DE LETRAS INSTALA PROJETO RAIZES

A Academia de Letras do Vale do Longá iniciou em junho, na cidade de Campo Maior (PI), o Projeto Raizes que tem como objetivo despertar na juventude urbana do interior o interesse pela arte e pela leitura de livros e levá-los à redescoberta dos talentos que se guardam por falta de estímulo.



PREMIADA NO ESPIRITO SANTO A PEÇA RAIMUNDA, RAIMUNDA"

O teatro piauiense ganhou o primeiro lugar no Festival de Teatro de São Mateus, no Espírito Santo, com a peça "Raimunda, Raimunda", de Francisco Pereira, dramaturgo piauiense bastante conhecido no sul do país e exterior, falecido há dois anos.

Além do 1º lugar, os representantes do Piauí ganharam mais quatro prêmios: Melhor Direção (Arimatan Martins); Melhor Atriz (Lari Sales); Melhor Figurino (Soraya Guimarães) e Melhor Iluminação (Açai Campelo).

Recebeu apoio da Secretaria de Cultura/Fundação Cultural do Piauí/Diretoria de Assuntos Culturais.

VILLA LOBOS HOMENAGEADO

O governo do Estado, através da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, promoveu no mês de maio, no Theatro 4 de Setembro, a semana Villa Lobos em homenagem ao centenário de nascimento do grande compositor brasileiro. Apoio: Secretaria da Educação, Museu Villa Lobos, Fundação "Monsenhor Chaves", Diretoria de Assuntos Culturais. O evento foi produzido pelo músico Victor Emmanoel Maciel.

Os artistas plásticos Ribamar e Dalva Santana participaram em setembro na galeria de Arte do Theatro 4 de Setembro de uma exposição de pintura mostrando os seus mais novos trabalhos de criação.

Para Nonato Oliveira, artista plástico, "o trabalho de Ribamar Rocha é uma pintura leve, marcante". A pintura de Dalva Santana é definida por Vitalino Alencar, como "artista versátil, de grande talento, uma valiosa afirmação cultural do Piauí".

BIBLIOTECA ESTADUAL EXPOE PINTORES PIAUIENSES

A Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo e a Fundação Cultural do Piauí, através da Biblioteca Estadual "Desembargador Cromwell de Carvalho", realizaram em maio, na sua galeria de arte, uma exposição de quadros de pintores piauienses.

Entre outros, participaram da mostra os artistas plásticos Fred Ramos, Gualberto, Ribamar Rocha, Hostiano, Osmir Pierot, Carlos Martins, Kátia Paulo e Cícero Manoel.

PIAUI: EVENTO VERA0/87

Como acontece todo ano, as cidades de Parnaíba e Luís Correia ficam movimentadíssimas durante o mês de julho. Badalação Total, descontração por toda parte, presença marcante de turistas, praia, sol, festival de pipas, voleibol, futebol, enduro, concurso de beleza, maratona, concurso de pesca, shows, peças teatrais, exposições, projeção de filmes, festas dançantes, entre outras atrações.

Para os turistas, as praias da Atalaia, Pedra do Sal, Lagoa do Portinho, Coqueiro, Barra Mansa são daquelas raras belezas naturais que o Brasil ainda possui, não devoradas pela civilização urbana.

O evento é uma promoção da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, Fundação Cultural do Piauí, com o apoio da Piemtur, Fagep, Prefeitura de Parnaíba e Luís Correia, PMPI, IAPEP e Cepisa.

pintura



Elmar Carvalho

Minha estrada
é a esteira de luz
que o Sol traça no mar.
Meu Arco-do-Triunfo
é o arco-íris que
o Sol pinta no céu.
Meu Louro triunfal
é o pentelho dourado
que cobre tua nudez.
Então eu:
percorro a estrada de luz do Sol no mar
passo por baixo do arco-íris-do-triunfo
laureado com tua pubescência de ouro:
herói anônimo que se venceu a si mesmo

TRILOGIA FLUVIAL

Clóvis Moura

Como é triste a noite
no fundo do rio:
sinto o calafrio
das muitas Marias
que serão meu pasto
sem apelação.
Encanto de mãe
em filho madraço
sem ter outro tempo:
a cruz e a paixão.
Onde eu vou sentir
as sete Marias
além das Marias
virgens para amar
(mas, seria amar
ou o desamor
pró-desencantar?).
No fundo do rio
sem ar, sem amigos,

naquele silêncio
que nasceu da morte
me fiz padecido
sem ter rumo e espaço,
sem saber de amigos
e sem saber quando
sairei das águas
com o arrependimento
em cima das costas.

e mãe não perdoa
o encantamento:
sou filho madraço
e espero o momento
no qual chegue a morte.

— Mas ela não vem.
Seria o esperado
desencantamento.



II

PERGUNTAS DAS SETE MARIAS

Sete virgens me procuram
querendo ver o destino
das que seguirão na espuma
do ritual desatino:
querem saber se há remorso
na entrega do cristalino,
se vale fazer viagem
ou se ela as descaminha.
Querem saber dos luares
no momento de entregar-se
e o grito estranho da febre
que contamina os orgasmos.
Querem saber se a saudade
chega depois com o silêncio
ou se fica apenas sabro
de um momento sem retorno.

Ah! Perguntas machucadas
por um rosário de espantos!

As begônias enlutadas
por um ataque de riso
furaram o caule da infância
com a tristeza dos sentidos.
E os gritos dos afogados
tão velhos como os rochedos

percutiram nas distâncias
que esconderam esses segredos.

Ah! Perguntas enlutadas
por um rosário de medos!

III

IMPREGNAÇÃO DA MÃE DO ENCANTADO

Foi meu filho, no meu ventre
concebi sua carcaça
e em momento sem loucura
machucou meu rosto manso.
Era eu quem cosinhava
seu peixe tirado ao vivo
das correntezas do rio.
Beijava o seu rosto triste,
carinhava seus cabelos,
punha amor na sua vida
com meus sentidos desvelos.

No entanto a sua febre
de demônio numa jaula
transformou os meus carinhos
em ira de potra brava.
Até hoje tenho o rosto
maculado pelo estalo.
Como doeu nas entranhas
que em outro tempo o guardará!
Ah, como agora o meu ventre
se arrepende o haver gerado.
Por isto quero que fique
no fundo do Parnaíba
sem febre ou temperatura
mastigando pedra e limo
como se fosse um duende
morrendo de desventura.

São sete Marias virgens
que terão de restaurá-lo
ao serem violentadas.
Terão de desencantá-lo
do fundo amargo do rio
para depois ir em frente
sofrendo do duro remorso
de ter sido parricida:
pois naquela bofetada,
a alma do meu marido
pai do monstro aparecido
também morreu numa estrada
da qual não se volta em vida.

E este filho excomungado
que profanou a matriz
(matriz é fonte da vida)
terá de morrer de novo
e somente nesta morte
pagará sua sentença.
E eu então serei feliz

Perto do rio Poti
há um pé de angico
um pé de angico
ai, um pé de angico

Perto do rio Poti
havia um pé de angico
havia um pé de angico

Foi arrancado pela mania de modernização
ou foi por causa de alguns bêbados
motorizados?

Em Teresina
a noite é companheira e cúmplice
de homens e tratores

(Glória Sandes)



AMOR

Enigmas

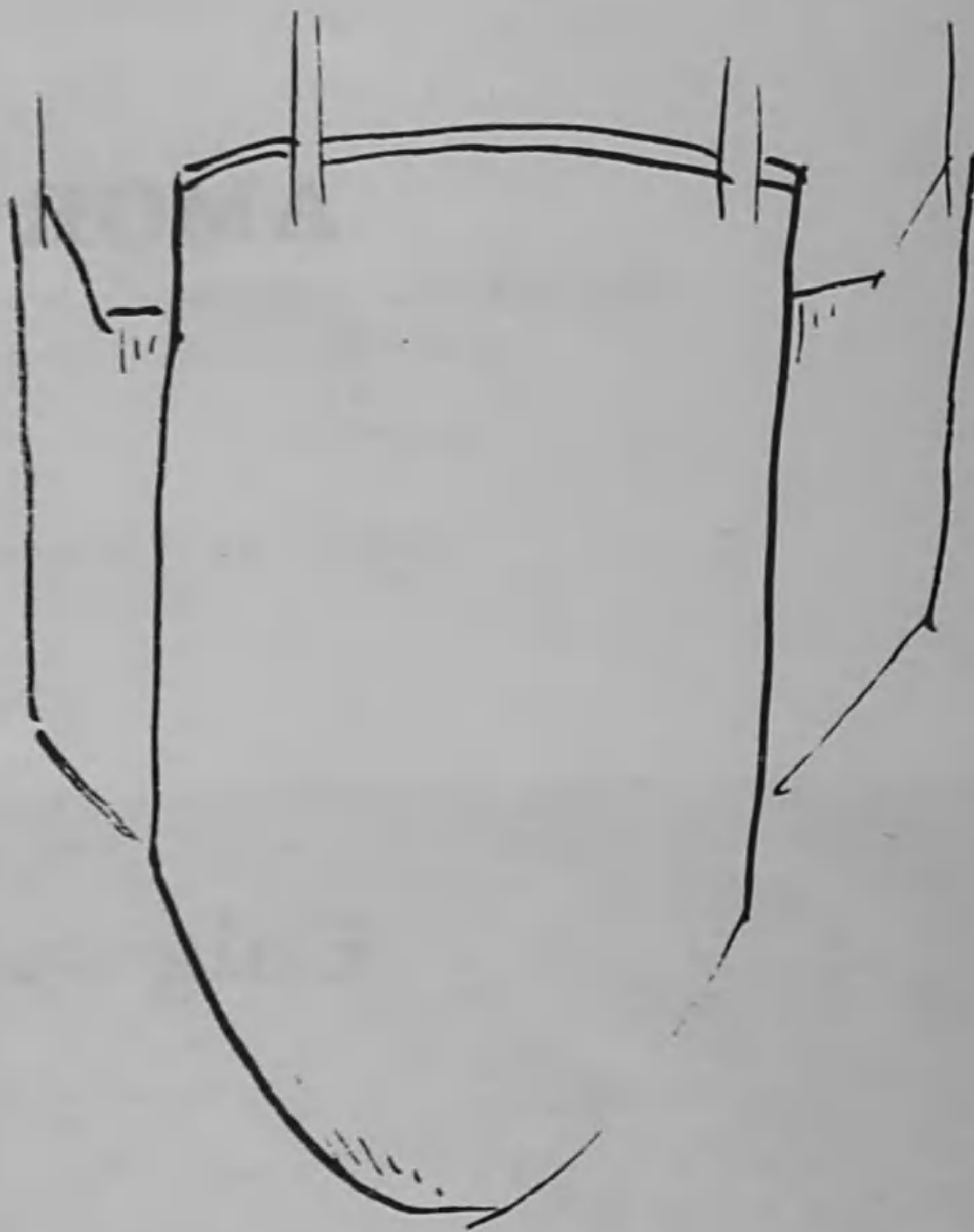
Paulo Machado

ENIGMA

Poema

Desiderativ0

Carlos Alberto Gramosa



no beco sem saída do viver
o ato a ação de viver
no beco sem saída do sofrer
o ato da crença da esperança
de Janeiro a Janeiro
o amor é o timoneiro na trajetória
do desiderato à volta de mares e/ou continentes
a constelação das sementes cintilantes na mente
de Janeiro a Janeiro
o canto é o meu mantra:
de lida e livração
sentido único pra mim
de Janeiro a Janeiro
o canto no seu périplo contemporaniza
no tempo no espaço no ato na ação
estrutura e enrijece
protelando a hecatombe
não mais protelando a paz
dessedentando-nos numa adição de força
avançando avançando
de Janeiro a Janeiro
com o amor timoneiro



ETENI 117

centenario

Tobias Pinheiro

I

Celso Pinheiro, o Monge da Saudade,
todo de branco como um santo nobre,
serviu de exemplo à minha mocidade
e nas reminiscências se descobre.

Em Teresina, a plácida cidade,
chapada verde que a esperança encobre,
ainda o recorde e seu perfil invade
minhas lembranças de menino pobre.

Quem me dera revê-lo ainda agora,
compondo seus sonetos à Dindinha,
tecendo versos a Nossa Senhora...

Acordava mais cedo do que os galos
para compor seus poemas e, à tardinha,
no meio dos amigos declamá-los.

LOREDANA (a que tinha pressa de voltar)

Um
anjo
nos vi-
sitou e
algumas ho-
ras conviveu
conosco.

Frágil flor mensa-
geira de carinho,
bela e singela vela
tocada à praia do nos-
so afeto,
na claridade e mudez da
inocência parecia segredar:

“Cheguei, estou aqui, mas logo
partirei.
Saibam de mim vocês que vão no
temporal da vida: eu sou o anjo da
paz, da paz que não existe aqui.”

Nunca esqueceremos
o anjo que nos visitou e pouco tempo conviveu conosco
em corpo e sentimento.

Jamais esqueceremos o fato extraordinário:
a visita de um anjo de verdade
que deu o seu recado
de amor,
e
se
foi
sereno
entre flores,
semente germinada
na fantasia emotiva dos nossos corações.

Hardi Filho

II

Viúvo e pobre, com ínfimo salário,
Celso Pinheiro é recordado e existe
como se fosse um simples missionário
dos sem-consolo que o tornaram triste.

quase nada se acresce ao centenário
desse Quixote a andar de dedo em riste,
pois não deixou de ser como um canário
que canta mais quando lhe falta alpiste.

Mesmo inédita, a sua poesia
é comparada às flores de um deserto,
maná que não passou de uma utopia.

Cantou, sonhou, sofreu nos seus dilemas
e o ideal era um só, no sonho incerto,
espalhar sobre a terra seus poemas.

III

Só de tanto cantar muitas cantigas,
só de tanto sonhar sonhos dourados,
foi vencedor das hostes inimigas
com muitos territórios conquistados..

Mais de dois mil sonetos são as vigas
dos palácios por Celso edificadas;
seus versos são a inveja das formigas
astros nos olhos de predestinados.

Suas frotas de sonhos, seus castelos,
os continentes vastos como os céus,
além de puros, permanecem belos.

Celso enganava na aparência humilde
e era, mesmo ocultando seus troféus,
rico, mais rico do que Rotschild.



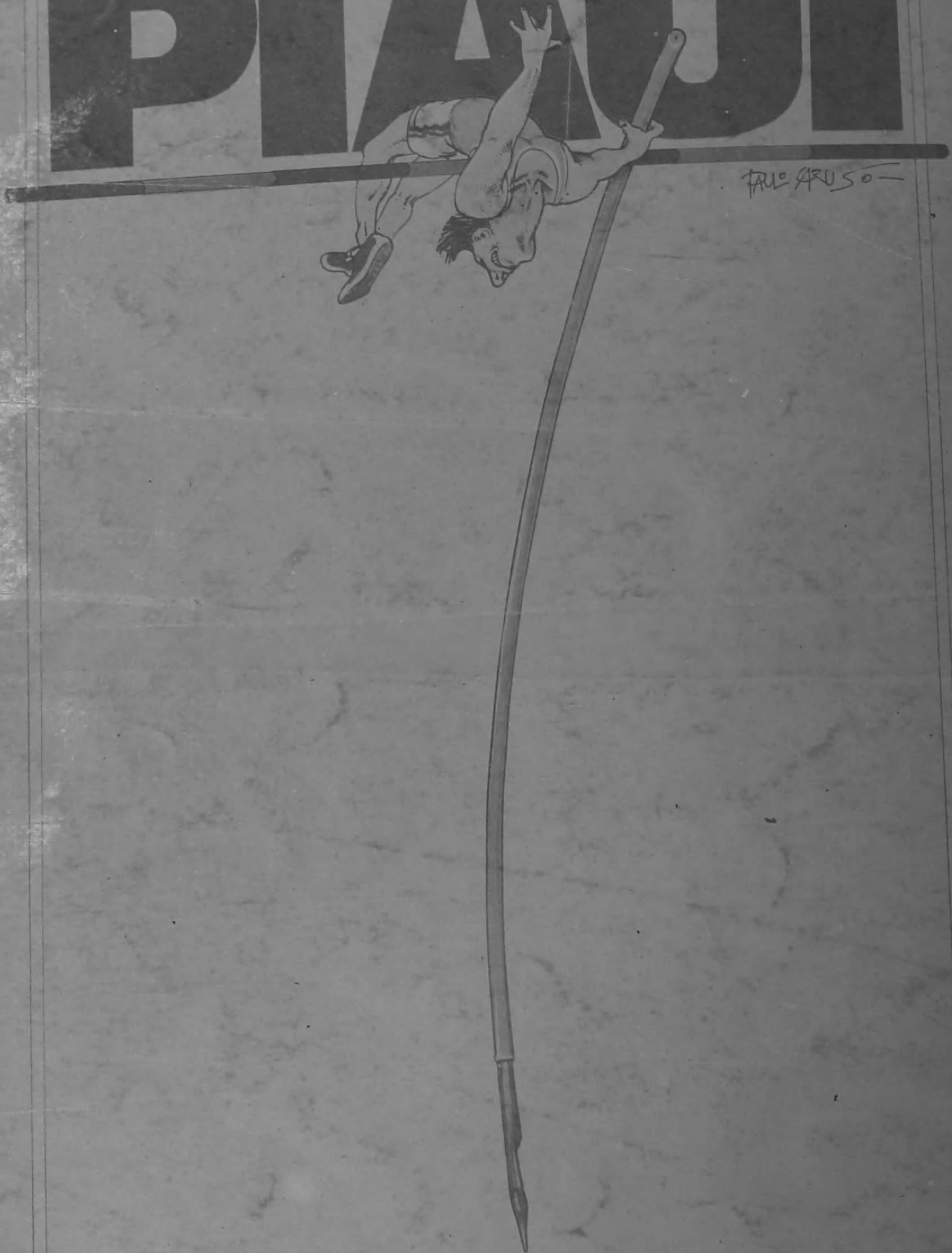
Secretaria de Cultura,
Desportos e Turismo



**PROJETO
PETRÔNIO
PORTELLA**



VI SALÃO DE HUMOR DO
PIAUÍ



THEATRO 4 DE SETEMBRO
24 DE AGOSTO A 10 DE SETEMBRO DE 87

GOVERNO ALBERTO SIENA
Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo
Fundação Cultural do Piauí

INFORMAÇÕES: Praça Marechal Deodoro, 816 Palácio da Cultura - 64.000.
Telefone: 223.4656 - Ramal 71 - Teresina-Piauí.